

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS
GERAIS**

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**“MÃE SOCIAL”:
UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A OPÇÃO
PROFISSIONAL DE SER MÃE**

Nádia Rodrigues de Figueiredo

**Belo Horizonte
2006.**

Nádia Rodrigues de Figueiredo

“MÃE SOCIAL”:

UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A OPÇÃO

PROFISSIONAL DE SER MÃE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação na linha de pesquisa “Psicanálise subjetividade e práticas clínicas” da Pontifícia Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Orientadora: Ilka Franco Ferrari

Belo Horizonte

2006.

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F475m

Figueiredo, Nádia Rodrigues de

Mãe social: um estudo psicanalítico sobre a opção profissional de ser mãe /
Nádia Rodrigues de Figueiredo. - Belo Horizonte, 2006.
189f.

Orientadora: Ilka Franco Ferrari

Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Bibliografia

1. Mãe – Psicanálise. 2. Menores abandonados. 3. Mulheres – Condições
sociais. I. Ferrari, Ilka Franco. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.964.2

AGRADECIMENTOS

“ Agora eu, eu sei como tudo é: as coisas que acontecem, é porque já estavam ficadas prontas, noutra ar, no sabugo a unha; e com efeito tudo é grátis quando sucede, no reles do momento. Assim exato é que foi, juro ao senhor. Outros é que contam de outra maneira.” (ROSA)

Agradeço, em primeiro lugar, ao Sérgio, à Lu e à Nina, meus amores, por terem sobrevivido ao meu lado nesse tempo, aturando a correria, o mau humor, a impaciência. A Sérgio, por ter-se mantido fiel ao juramento de estar junto na alegria, na riqueza, na saúde e... no mestrado!! A Lu e Nina, por terem-se mantido fieis, mesmo sem ter jurado!!

Aos meus pais, que seguram a onda sempre, em toda e qualquer circunstância, e não fizeram diferente nesse tempo. Pelo contrário: deram todo o apoio possível, com o maior carinho, em tudo que precisei.

Aos meus irmãos, Mara e Nil, pela força e cuidado, e à minha cunhada Liliane pela leitura e colaboração preciosa.

À Stella Brandão e Eliane Marta, pelo empurrão inicial para o ingresso na peleja.

Aos professores do mestrado que alargaram meus horizontes, como se eu estivesse entrando para a universidade agora. Experiência prazerosa, após tantos anos longe da escola no banco do aluno. Gostaria de agradecer em especial à Jacqueline Moreira, excelente professora, que se tornou amiga e grande incentivadora.

Aos colegas do mestrado, que já me deixaram saudade, partilhantes da mesma agonia, companheirismo de tempo curto, mas extremamente agradável.

Ao meu querido ex-cartel de estudo sobre as mulheres: Júnia, Tereza, Rosângela e Lúcia Castello Branco. À Bárbara Guatimosim e Elisa Arreguy, pela riquíssima interlocução.

Aos amigos de farra, em tempos de luta. Vinhos, gastronomia, encontros musicados ou não. Especialmente à Heliana, Xará e Toninho, amigos que toleraram de

tudo, além de compartilharem ou mesmo promoverem a farra. E mais, a Lu e Ana Alvarenga, Evandro, e meu grupo de percussão favorito, com direito a lanche e bate-papo.

À Ana Maria Portugal, pela escuta e... por tudo mais.

Ao Jeferson e à Vera, pela disponibilidade e pela valiosa ajuda no exame de qualificação.

Ao Mário Andrade, amigo, maior leitor que já conheci. Escuta apuradíssima. Colaborador sem o qual não seria possível a “alquimia do texto”.

Às mães sociais, com quem muito aprendi, agradeço a colaboração e disponibilidade com a qual aceitaram conceder entrevistas.

Finalmente, à Ilka, minha orientadora. Figura incansável, exigente, atenta e extremamente generosa no fornecimento de material, indicando livros, emprestando e xerocando textos, possibilitando, assim, consolidar essa árdua tarefa.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado visa refletir, com o aporte da psicanálise, sobre o surgimento de uma nova profissão regulamentada por lei, denominada “Mãe Social”.

Essa profissão surge, vinculada à criação de um abrigo chamado “casal” dentro dos programas de políticas públicas, como uma resposta criada pelos dispositivos políticos de nosso tempo ao problema do abandono e dos maus tratos. Busca-se investigar, nesta pesquisa, essa figura contemporânea, a “mãe social”, personagem que faz parceria complementar com o abandono e os maus tratos, profissional que aceita acolher essas crianças e, nessa situação, tomar a seu cargo o acontecer psíquico de um sujeito. Parece não ser sem razão que essa profissão surge justamente neste momento em que o discurso corrente é capitalista, com as características de segregação e de perda dos vínculos. É próprio de nossa época a oficialização dessa parceria como um cargo trabalhista, como uma profissão regulamentada por lei.

Nessa escolha profissional, feita por essas mulheres, não se pode desconsiderar a questão do feminino, que está em jogo, enlaçado ao tema do desamparo e da privação, bem como o gozo que essa questão implica.

Percebe-se que as possibilidades de direcionamento dessa função de mãe social são diversas, de acordo com a posição que toma aquela que acolhe as crianças abandonadas. A maneira como cada mãe social exercerá sua função implica uma posição sua em relação à própria privação, como poderá se haver com a falta, seu endereçamento ao Outro e sua posição quanto ao desejo e ao gozo.

Para tornar possível a realização da pesquisa e, com vistas a evidenciar o surgimento dessa nova categoria de mãe – a mãe social, sua função e sua especificidade - optou-se por tomar como objeto de estudo, mães sociais responsáveis pelas casas lares selecionadas.

Esta pesquisa foi movida pela crença de que o testemunho dessa prática, à luz de algumas reflexões sobre o contexto em que ela surge, traz contribuições para o campo das políticas públicas, naquilo que diz respeito às questões do abandono e das

respostas sociais que vêm sendo construídas, já que a profissão de mãe social porta um caráter inovador.

PALAVRAS CHAVE: Abandono; Mãe-social; Casa-Lar; Feminino; Psicanálise.

ABSTRACT

This dissertation, with its psychoanalytical stand, aims at reflecting on the appearance of a new profession ruled by new laws, which is denominated Social Mother.

This profession appears as an answer given by public policies of our times to the problem of child neglect and mistreatment, and it is complemented by the creation of a shelter called “shelter homes” The aim of this research is to investigate this contemporary figure –“the social mother”—a character who has become a complementary associate in mitigation of abandonment and mistreatment, since she is a professional who accepts to take under her responsibility children who are in such a condition and to be in charge of the psychic events of a specific subject.

This research also aims at investigating this kind of neglect, if it has always been present, and if the new profession has given an answer to that problem. It is absolutely necessary to investigate the nature of the phenomenon of neglect and its adequate answer at the present moment. It seems it is not without reason that this profession appears exactly in this moment, when the current discourse is the capitalist one, with its characteristics of segregation and loss of bonds. It is a characteristic of our times to get official permission to have a partnership created by the association of a new labor position and a profession regulated by law.

Within this professional choice made by this woman, it is necessary to consider the feminine question that underlies the matter. It is frequently attached to the theme of disdain and privation, as well as pleasure of this question.

It is evident that there are several possibilities of direction of this Social Mother function and they vary according to the views of the woman who shelters these children. The way each Social Mother will exert her function will be according to her position concerning her own privations, which has to do with the notion of lacking, her own way to address the Other and her position concerning desire and enjoyment.

In order to make the research become feasible and in order to make the role of this new category of mother become visible –the social mother, her function and her specificity—it has been decided that the object of study will be the Social Mothers responsible for the selected “shelter homes”.

This research was motivated by the belief that the testimony of this practice, as well as some reflections about the context within which it appears, may bring contributions to public policies concerning questions of abandonment, and social answers that have been built, since the social mother profession has characteristics that are highly innovative.

KEY WORDS: Neglect ; Social Mother; Shelter homes; Feminine; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	11
2 - UM POUCO DE HISTÓRIA.	19
2.1 – História do Abandono	19
2.2 – Trajetória do Abandono e da Assistência no Brasil	21
2.3 –Algumas considerações históricas sobre as Mulheres, as mães e as mulheres criadeiras	32
3 – MULHERES, MÃES E PSICANÁLISE: FEMININO E DESAMPARO	39
3.1 – Mães e mulheres na psicanálise	41
3.2 – As manifestações do Não- todo: Feminino e desamparo	48
4 - SOBRE A PESQUISA NO CAMPO DAS CASAS LARES E SUA DISCUSSÃO.	52
4.1- Circunscrevendo o campo	52
4.2 – Descrição narrativa das casas	57
4.3 – Aspectos Diretores e Temas Eixo	59
4.3.1 –Forma de ingresso na instituição	60
4.3.2 – Formas de operacionalização da função mãe	71
4.3.3 – Acolhe-se o abandono	76
4.3.4 – Sobre a função de educar	79
4.3.5 – A questão da separação	84
5 – CONCLUSÃO	91
5.1 – Limitações do trabalho e Sugestões para novos estudos	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
ANEXO 1	108
ANEXO 2	113
ANEXO 3	115

INTRODUÇÃO

Perdido na multidão, na praça, em festa de quermesse, o garotinho se aproxima de um policial e, choramingando indaga: “*Seo guarda, o Sr. não viu um homem e uma mulher sem um meninozinho assim como eu?*”. Essa é a forma que, em Aletria e Hermenêutica, no livro Tutaméia, (1985) Guimarães Rosa, jocosamente, expressa pela subtração, a relação de uma criança com seus pais.

Tal construção literária escancara, de modo caricatural, a forma como, segundo o ensino de Lacan, um sujeito pode advir: é preciso supor uma falta no Outro, um lugar no desejo do Outro. Essa questão aloja sempre uma discussão sobre o gozo aí envolvido, pois não se trata de “*um desejo anônimo*” (LACAN, 2003/1969). É essa a idéia que Guimarães Rosa transmite de maneira poética: a certeza de uma criança que supõe ter um certo lugar e um lugar certo junto aos pais. A eles, Homem e Mulher, não lhes falta qualquer menino, mas “*um assim como eu*”. E o meninozinho crê nisso. Em contrapartida, para uma criança, também não se trata de qualquer pai ou de uma mãe qualquer... Freud, em seu texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), aponta a necessidade de que a criança seja objeto do narcisismo dos pais e Lacan reitera tal posição como necessária para a constituição de um sujeito. Neste sentido, toda criança deve ser adotada pelo desejo de seus pais. Toda paternidade tem a ver com um dizer, com uma nomeação, e não com a reprodução.

Assim, a questão da filiação, da pertença, muitas vezes parece simples e natural, mas, como nos ensina a psicanálise, requer um trabalho tortuoso e complicado que nem sempre se dá. No caso de crianças que são abandonadas, essas questões tornam-se ainda mais complicadas, pois, tais crianças, não sendo investidas narcisicamente pelos pais que as abandonaram, são, muitas vezes, como nos diz Nominé (2001), “*deixadas a serviço do gozo*”. Não é raro encontrar crianças em posição de se prestarem convenientemente a uma parceria de gozo, ocupando o lugar de objeto, por um lado, precioso, pérola capaz de atrair incomensurável amor e atenção, ou por outro, de ser abandonado, menosprezado, exposto à degradação, com intensidade igualmente avassaladora.

No Brasil, é cada vez mais significativo o quadro dramático da pobreza, da desagregação social e o crescente abandono de crianças, sejam elas de famílias miseráveis ou não. Diariamente, inúmeros bebês são deixados nas maternidades ao nascerem, outros, em bueiros ou porta de alguma casa. São constantes as denúncias e os flagrantes de maus tratos e incessantemente encontram-se crianças abandonadas em algum cômodo de favela em total estado de desamparo: doentes, sem água e comida por um longo tempo. Outras vezes, presenciam o extermínio de um dos genitores pelo outro, que foge, deixando as crianças sozinhas tragadas pelo espanto diante do absurdo vivido. Essas crianças, abandonadas pelo desejo, são expostas a uma realidade cruel e brutal. O abandono, o estranho, a privação, a situação de abuso, dor e espanto são algumas marcas que elas carregam no próprio corpo, entranhadas como uma cicatriz viva.

Frente a esta situação, as políticas públicas e programas de proteção social têm uma longa trajetória de assistência às crianças abandonadas. Mais recentemente, os programas vêm sofrendo mudanças norteadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990), e pela Lei Orgânica da Assistência Social – Loas (1993). Entre as medidas de proteção a essas crianças abandonadas e que sofrem maus tratos, destaca-se o “Abrigo”, que atualmente se organiza principalmente em torno da modalidade chamada “Casa Lar”. A criação desses abrigos é uma medida provisória excepcional, prevista no ECA, utilizável como forma de transição para colocação de crianças em família substituta. Com um caráter emergencial, seu objetivo é substituir os antigos grandes abrigos. A novidade dessa nova instituição, é que ela pretende oferecer um atendimento mais personalizado a pequenos grupos, nos moldes de uma residência comum, na tentativa de suprir certas funções que faltaram outrora a essas crianças. Segundo relatório elaborado pela equipe de pesquisadores da Fundação João Pinheiro em Dezembro de 2000, o quadro de funcionários de um abrigo deve ser constituído por um coordenador técnico, educadores, cozinheira e auxiliar de serviços. O abrigo “Casa-Lar” caracteriza-se pelo fato de que, o dirigente da entidade a qual pertence a casa lar, tem a guarda institucionalizada das crianças (CARVALHO, 1993). Vinculada à criação da “casa lar” surge, com um papel central, uma nova profissão, regulamentada por lei, denominada “mãe social”, cuja natureza é a mesma dos “educadores”, como é denominada às vezes, com a função de receber e cuidar das crianças que chegam a esses

abrigos, de forma a “*propiciar as condições familiares ideais ao seu desenvolvimento*” (Lei, 1987, art.1º).

Muito já se falou sobre as crianças abandonadas ou mesmo sobre aquelas que as abandonaram – as mulheres abandonadas pelo desejo de se tornarem mães, ou marcadas pela impossibilidade da assunção desse papel - mas pouco ainda se disse sobre aquelas que, no sentido contrário ao ato de abandonar, se decidem pelo ato acolhedor, especialmente quando se trata de uma profissão, como a mãe social.

Esboça-se assim o que essa pesquisa busca investigar: essa figura contemporânea, a “mãe social”, personagem que faz parceria complementar com o abandono e os maus tratos, profissional que aceita acolher essas crianças e, nessa situação, tomar a seu cargo o acontecer psíquico de um sujeito.

Algumas particularidades que emergem no contexto das políticas públicas e no seio das “casas lares”, ainda merecem ser interrogadas uma vez que constituem o terreno onde surge o objeto desse estudo: as “mães sociais”.

Chama a atenção, por exemplo, a adjetivação dada tanto à casa quanto à mãe: “Lar” e “Social”, respectivamente. A mãe, há muito, vem sendo adjetivada (SANTIAGO, 2001) como mãe “solteira”, mãe “adotiva”, mãe “boa”, mãe “má”, “santa” mãe, mãe “desnaturada”, além das locuções adjetivas “mãe de Deus”, “mãe de santo”, “mãe de ouro”...O que, então, particulariza a mãe “social”, nessa casa que se pretende “lar”?

Na organização dessa casa que se quer “lar”, o lugar do pai social não existe necessariamente. A profissão de “pai social” ainda não é regulamentada por lei, tal como fizeram com a “mãe social”. Nesse contexto, o pai que por ventura faz parte do cotidiano de alguma casa, aí se apresenta como marido ou companheiro da “mãe social”, em outros casos, pode ser o irmão da mãe social. Além disso, em algumas casas, residem mais de uma “mãe social” para dividir tarefas e nenhum homem no papel de companheiro da mãe.

Causa uma certa estranheza a superposição das categorias “mãe” e “profissão”. Por se tratar da mãe como profissão, a “mãe social” tem o direito de folgar no fim de semana, tirar férias, licença maternidade, além de, eventualmente, poder ser demitida, ou seja, ela pode (e deve) se ausentar em determinados períodos, como um direito trabalhista.

Conforme já se observou, a instituição “casa lar” foi criada como uma “casa de passagem”, tendo como objetivo prioritário reencaminhar as crianças para sua família de origem ou encaminhá-las para adoção. Em função disso, há uma recomendação explícita, às mães que são contratadas, para que não criem vínculos com as crianças, no intuito de não comprometer seu possível encaminhamento, havendo assim, no horizonte dessas relações, já de início, a perspectiva de uma separação. Uma mulher que aceita se candidatar ao cargo de mãe social pode receber, de uma só vez, dez a treze crianças de origens e idades diversas ou até de idades iguais. O que há em comum nessas crianças é o abandono e conseqüentemente, suas histórias de devastação, vestidas de amargura e desengano.

Todas essas peculiaridades provocaram indagações sobre essa figura enigmática, a mãe social. Quando se pensa no significante “mãe”, a partir da psicanálise, pode-se indagar qual a função de um filho no desejo feminino, pois, como já foi dito, “*não se trata de um desejo anônimo*” (LACAN, 1969/2003). Diante dessa profissional mãe social, pode-se indagar quais as implicações dessa adjetivação “social”. Estariam as mães sociais acolhendo cada criança em sua particularidade, ou o “social” apontaria para uma outra posição dessas crianças no desejo dessas mulheres? Sabe-se ainda que, segundo a psicanálise, toda escolha implica uma posição frente ao gozo. Sendo assim, seria possível, dizer algo sobre as formas do gozo implicado nesta questão? Que escolha é essa que algumas mulheres realizam, que as leva a serem parceiras da situação de abandono e maus tratos e protagonistas na posição de “mãe”, sem criar vínculos com as crianças, como lhes é recomendado pelas normas da instituição? Que escolha profissional é essa que essas mulheres fazem, que as mantêm em contato direto com o desamparo humano, provocado pelo encontro com um real avassalador, tornando-se, através da profissão de mãe, aquela destinada a organizar, de certo modo, a desordem que se instala na norma estabelecida sobre a função da família?

Embora o abandono de crianças e as formas de lidar com ele, tenham existido desde a Antiguidade, a construção de uma resposta que cria essa profissão denominada mãe social, faz parte de um dispositivo inédito da civilização contemporânea. Por se tratar de um tema novo, essa pesquisa tomou inicialmente o caráter de uma pesquisa exploratória, objetivando “*proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito*”

(http://www.unilestemg.br/pic/manual_de_normas.html). Num segundo momento, a pesquisa tomou o caráter de uma pesquisa clínica na forma de estudo de caso. *“O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita a investigação de seu amplo e detalhado conhecimento”*(http://www.unilestemg.br/pic/manual_de_normas.html).

Na medida em que se optou por tomar como objeto de estudo as mães sociais, com vistas a evidenciar seu surgimento, sua função e sua especificidade, optou-se por utilizar, como eixo principal de investigação, entrevistas individuais, com mães sociais responsáveis pelas casas lares selecionadas para estudo¹. As entrevistas foram dirigidas a partir daquilo que surgia espontaneamente durante o fluxo do relato das mães sobre a sua experiência como mãe social. As entrevistas foram feitas nas casas lares, tendo sido gravadas com o consentimento das mães sociais e transcritas posteriormente.

Embora tenham sido visitadas e entrevistadas sete mães sociais, o material deste estudo não ficou restrito a essas entrevistas. A Secretaria de Desenvolvimento e o Juizado de Menores de Contagem, por ocasião de um programa de capacitação para mães sociais, formularam convites para que, na qualidade de pesquisadora no campo da psicanálise, participasse de encontros com seus representantes. Foram solicitadas palestras e discussões com as mães e dirigentes das casas lares, com o intuito de discutir com eles seu papel, sua função e suas dificuldades. Assim, várias reuniões foram realizadas e as mães puderam ser ouvidas em suas dúvidas, angústias e relatos relacionados ao desempenho dessa função de acolhimento. A participação nesses eventos enriqueceu bastante o campo pesquisado e boa parte do material neles colhido também foi usado neste estudo, embora seu registro, pelas circunstâncias em que ocorreram, não tenha contado com os meios de gravação e transcrição dos textos como ocorreu no caso das entrevistas. Mesmo assim, esses relatos foram registrados e narrados o mais fielmente possível, pois eles vêm, muitas vezes referendar, ou enriquecer o conteúdo obtido nas entrevistas.

O corpo teórico da psicanálise foi utilizado para viabilizar a formalização dos dados obtidos e a produção do saber sobre as questões colocadas. *“Se considerarmos que há um modo de conceber e fazer pesquisa em psicanálise que lhe é próprio, estamos no terreno do método”* (ELIA, 2000 p.22) - o método psicanalítico – que foi

¹ Os critérios para essa seleção serão expostos no capítulo III.

usado como instrumento de investigação nessa pesquisa. A pesquisa em psicanálise é sempre uma pesquisa clínica, sendo a clínica, uma forma de acesso ao sujeito do inconsciente. Isso pressupõe que, se o pesquisador, inicialmente, ocupa o lugar do analista, lugar de escuta e de causa, de onde surgirá, através de livre associação, uma oferta de material para trabalho, haverá no desenvolvimento da pesquisa propriamente dita, um giro em sua posição discursiva, de maneira que ele passa a ocupar a posição do analisante.

“Pesquisar, é antes uma posição de trabalho, a segunda posição no discurso, também designada como lugar do Outro do discurso, lugar do trabalho na transferência de um sujeito dividido a partir do saber constitutivo do campo do inconsciente, campo de pesquisa, como o definimos” (ELIA, 200 p.24).

Assim, o trabalho de análise e a interpretação dos dados dessa pesquisa, acompanharam a mesma lógica que orienta o trabalho clínico sobre o inconsciente, descrito por Miller (MILLER, 1998 a), citado por Guerra (GUERRA, 2001), permitindo identificar categorias de análise através de três operações-redução: a repetição, a convergência e a evitação.

A repetição produz a insistência de alguns elementos estruturais em torno dos quais se modulam as idéias discursivas. Na medida em que, num discurso, algumas idéias, palavras e imagens se repetem, essa repetição cria uma outra dimensão, uma outra cadeia significante: a cadeia inconsciente. Assim, nessa dissertação, então, além dos dados objetivos que puderam ser captados na experiência destas mães, buscou-se, a partir dos dados das entrevistas, algo da subjetividade que se apresentava, na particularidade e naquilo que se repetia na história de cada uma.

A convergência por sua vez, diz respeito à afluência *“dos enunciados para um enunciado essencial, enunciado da convergência que é o significante mestre do destino do sujeito”*.(MILLER, 1998 p.48 apud GUERRA, 2001 p.88). *“É o ponto de redução para o qual converge o movimento de repetição significante”* (GUERRA, 2001). Com essa operação, busca-se a escuta do significante portador do traço inscrito no

inconsciente ligado à perda ou abandono do objeto, denunciando o UM contável como marca de gozo - golpe repetitivo vindo do campo do Outro. A evitação apresenta-se no tropeço do discurso. Aquilo que não está dito, mas que se manifesta exatamente pela repetição de sua ausência, pelo contorno dos impasses e dos obstáculos que evidenciam a presença do real.

A utilização desse recurso metodológico promoveu a ampliação das possibilidades de leitura dos dados e, a partir daí, pôde-se estabelecer alguns temas-eixo que foram discutidos sob a ótica da teoria psicanalítica. Assim, esses temas-eixo, a apresentação do campo pesquisado, bem como a complementação da discussão teórica que esses temas exigiram, são apresentados no quarto capítulo. No terceiro capítulo, faz-se uma incursão no campo da maternidade e da feminilidade sob a ótica da teoria psicanalítica, situando ainda essas questões na sociedade contemporânea e no discurso capitalista.

O segundo capítulo tem o objetivo de situar o leitor no contexto histórico, procurando abordar alguns dados significativos relativos à questão do abandono e das respostas sociais que foram surgindo frente ao problema, bem como à questão da maternidade e do papel da mulher nesse contexto. Essa abordagem procurou demonstrar como essas considerações se revestem de interesse por assinalar a surpreendente repetição do abandono e dos maus tratos e a semelhança, ao longo da história, desse papel ocupado por algumas mulheres. Mudam-se os nomes dos abrigos, as formas de organização e de funcionamento, o contexto histórico, o discurso que se estabelece, mas a criança desvalida e seu correlato, alguém que se encarrega disso, formam um par que sempre houve. Para essa contextualização histórica foram utilizados os estudos feitos pela equipe do Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina (CEDHAL), que desenvolveu um projeto de pesquisa específico, ligado à história da infância brasileira desvalida, coordenado por Maria Luisa Marcílio e pelo debate filosófico animado por Elizabeth Badinter.

O surgimento da mãe social como profissão acontece em uma civilização onde o termo freudiano *Hilflosigkeit*, desamparo, é atual. Desamparo próprio do capitalismo, “*um desamparo organizado frente aos fundamentos do imperativo de rentabilidade*” (MILLER, 2005a, p. 18). A dimensão social do sintoma determina a forma e o contexto dos laços sociais. Se por um lado, a escolha por essa profissão é determinada pela

subjetividade das mulheres que se candidataram a ela, por outro lado, há o valor social desse trabalho, na civilização contemporânea.

Esta pesquisa foi movida pela crença de que o testemunho dessa prática, bem como algumas reflexões sobre o contexto em que ela surge, podem trazer contribuições no campo das políticas públicas naquilo que diz respeito às questões do abandono e das respostas sociais que vêm sendo construídas, já que a profissão de mãe social porta um caráter inovador.

CAPÍTULO 2

UM POUCO DE HISTÓRIA

2.1- HISTÓRIA DO ABANDONO

Para melhor compreensão do surgimento da chamada mãe social e da casa lar, é interessante percorrer a trajetória do abandono de crianças e da construção das respostas sociais de proteção e assistência que foram dadas a este fenômeno, ao longo da história, no ocidente e na idade moderna brasileira, desde o início da colonização.

Hoje, faz parte da paisagem diária das grandes cidades, a chocante e trágica cena de crianças desvalidas, que perambulam sujas pelas ruas, submetidas a todo tipo de abuso e sofrimento causados por maus tratos, tornando-se necessário recolhê-las e encaminhá-las às instituições de abrigo – atualmente denominadas, casas-lares. É importante ressaltar, entretanto, a notável reprodução desses fatos ao longo da história da humanidade. Por vezes, o rastro dos traços esboçados nos cenários de centenas e centenas de anos atrás, evoca tessituras, ruídos e odores, prenes de uma enfadonha repetição, absolutamente sinistra, familiar e atual...

Segundo estudos feitos pela historiadora Maria Luiza Marcílio (1998), o ato de abandonar bebês ocorre, em grande escala, desde os primórdios da história do homem, pelo menos no ocidente. Na Antiguidade, o pai tinha poder absoluto sobre os filhos, sendo-lhe permitido matar, vender ou expor os recém-nascidos. A prática era comum, principalmente em caso de pobreza ou deformidade da criança. O aborto e o infanticídio eram considerados legítimos e plenamente aceitos.

No final da Antiguidade e início da Idade Média, a concepção cristã de caridade foi proclamada e praticada por fiéis, bispos e monges em relação aos desvalidos. Foram criados os primeiros locais de acolhida para os pobres, doentes e crianças expostas². A igreja e o espírito de caridade, pregado por ela, tiveram um importante papel no recebimento de bebês abandonados, embora não houvesse nenhuma condenação ao ato

² A expressão “criança exposta” ou “enjeitada” era comumente empregada para designar o que hoje chamamos “criança abandonada”

da exposição. A exposição de crianças era aceita e tolerada, quando não estimulada, sendo justificada por questões morais e econômicas, considerada, inclusive, uma forma de evitar o infanticídio que, esse sim, começou a ser condenado pela igreja.

Durante a Idade Média, a caridade e a piedade, despertada pela igreja para com o miserável e o enjeitado, traziam uma perspectiva de salvação para a alma daqueles que prestavam socorro aos necessitados. Começam, então, a surgir as confrarias (século XII) e multiplicam-se os pequenos hospitais que recolhem os desamparados. A pobreza adquire um novo valor social, pois o sofrimento e a privação são associados à idéia de santificação. Nasce, assim, novas práticas de assistência à criança abandonada como meio de salvação. A criação dos abrigos cumpre uma dupla função cristã: evita o infanticídio e possibilita aos ricos e cristãos exercerem o amor ao próximo (VENÂNCIO, 1999). A grande preocupação com os enjeitados, passa a ser o batismo e a salvação da alma das crianças inocentes: *“Os pais estariam assim devolvendo a Deus – por intermédio do abandono – o filho que não queriam”* (MARCÍLIO, 1998 p. 47). Trata-se, então, de dar a elas, pelo menos, a “boa morte”.

No final da Idade Média, passa a ser institucionalizada em toda Europa, a “assistência caritativa” à infância abandonada (MARCÍLIO, 1998). Começa a haver uma centralização dos serviços sociais para recebimento dos expostos em grandes hospitais, com o apoio das municipalidades, dos legados e das confrarias de leigos. Neles são instaladas as chamadas “Rodas de expostos”.³ Essas instituições se generalizam por toda a Europa católica, durante a época moderna, especialmente no século XVII, visando assistir as crianças desamparadas. Segundo a historiadora citada, *“há pouco mais de um século, houve anos, em certas áreas da Europa Ocidental, em que, de cada duas crianças nascidas, uma era abandonada”* (MARCÍLIO, 1998, p.11)

³ O nome “Roda” se refere a um dispositivo projetado para garantir o anonimato de quem enjeitava: uma caixa redonda com uma abertura suficiente para caber um bebê, girava num eixo, embutida nos muros das instituições. Assim, o expositor, do lado de fora, colocava a criança pela abertura da roda e a girava para que o bebê fosse retirado pelo lado de dentro.

2.2 -A TRAJETÓRIA DO ABANDONO E DA ASSISTÊNCIA NO BRASIL

A história da colonização do Brasil – “*esse estranho país na periferia do Ocidente*” (FIGUEIREDO, 1999) – tem como traço distintivo, desde seu início, o caráter vivo da pobreza, da marginalidade social, da criança ilegítima e da criança abandonada.

Os colonizadores portugueses trouxeram novidades que encantaram e seduziram os índios, mas, também trouxeram doenças e pestilências nefastas para os nativos que não possuíam defesa orgânica para enfrentá-las. Como consequência, criou-se uma multidão de índios órfãos desamparados. (VENÂNCIO, 2004). Os Jesuítas criaram, então, as chamadas “casa dos muchachos” (MARICONDI, 1997) para abrigar os índios órfãos, vendo nelas a oportunidade de catequizá-los, já que as crianças se mostravam menos arredias que os adultos à conversão e eram vistas, então, como meio de viabilizar a difícil evangelização dos nativos (CHAMBOULEYRON, 1999, p.58). Essas primeiras instituições não abrigavam apenas os índios. Muito embora o interesse dos Jesuítas não fosse a sorte ou a assistência das crianças abandonadas e, sim, o intuito missionário e o de civilidade, eles recolhiam, ainda, as crianças portuguesas órfãs, que foram despachadas para a terra nova como forma de tratar as questões dos expostos de Portugal (RAMOS, 1999).

Uma vez que os índios resistiam a uma domesticação para o trabalho de cultivo e exploração da terra, como interessava aos colonizadores, foram trazidos para o Brasil milhares de negros escravizados que viveram situações de miséria, humilhação e exploração. “*A situação das crianças negras não foi melhor que a dos adultos*” (MARICONDI, 1997, p 5).

A colonização da América, tanto espanhola como portuguesa, foi marcada pelo concubinato, mestiçagem, ilegitimidade e abandono de bebês (MARCÍLIO, 1998, p. 128). O confronto de uma moral religiosa rígida, fundante do modelo europeu de família que impunha a virgindade da mulher, com a terra paradisíaca de exuberante beleza natural, povoada por índios “*vestidos da nudez emplumada, esplêndidos de vigor*

e de beleza...” (RIBEIRO apud BACKES, 1999, p.44), trouxe conseqüências. Essa confluência curiosa alimentou e contribuiu para o concubinato, o adultério e a sobejidão da população. A prática de abandonar os filhos há muito utilizada pelos brancos, associada à situação de miséria, exploração e marginalização, levou os índios e, depois, os negros e mestiços, a seguirem o exemplo.

Ao longo do século XVIII, a população havia multiplicado por quatro as cifras do início do século. “*As cidades agregavam pobres e não sabiam o que fazer com eles*”. (VENÂNCIO, 2004, p 189/190).

Durante os séculos XVII e XVIII, a prática de abandono foi largamente praticada. O historiador Renato Venâncio (1999) distingue as formas de abandono “selvagem” e “civilizado”, diferenciando os termos usados na época: “expor” e “enjeitar”. Havia os que abandonavam as crianças, expondo-as nas praias, lixos, calçadas e terrenos baldios, oferecendo seus corpos como ceias aos cães, porcos e ratos que perambulavam pelas ruas. A visão dos corpos dilacerados, encontrados pela manhã, numa rotina quase diária, tornou-se sinônimo de barbárie, caracterizando o abandono selvagem. A maior indignação, herdada da tradição religiosa européia, no entanto, consistia no fato de os bebês morrerem sem receber o sacramento do batismo. A religião exercitava a bondade domesticando a miséria. Assim, incentivava-se, também no Brasil colônia, o propósito da caridade e formação das confrarias para acolher os expostos, garantindo aos pequerruchos o sacramento e, aos piedosos, a salvação para, depois, se possível, encaminhar os desvalidos para criação. Durante o período colonial, as leis portuguesas, através das câmaras municipais, impeliam os hospitais - as “*Santas Casas de misericórdia*”, mantidas pela doação dos devotos ricos - a arcarem com o socorro das crianças abandonadas. Tornava-se, então, um gesto “civilizado” enjeitar os bebês, confiando-os a essas instituições, uma vez que o ato de “enjeitar” continha um apelo para que alguém os acolhesse.

As causas do abandono podem ser atribuídas, principalmente, a duas grandes razões: à condenação social dos nascimentos ilegítimos e à miséria. Claro que não se pode restringir a essas duas causas apenas, a exposição de crianças. Havia, ainda, entre outras, a morte dos pais, ou uma forma extrema de controle da prole. Entretanto, o desejo de preservar a dignidade e a honra da moça de elite e das adolescentes, herança da moralidade européia, contribuiu de maneira contundente para a exposição de muitas

crianças. Grande número de enjeitados foi resultado de relações ilícitas e de promiscuidade (VENÂNCIO, 2004, p. 198). Nesse sentido, a criança era abandonada, abandonada pelo desejo, porque seu nascimento explicitava a existência de um desejo considerado ilícito. A pobreza, a miséria e a falta de recursos dos pais, também tornavam, muitas vezes, impossível a manutenção da criança na família, sendo considerada uma forma de proteção, a entrega do enjeitado a uma instituição ou a uma casa de família abastada. Assim, no final do século XVIII, coube às Santas Casas de misericórdia importarem o dispositivo dissimulador da “Roda de Expostos”, tão difundida na Europa e de vida longa no Brasil – algumas sobreviveram até 1938 no Rio de Janeiro, 1934 em Salvador (VENÂNCIO, 1999, p.170) e 1948 em São Paulo (MARICONDI, 1997, p.7).

Em Minas Gerais, a primeira casa de expostos foi criada em São João Del Rei, em 1832, sob a responsabilidade da Misericórdia local, conveniada com a Câmara Municipal e funcionava de maneira idêntica às de outras localidades brasileiras. (MARCÍLIO, 1998, p.174)

A historiadora Maria Luiza Marcílio (1998), após levantar uma extensa documentação sobre a história do menor desvalido, aponta três fases distintas na evolução da assistência à infância abandonada brasileira: a “Assistência caritativa”, a “Filantrópica” e a do “Estado como principal interventor”.

A primeira fase, de “assistência caritativa”, estende-se até meados do século XIX. Decalque do cenário do final da Idade Média na Europa, ela era de inspiração religiosa e suas formas de ação privilegiavam a caridade e a beneficência.

Oficialmente, as Câmaras Municipais, que eram compostas pelos chefes de famílias abastadas, nos cargos de vereadores e juízes, inclusive Juiz de órfãos, eram formalmente responsáveis pela assistência aos enjeitados. Venâncio (1999, p.26/27) descreve o roteiro da assistência oferecida pela câmara, que pode ser resumido assim: as crianças recolhidas deveriam ser imediatamente batizadas por quem as tivesse recolhido e, depois, encaminhadas à câmara para serem inscritas no juizado dos órfãos, registradas no livro de Matricula dos expostos e no auxílio camarário⁴. Cabia ao Juiz julgar o pedido de ajuda financeira para que a família criadeira pudesse arcar com a criança, o

⁴ Auxílio camarário: auxílio financeiro fornecido pela câmara para a criação dos enjeitados a quem se dispusesse a cria-los.

que era, muitas vezes, baseado em critérios de amizade ou clientelismo. Para aqueles que não encontrassem famílias criadeiras, a câmara contratava uma “ama de leite mercenária”, às expensas da municipalidade, por três anos. Ao término do período da amamentação, a criança que havia sobrevivido (o índice de mortalidade infantil era enorme) permanecia na casa da ama que, a partir de então, tinha o salário reduzido e era contratada como “ama seca”, até que o exposto completasse sete anos de idade. Ao fim desse tempo, a ínfima ajuda financeira terminava e os enjeitados, submetidos aos tutores e ao juiz do órfão, deveriam ser dados a lavradores para aprenderem um ofício e serem aproveitados em serviços necessários.

Uma característica distintiva do funcionamento das câmaras instituídas no Brasil, a despeito do modelo da metrópole, era que jamais se contratavam funcionários encarregados de recolher os enjeitados e manter um controle efetivo sobre sua situação. Essa prática favorecia a improvisação nas soluções dadas, baseadas no clientelismo e na amizade, numa versão da época daquilo que atualmente se chama “o jeitinho Brasileiro”. Essa forma “oficial” de acolhimento nem sempre, ou muito pouco, respondia às necessidades da colônia em função dos gastos que a coroa deveria despendar para o auxílio. A burocracia e a ineficiência dos serviços acabavam por excluir alguns bebês da assistência e, nos locais onde o socorro era prestado apenas pela municipalidade, havia grande incidência do abandono selvagem (exposição das crianças nas ruas e terrenos baldios e, não, nas instituições). (VENÂNCIO 2004, p. 191).

Desse modo, ainda nessa fase de “assistência caritativa”, a solução vinha de duas outras fontes: uma, informal, privada e largamente difundida no Brasil, com os expostos sendo criados em casas de família, por interesse, já que as crianças “criadas” podiam significar um complemento de mão de obra gratuito, muitas vezes mais eficiente que a mão de obra escrava, por basear-se em laços afetivos (daí o emprego do nome “criada”, como substituto de empregada, serviçal), ou por caridade, acreditando na salvação da alma. É interessante ressaltar essa relação, do martírio e do sacrifício, com Deus, pois, nessas circunstâncias, o sofrimento torna-se júbilo, uma vez que constitui demonstração de fé e, por conseguinte, proximidade com um Bem supremo, sagrado, para além dos bens terrenos.

A outra fonte de solução era o repasse da responsabilidade de acolher os enjeitados, da câmara para as “Santas Casas de Misericórdia” (mantidas por doações e

confrarias conveniadas com as Câmaras). Um dos escopos primordiais da Misericórdia era o de não deixar os bebês sem o batismo. Em 1828, com a chamada Lei do Município, as câmaras se livraram, oficialmente, da difícil e penosa obrigação, repassando-a, basicamente, às Santas Casas. Ainda no período colonial, os hospitais, que funcionavam em algumas localidades, paralelamente ao socorro das câmaras, foram os responsáveis por introduzir o sistema de “Roda” e, conseqüentemente, recolhiam todos os expostos depositados furtivamente. Funcionários da administração dos hospitais, chamados membros da “Mesa dos Expostos”, encarregavam-se de contratar “mordomos” ou “visitadores” que, por sua vez, tinham a função de arranjar as “amas internas” para criarem os expostos, muitas vezes, misturados aos enfermos, loucos e desvalidos. Outras vezes, as Santas Casas encaminhavam os bebês para serem criados por “amas de fora”, em seus domicílios e, logo após o período de amamentação, as crianças retornavam às dependências do hospital para serem encaminhadas a famílias ou se arranjar em outros meios para criá-las.

Foi somente no final do século XVIII que as Santas Casas de Misericórdia criaram instituições especiais, separadas dos hospitais, em algumas poucas localidades, para assistirem as crianças desvalidas: as “Casas da Roda”. Essas instituições exerciam suas funções nos moldes do funcionamento dos Hospitais das Santas Casas, com o sistema de contratação de amas.

É interessante que, assim como nas atuais “casas-lares”, nas “Casas da Roda” dirigidas pela mesa dos enjeitados, se utilizavam alguns critérios para a contratação das amas, que de acordo com Venâncio (1999 p. 56/7) eram:

- *Não deviam passar de 18 a 34 anos*
- *Deviam ser bem formadas e conformadas de corpo, alegres, asseadas, modestas e de bons costumes.*
- *Não deviam ter menos de dois meses, nem mais de dez depois do parto.*
- *Deviam ter boa saúde, isenta de toda qualidade contagiosa: lepra, sarna, epilepsia, etc.*
- *Não deviam ser menstruadas.*
- *Preferência dada às do campo e às que haviam parido varão*

Muitas vezes, como ainda hoje acontece, a escassez de amas era grande e nem sempre os critérios podiam ser respeitados, além de também serem ínfimos os salários.

Uma situação que gerava preocupação era o destino dos expostos após os sete anos de idade: os que não podiam continuar nos domicílios das amas reingressavam no círculo do abandono, perambulando pelas ruas e constituindo novo ciclo de casais miseráveis e de mulheres que abandonavam os filhos (VENÂNCIO, 2004 p.221). Ainda a partir dos fins do século XVIII, começaram a surgir propostas para o amparo aos expostos que completavam o sétimo aniversário. Por intervenção das “obras pias de Misericórdia”, criaram-se os “Recolhimentos das Meninas órfãs”, financiados por comerciantes ricos, apreensivos com a difusão de meninas prostitutas e andarilhas. A instituição tinha um caráter de reclusão, com fins devocionais e com o intuito de resguardar a honra e a virtude da mulher e não com objetivo de educá-las ou instruí-las. No caso dos meninos, foram raras as instituições criadas para protegê-los, antes de meados do século XIX. Surgiram algumas poucas no fim do século XVIII, ainda de caráter caritativo, como a criação de seminários (colégios internos) e orfanatos com o objetivo de promover a aprendizagem de algum ofício.

Diante da crescente e dramática dificuldade material das Casas dos Expostos, e da relutância das Câmaras em auxiliá-las, surgem as “Assembléias Provinciais” em socorro das Misericórdias. Esse sistema de “Filantropia” pública, associada à privada, foi mudando o caráter “caritativo” da assistência. No século XIX, começam a surgir as primeiras intervenções políticas no trabalho das Misericórdias, procurando colocá-las a serviço do poder público.

Inicia-se assim, a segunda fase da assistência ao menor, descrita por Marcílio (1998), a “fase da Filantropia” que vai de meados do século XIX até meados do século XX. Neste período, ocorreram grandes transformações sociais que repercutiram nas políticas públicas voltadas para a infância desvalida.

Dentre as mudanças sociais ocorridas, sem dúvida, a que merece maior destaque foi o fim da escravidão, com o surgimento da ordem econômica industrial capitalista. Outras importantes mudanças citadas por Marcílio (1998 p.191) foram:

“a queda da Monarquia; a separação da Igreja e do Estado; a quebra do monopólio religioso da assistência social; o avanço da legislação social pró – infância; a instituição do estatuto legal da adoção; a construção dos Direitos da Criança; as grandes reformas do ensino da década de 1930 (de Francisco Campos) e de 1961 (das

Diretrizes e Bases da Educação); e a emergência do Estado Protetor ou do Estado do Bem-Estar social (1960)”

Com a industrialização, surgiram novas categorias sociais e, associadas à freqüente imigração de estrangeiros, desenvolveu-se o setor terciário da economia. Foi ampla a movimentação da área rural para os grandes centros urbanizados, aumentando a diferença das classes sociais e incrementando a pobreza no país. A distinção entre a criança rica e a criança pobre começa a ficar bem mais delineada. A rica é alvo de atenção das políticas educativas para prepará-la para dirigir a sociedade. A criança pobre deve ser objeto de controle, de educação profissionalizante para prepará-la para o mundo do trabalho.

Com as primeiras leis de abolição da escravatura, vários segmentos da sociedade – higienistas⁵, juristas, pessoas do governo e de famílias mais abastadas – se aliam para fomentar a criação de estabelecimentos de educação com a difusão de oficinas profissionalizantes para os órfãos, com vistas a suprirem a necessidade de mão-de-obra barata.

Os médicos higienistas, já há muito preocupados com o altíssimo índice de mortalidade infantil, começam a atacar os velhos recursos de amamentação e a falta de cuidados higiênicos com que eram tratadas as crianças. Inspirados pelas idéias iluministas, lutam também, pela extinção das “rodas de expostos”, pela laicização da assistência, fortalecendo a filantropia, infundindo a concepção de que sentimentos humanitários fazem parte da “natureza humana”. Surgem, na segunda metade do século XIX, a medicina preventiva, a Pediatria e a Puericultura empenhadas em promover campanhas de higiene e de saúde pública. Aliados aos médicos, os juristas estabelecem novas metas de ação, focando a infância desvalida. Em 1855, surge o “Primeiro Programa Nacional de Políticas Públicas”, através do qual surgem diversos asilos e institutos para os órfãos, com o cuidado de determinar espaços especializados, instituindo estatutos e normas para o ensino elementar e para o ensino profissionalizante.

Graças à associação de médicos e juristas, coloca-se em discussão o ato mesmo do abandono e suas conseqüências – a delinqüência. Como parte da ideologia

⁵ Ramo da medicina surgido nos fins do século XIX, visando a prevenção de doenças por meio de práticas educativas e profiláticas com o objetivo de combater o altíssimo índice de mortalidade infantil.

filantrópica, cresce a preocupação com a educação da mulher enquanto mãe, como símbolo de prevenção do crime e da delinquência. O lema passou a ser: “assistir para prevenir” (MARCÍLIO, 1998 p.208).

O Estado começa a assumir a responsabilidade sobre a infância desvalida comprometendo-se, por exemplo, com as funções de “correção” dos menores infratores criando, grandes instituições “preventivo-correcionais”. Surge a partir daí o epíteto “menor” como discriminativo da infância desvalida e abandonada, vivente na vadiagem e gatunice. Agora, sendo remetida à esfera do público e do jurídico, a criança abandonada, passa a ser vista como “caso de polícia”.

Em 1919, foi criado o Departamento Nacional da Criança, órgão responsável pelas atividades no campo da assistência à mãe, à criança e ao adolescente. Logo depois, sob a influência da “Declaração dos Direitos da Criança” em 1923, é criado, na capital da república, o “Juízo Privativo dos Menores abandonados e Delinquentes” (1924), sendo nomeado para Juiz o Dr Mello Matos, que introduziu, no primeiro “Código de menores” aprovado em 1927, a idade de dezoito anos como limite para a inimputabilidade.

A aprovação do Código de Menores, em 1927, pode ser considerada um marco na história da participação estatal frente ao abandono, por meio de convênios com a beneficência privada, instalando-se um grande debate sobre a legítima ação do Estado no campo da assistência social.

Mais tarde, em 1941, surge o SAM – Serviço de Assistência ao Menor, subordinado diretamente ao Ministério da justiça, com um funcionamento delineado pelos moldes do sistema penitenciário, com objetivos claramente correcionais. O SAM foi um antecessor direto da FUNABEM – Fundação Nacional do Bem Estar do Menor, criada pelos militares no poder, na terceira fase da assistência à infância abandonada.

Essa fase é caracterizada pela posição do Estado como um interventor direto e principal responsável pela assistência e proteção da infância desvalida. A FUNABEM tinha por objetivo, discutir uma política nacional para enfrentar tanto o problema dos menores infratores quanto o dos menores abandonados ou que sofriam maus tratos. Nessa época, entretanto, não foi extinta a forma de internação no acolhimento desses menores, resultando, ainda, em um regime de isolamento altamente pernicioso ao desenvolvimento dessas crianças (CARVALHO, 1993). Em 1979 foi criado o “Novo

Código de Menores”, que oficializava o papel da FUNABEM, e implementava novas “instituições totais” – centros especializados de internação, destinados à recepção, triagem e permanência de menores: as FEBEMs e congêneres.

A partir dessa década, diante de várias denúncias das atrocidades acontecidas nessas instituições, começam a surgir movimentos de redirecionamento da política de atenção à criança e ao adolescente. Nasce, assim, as chamadas “Comunidades Educativas” de Minas Gerais, bem como a “Pastoral do Menor” e o “Movimento Nacional dos Meninos de Rua”, priorizando ações em torno da tentativa de desinstitucionalização do menor.

No final da década de 80, foram consolidados vários movimentos sociais, inclusive, os associados a movimentos não governamentais - como, por exemplo, as “campanhas da Fraternidade”. Foi, a partir disso, que se articulou a defesa aos direitos da criança e do adolescente, culminando na promulgação da Lei nº 8.069, em 13 de julho de 1990, ou seja, o ECA. - Estatuto da criança e do Adolescente – e, posteriormente, em dezembro de 1993, foi sancionada a LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social incluindo, na esfera política, a assistência à infância e à adolescência portadoras de deficiência.

O ECA apresenta uma série de programas que pretendem assegurar um atendimento mais personalizado, em pequenos grupos, privilegiando ações descentralizadas e municipalizadas de apoio, tanto aos adolescentes infratores quanto às crianças abandonadas.

Entre as medidas de proteção asseguradas pelo E.C.A., destaca-se o “Abrigo”. É neste contexto que, principalmente em Minas Gerais, surgem os abrigos denominados “casas-lares”, onde residem as “mães sociais” – objeto de estudo desta pesquisa.

No final de 2003, quando, em Belo Horizonte, definitivamente, se extinguiu a FEBEM (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor), instituição de abrigo que até então funcionou como modelo de internação de crianças abandonadas, os menores que ali viviam foram encaminhados para as “casas-lares”, que já vinham funcionando, paralelamente à FEBEM.

A idéia é que essas casas se constituam como ponto de referência para as crianças abandonadas, embora em caráter provisório, pois seu objetivo é a recolocação da criança na sua família de origem ou em uma família substituta. As casas são

montadas por entidades governamentais ou não, e o responsável pela entidade é aquele que tem a guarda institucionalizada dessas crianças, além de responder pelo funcionamento e seleção de pessoal para trabalhar nelas, de acordo com a regulamentação prevista pelo E.C.A.

A “casa-lar”, em geral, é organizada à semelhança de uma residência comum. São acolhidas, no máximo, 13 crianças, sob a responsabilidade de uma profissional denominada “mãe social”, que tem como função, cuidar das crianças.

A profissão de “mãe social” surge, assim, no cenário atual das políticas públicas, pela Lei nº 7.644, de 18 de Dezembro de 1987, que dispõe sobre a regulamentação dessa atividade.

O Art. 4º da Lei explicita as atribuições da “mãe social”:

I – Propiciar o surgimento de condições próprias de uma família, orientando e assistindo os menores colocados sob seus cuidados;

II – administrar o lar, realizando e organizando as tarefas a ele pertinentes;

III – dedicar-se, com exclusividade, aos menores e à “casa-lar” que lhes forem confiados;

Parágrafo único. A “mãe social”, enquanto no desempenho de suas atribuições, deverá residir, juntamente com os menores que lhe forem confiados, na “casa-lar” que lhe for destinada.

Além da lei que regulamenta a profissão, existe uma recomendação redigida pela Secretaria de Estado do Trabalho e da Assistência Social da Criança e do Adolescente que, como nas antigas “Casas da Roda”, define o atual “Perfil da Mãe social” que reza pelos seguintes itens:

- *Idade mínima de 25 anos*
- *Boa sanidade física e mental*
- *Curso de 1º grau*
- *Aprovação em estágio*
- *Boa conduta social*
- *Aprovação em teste psicológico específico*
- *Capacidade de compreender a infância e adolescência como um momento de vida peculiar*

- *Vontade e habilidade para trabalhar com crianças e adolescentes em situação pessoal e social de risco, portadores ou não de necessidades especiais.*
- *Capacidade de organização e gerenciamento da Casa lar*
- *Capacidade de liderança*
- *Dinamismo*
- *Iniciativa, criatividade.*
- *Paciência*
- *Capacidade de diálogo e escuta*
- *Comprometimento com o trabalho junto á crianças e adolescentes*
- *Afetividade e carinho por crianças e adolescentes*
- *Disponibilidade para aprender e ensinar*
- *Capacidade para exercer a autoridade e colocar limite, de forma equilibrada.*
- *Crença nas possibilidades das crianças e adolescentes, enquanto sujeitos de direito.*

O que não consta é que, plagiando o século XVIII, a remuneração é ínfima, variando entre um a dois salários mínimos, quando muito.

2.3 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE AS MULHERES, AS MÃES E AS MULHERES CRIADEIRAS.

“Não é exagero afirmar que a história do abandono de crianças é a história secreta da dor feminina”.

Renato P. Venâncio

As mulheres, mães e criadeiras – sejam amas de leite, amas mercenárias ou mães sociais - são protagonistas na história do abandono. Contracenam com elas, os maridos, os pais e os filhos, uma vez que esses papéis e funções são relativos, uns aos outros. É interessante notar que a idéia e a representação desses personagens sofrem modulações ao longo da história. Além disso, a dicotomia entre a mulher e a mãe, também possui uma cronologia que remonta ao princípio da história cristã do Ocidente.

No mundo ocidental, as questões relativas à sexualidade, bem como a história da mulher, desenvolveram-se condenadas a uma estreita associação com a noção cristã do pecado. Eva é o protótipo da mulher moldada pelo Deus judaico-cristão, estabelecendo um padrão eterno de conduta para a mulher: *é a porta da impureza que exclui do paraíso* (PAIVA, 1990, p.71). Segundo a Bíblia (Gênesis 3,20), seduzida pela serpente, Eva colheu o fruto proibido e envolveu Adão na sua falta, conhecida como pecado original. Homem e Mulher caíram em tentação e marcaram a humanidade com o germe do pecado original, tendo como conseqüências a exclusão do paraíso e a condenação a um mundo imperfeito. Na tradição cristã, a valorização do feminino só veio se impor através da maternidade divina de Maria. (PAIVA,1990). Se Eva carrega o estigma da mulher companheira-submissa, mas amante-pecadora, Maria é exclusivamente mãe devotada, Virgem imaculada, que nada tem de amante.

Elizabeth Badinter, em seu livro *“Um amor conquistado – o mito do amor materno”*, faz um percurso histórico da relação das mulheres com a maternidade. A autora mostra que o lugar, o papel social, e a importância, ora da mulher, ora da mãe, variam de acordo com os costumes e valores sociais de determinadas épocas. Badinter

(1985) mostra ainda, que a atribuição de valor dado à maternidade, pelos homens e pelas próprias mulheres, caminha paralelamente às modulações do valor dado ao papel e à representação da criança e do conceito de infância ao longo da história.

A CRIANÇA

Ariès (1981), há muito, já havia alertado para esse fato, seguindo os passos das representações históricas da “infância” e dos cuidados dedicados a ela, em consonância com os parâmetros ideológicos, econômicos e políticos de cada época.

As idéias sobre a criança e sua educação foram profundamente marcadas por dois pensadores que delinearam, de modo geral, as relações entre as mães e seus filhos: Santo Agostinho e Rousseau (CIRINO, 2001 p.22).

Santo Agostinho (354-430), considerado por longos séculos como referência do pensamento patrístico, elaborou uma imagem da infância marcada pela maldade: a alma das crianças seria abalizada desde o início por forças do mal, por serem seres tarjados pelo pecado original. A partir de suas próprias lembranças do período da infância, Agostinho atribuiu às crianças, arroubos de crueldade, pois, sem condições de controle sobre seus próprios impulsos, as crianças cometiam, freqüentemente, atos desprezíveis. Santo Agostinho descreve o filho do homem ignorante, apaixonado e caprichoso: “*se o deixássemos fazer o que lhe agrada, não há crime em que não se precipitaria*” (AGOSTINHO, apud BADINTER, 1985, p.55). A amamentação, causa de inveja entre uma criança e seu irmão de leite, recebeu o estigma do pecado e da voluptuosidade condenável.

Segundo Badinter (1985), Agostinho deixa como herança, a transmissão da idéia de que era necessário uma prática de adestramento e controle da maldade na infância. Assim, seria preciso livrar-se da infância como de um mal.

Até o final da Idade Média, sob forte influência Agostiniana, a criança pequena não contava. A idéia de criança estava ligada à idéia de insignificância ou dependência e, quando não, de um verdadeiro transtorno (ARIÈS, 1973). A partir do século XVI, começam a ocorrer algumas mudanças na representação da criança e de sua importância na família. No século XVII, como um marco importante, a escolarização é iniciada, em função de uma preocupação religiosa – ainda reminiscências Agostinianas: a

recuperação do ser maligno que é a criança, numa tentativa de moralização de suas condutas. A nova pedagogia foi executada por padres católicos e protestantes.

Foi somente no século XVIII que essas concepções Agostinianas foram confrontadas. Com Rousseau, quando da publicação de “Émile”, em 1762, foi dado um impulso inicial à família moderna, caracterizada pela ternura e intimidade entre pais e filhos, baseada no romantismo (BADINTER, 1985, p.54). A criança passa a ser personagem central na família e a infância passa a ser reconhecida como tendo “*maneiras de ver, pensar e sentir que lhe são próprias*” (ROUSSEAU apud CIRINO, 2001, p.26). Agora, em contrapartida, são ressaltadas nas crianças a pureza e a inocência e, na mãe, um amor instintivo e incondicional. Esse amor deve ser priorizado e valorizado em detrimento da ciência e do saber, que devem ser deixados aos homens. Foi preciso esperar Freud para que o “infantil” ganhasse estatuto de realidade psíquica, constituída pelos desejos e fantasias inconscientes e que, às crianças, fosse atribuído tanto a sexualidade quanto a pulsão de morte, que são componentes psíquicos infantis de todo sujeito, irredutíveis a qualquer dimensão cronológica (CIRINO, 2001 p.56/57).

A MATERNIDADE

Elisabeth Badinter (1985) discute o papel da mulher e o lugar que a mãe e o amor materno ocupam ao longo da história, em consonância com o papel e o lugar que o conceito de criança ocupa. A autora demonstra que a maternidade e o “amor materno” não podem ser considerados “naturais” e “instintivos”, próprios das mulheres que se tornaram mães. Segundo a autora, antes do final do século XVIII, assim como as crianças, o amor materno não era social e nem moralmente valorizado, tendo sido relegado a um segundo plano.

Durante toda a Antiguidade, a autoridade paterna e marital reinou, cabendo às mulheres a virtude da submissão e obediência. Cabia ao pai o poder absoluto sobre os filhos, sendo-lhe permitido matar, vender ou expor os filhos, atos considerados plenamente legítimos. Ainda na Idade Média, tanto a maternidade quanto a representação da criança, estavam ligadas à idéia de insignificância ou transtorno.

Assim, no século XVII e início do século XVIII, culmina o sentimento de rejeição das mulheres pela maternidade, apoiado na herança da condenação acirrada dos

teólogos do século XVI às mães, ainda sob o eco de Agostinho, pela ternura ilícita para com os filhos e por qualquer vestígio de êxtase, imoral e condenável, do ato de amamentar. A amamentação, percebida como algo pouco digno, próprio das camadas inferiores, prejudicial à saúde e à estética da mulher, é praticamente abandonada pelas “mulheres de bem”. Os maridos corroboram com essa opinião, pois, para eles, o ato de amamentar um filho é “um atentado à sua sexualidade e uma restrição ao seu prazer”. O aleitamento é sinônimo de sujeira (BADINTER, 1985 p. 97). Para as mulheres do século XVII, portanto, ocupar-se de uma criança não era nem divertido nem elegante. Em busca de algum mérito, de um lugar mais privilegiado e de reconhecimento social, valores que agora se empenhavam em obter, as mulheres (principalmente as francesas) do século XVII deveriam procurar um outro caminho que não o da maternidade: a cultura, a política, a galanteria e a vida social. Badinter descreve essa situação como uma forma de abandono, não apenas dos filhos, mas da maternidade em geral. Assim, em todas as camadas sociais, o hábito de entregar os bebês para as amas de leite, ou “amas mercenárias”, como eram chamadas, passa a ser largamente difundido, de maneira que “*em meados do século XVIII, os filhos de famílias citadinas amamentados pelas mães, eram exceções*” (BADINTER, 1985 p. 101).

Figuras interessantes, essas amas mercenárias ou amas de leite! Quiçá, precursoras das mães sociais. Numa época em que havia uma forte indiferença ou desprezo pela maternidade e mesmo pela vida das crianças, época em que as mulheres não se dispunham a restringir suas atividades à insignificante tarefa da maternidade, inclusive sem que se lhes fosse imputada nenhuma culpa, as amas tomavam para si essa árdua tarefa. Dispostas a assumirem a função-dejeto, possuíam a prerrogativa de decidir sobre a vida e a morte das crianças. Muitas delas eram mulheres atoleimadas pela miséria, vivendo em pardieiros, não raro doentes e mal nutridas, freqüentemente, sem qualquer outra oportunidade para se proverem do necessário para a sua própria subsistência. Nessas condições, a mortalidade infantil era alta, e a morte das crianças, era considerada banal e corriqueira. Outras amas se dispunham à função, por alegarem estar pagando promessas (VENÂNCIO, 2004 p. 194). Algumas o faziam por generosidade e caridade cristã, pois consideravam abandonar bebês uma impiedade e criá-los, uma extraordinária demonstração de fé (VENANCIO, 1999, p.63). Parece haver, como demonstra a história, uma relação de complementaridade, um laço, entre o

sofrimento e a fé que, neste instante, é posta à prova, evocando um “élan” místico, justificando algumas vezes, o ato acolhedor.

As conseqüências do afastamento do regaço materno foram nefastas, e o índice de mortalidade infantil estrondoso, mesmo em meio às crianças que não eram designadas como enjeitadas ou expostas, mas que tinham, como elas, o mesmo endereço: as amas de leite ou mercenárias. Segundo Badinter (1985), em meados do século XVIII com o advento de uma nova ciência – a demografia – começa-se a tomar conhecimento da escassez da população, e a perda das crianças, antes considerada banal, começa a ser julgada alarmante. A prioridade do Estado, nesse momento, visando o interesse econômico de produção, passa a ser a sobrevivência das crianças – é preciso produzir seres humanos que serão a riqueza do Estado e que agora têm um valor mercantil. São essas conseqüências nefastas às contingências políticas econômicas e ideológicas, que dão impulso ao movimento higienista, ao incentivo à amamentação e aos cuidados assumidos pela própria mãe.

A preocupação econômica então, mudou o discurso sobre a criança que se tornou interessante enquanto força potencial de produção. Esse novo discurso foi acompanhado por um discurso ideológico, do qual Rousseau foi um dos maiores representantes, que passa a valorizar a maternidade. Agora, as mães que assumem sua tarefa familiar, vista, nesse momento, como tarefa necessária à sociedade, adquirem importância, respeito e reconhecimento social: doravante serão “responsáveis pela nação”. Esse discurso ideológico se torna fonte de promessa de felicidade e posição de igualdade frente à autoridade paterna.

A mulher passa, então, a ser valorizada e reconhecida pelas doçuras da maternidade que, agora, é da ordem do sublime e do sagrado:

“A mulher não é mais identificada à serpente do Gênesis... Ela se transforma numa pessoa doce e sensata, de quem se espera comedimento e indulgência. Eva cede lugar, docemente, a Maria” (BADINTER, 1985 p. 176).

No século XIX, sob o véu herdado do ideal Rousseauriano, a maternidade ainda está impregnada da idéia de algo gratificante e nobre e a “natureza feminina” é inseparável da boa mãe:

“O modo como se fala dessa “nobre função”, com um vocabulário tomado à religião (evoca-se freqüentemente a “vocaçao” ou “sacrifício” materno)

indica que um novo aspecto místico é associado ao papel materno. A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se criará o hábito de pensar que toda boa mãe é uma “santa mulher”. A padroeira natural dessa nova mãe é a Virgem Maria, cuja vida inteira testemunha seu devotamento ao filho.” (BADINTER, 1985 p. 223).

No início do século XX, ainda sob forte pressão ideológica, *muitas mulheres sentem-se obrigadas a ser mães sem realmente desejá-lo e acabam por viver a maternidade com culpa e frustração, além de fazer um grande esforço para imitar a “boa mãe”.* (MIRANDA, 2005). Um acontecimento marcante nesse século, que questiona e muda os papéis das mulheres, das mães e conseqüentemente dos pais e dos filhos, foi o movimento feminista. Num primeiro momento, às mulheres é assegurado o direito de trabalhar e produzir intelectualmente, mas sem se isentar da responsabilidade que a maternidade lhe imputa. Com o acréscimo dessa nova responsabilidade, cresce o poder da mulher e da mãe no seio familiar, uma vez que as tarefas domésticas não são divididas com os maridos e os pais. Ainda cabe às mães a responsabilidade pela felicidade dos filhos. Assim, em oposição ao ideal vigente de mãe, algumas mulheres do século XX, que não desejavam se ater exclusivamente à maternidade - as intelectuais ou as que trabalhavam em outras atividades, são consideradas indignas ou incapazes (MIRANDA, 2005). Erige-se um novo rótulo dirigido a elas: as “mães ausentes”.

Segundo Badinter (1985) é somente na década de 80 que as mulheres começam a exigir dos homens seu quinhão de responsabilidade na empreitada doméstica. Os filhos começam a fazer parte, então, de um projeto de vida familiar, podendo ser escolhido o melhor momento na vida pessoal e profissional do casal para se tornarem pais. Na sociedade capitalista contemporânea, as crianças continuam ocupando um lugar valorizado, entretanto, o individualismo prevalece e os interesses das crianças não sobrepujam os dos pais, que também estão atentos aos seus próprios interesses.(MIRANDA, 2005).

Segundo Miranda (2005), vai surgindo como prioridade nessa nova constelação familiar, a “maternidade-opção”, com a escolha e a vontade ou não de ter filhos como elementos fundamentais vinculados à questão:

“Não é por acaso que na atualidade a maternidade está ligada à escolha e ao desejo; eles são, por assim dizer, imperativos pós-modernos” (MIRANDA, 2005).

Não se pode negligenciar, entretanto, o fato de que, no contexto brasileiro atual, muitas vezes, essa conquista feminina, a contracepção – fator que modifica a posição social das mulheres e das mães, “*é inacessível a muitas brasileiras por desinformação ou por um impeditivo econômico*”.(MIRANDA, 2005).

Assim, neste momento em que a questão do desejo se vincula à maternidade, é que se interroga sobre o problema do abandono, sobre o gozo aí implicado e sobre as razões que levam muitos pais a gerarem filhos e desejar se livrarem deles, sem que uma paternidade seja fundada, sem que uma mulher consiga se tornar mãe, embora repetidas vezes, eles reeditem a ação de procriar, sempre marcada por um desejo de morte.

Diariamente, a imprensa noticia casos de bebês lançados ao lixo, em lagoas ou bueiros, crianças que basculam da condição de dejetos à de objetos de disputa por famílias, provocando uma epidemia de desejo e comoção pública.

Paralelamente, existem aqueles inúmeros anônimos que foram deixados silenciosamente, e que também são recolhidos e demandam uma disposição para o enfrentamento da questão. Faz-se necessário interrogar sobre o que leva algumas pessoas a se lançarem na tarefa de recolher e assumir o dejetos social na qualidade de trabalhador social, assumindo-os em instituições também anônimas.

Que papel e que lugar ocupam essas mulheres que, parceiras do abandono, se decidem a acolher essas crianças e a se dedicar a elas? Mulheres tão desvalidas quanto os rebentos, ora odiadas e responsabilizadas pela sobrevivência deles, ora tão exaltadas e elogiadas por atitudes sublimes. O que buscam essas mulheres que se prestam a criar filhos enfeitados de outras, mediante uma insignificante ajuda financeira, e que, muito freqüentemente, se reduzem, elas mesmas, a esse estado de privação, assinaladas, como as crianças, pelo crivo ora do ínfimo e do profano, ora da exuberância e do sagrado? Pelo quê são capturadas, essas mulheres, que protagonizam o verso e o reverso da fantasia que Freud, certa vez, revelou encontrar, com surpreendente freqüência, em seus pacientes: “Uma criança é espancada”? (FREUD, 1919)

Vertiginosa história que perturba a razão e a serenidade do espírito, em que “casa de expostos”, “casa-lar”, “casas da roda”, “amas mercenárias”, “mães sociais”, “amas de leite”, se confundem numa atemporalidade sinistra.

CAPÍTULO 3

MULHERES, MÃES E PSICANÁLISE: FEMININO E DESAMPARO.

O objetivo deste capítulo é, a partir da psicanálise, produzir uma leitura das concepções de mãe e mulher entrelaçadas aos fenômenos contemporâneos, já que a categoria de mãe social é uma resposta atual à antiga questão do abandono. Se o abandono sempre existiu e uma resposta a ele sempre foi dada, resta saber o que o fenômeno do abandono e suas respostas devem à época atual. Parece não ser sem razão que essa profissão surge justamente nesse momento em que o discurso corrente é o capitalista, com as características de segregação e perda dos vínculos.

A instituição familiar, os semblantes, e o discurso sobre as mulheres, sofreram modificações. Pode-se dizer que a emancipação das mulheres e as discussões sobre seus direitos trouxeram à tona um questionamento com relação ao direito de gozarem do próprio corpo que agora pode ser emprestado, vendido, oferecido, recusado, de acordo com o uso gozoso que se faz dele. Vincula-se a esse direito sobre o gozo do corpo, um questionamento quanto ao aborto e à maternidade. Assim, a regulação dos nascimentos, ficou atrelada ao desejo feminino, conferindo um novo poder às mulheres, assinalando, mais do que nunca, uma independencização da posição feminina e da posição materna (LAURENT, 2005, p.62). Miller e Laurent (2005a) denunciam as conseqüências acarretadas pelo discurso dos “direitos humanos” e da “emancipação das mulheres” que buscam direitos iguais, homogeneizando homens e mulheres, querendo fazer desaparecer a singularidade de cada um, exemplificados no atual “unisex”. Acresce-se a isso, um abalo do estatuto do casamento e das relações familiares, varrendo do cenário atual as hierarquias dos lugares simbolicamente instituídos, evidenciando a fragmentação crescente de antigos laços sociais. Lacan, em 1938, em seu texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo” (LACAN, 2003 [1938]), já havia previsto o declínio da referência e dos ideais paternos, condição que acarretaria modificações nas relações do sujeito ao Outro. Se antes, os ideais sustentavam as formas simbólicas e imaginárias de ser mulher e homem, além das modalidades compartilhadas de um certo tratamento do gozo, sustentavam também maneiras de fazer

laço social (EIDELBERG, 2003, p.84). Atualmente, como previra Lacan, os laços não se estabelecem ao redor de um ideal referido a um Outro consistente, mas ao redor do objeto de consumo, objeto “a” como mais de gozar. Miller e Laurent batizaram essa época como a do “Outro que não existe” (MILLER & LAURENT, 2005a). Lacan, em “Televisão” (2003 [1973]) havia denunciado o mal-estar na modernidade como um produto do discurso capitalista, descrito a partir da inversão do discurso do mestre. *“A sociedade regida pelo discurso capitalista se nutre da fabricação da falta de gozo e produz sujeitos insaciáveis em sua demanda de consumo – consumo de gadgets que ela oferece como objetos de desejo - promovendo, assim, uma nova economia libidinal”* (QUINET, 2001 p.17). Assim, o discurso capitalista, discurso que produz a fragmentação dos vínculos sociais, introduz a idéia do sujeito que goza com seus objetos, incluindo aí o parceiro sexual na série dos valores de intercambio e de uso. (SOLER, 2000/01 p.77).

Portanto, na atual conjuntura, instaura-se uma angústia generalizada em função da fragmentação dos vínculos sociais, quer se trate dos vínculos de trabalho, de família, ou de amor, ou nas palavras de Lacan, por efeito da “desagregação molecular” da família (LACAN, 2003 [1938]), da decadência do pai. Assim, se *“nesse contexto, a angústia perde seu valor de sinal, destacando-se em sua vertente automática, deixando o sujeito no desamparo”* (BESSET, s.d), cabe interrogar o estatuto da mulher e a instância da mãe em sua função. Segundo Colette Soler o vínculo com a mãe, toma nessa circunstância, um peso preponderante, pois talvez ele ainda seja o único e o mais estável vínculo das crianças nos dias atuais, com suas várias configurações: filhos do primeiro casamento, filhos que moram com a mãe e o segundo ou terceiro companheiro etc. (SOLER, 2000/01 p. 153). Examinar o estatuto da mulher e a instância da mãe, leva a examinar também a função social dessa nova categoria de mãe: a mãe social, parceira das crianças residentes nas casas lares, crianças que são a materialização viva dos sintomas da civilização contemporânea.

3.1 - A MÃE E A MULHER NA PSICANÁLISE

Ao acompanhar o desenvolvimento que Freud faz para compreender o estatuto da mulher, vemos que ele acaba desembocando numa convergência entre os papéis de mãe e de mulher. Se Freud, inicialmente, nos textos “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” (1905) e “*Sobre as teorias sexuais das crianças*” (1908), contava com a possibilidade de encontrar um paralelo exato entre a sexualidade dos meninos e meninas, e usava a sexualidade dos meninos como paradigma do desenvolvimento da sexualidade em geral, mais tarde ele percebe que essa posição não se sustenta (ROCHA, 2001). Em seu artigo “*As conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*” (1925), Freud explicita essa confusão e aponta um destino psíquico diferente para meninos e meninas. Surge aí, no entanto, um outro paralelo, para o caso das meninas, quando Freud indica como saída, para a feminilidade normal, a substituição do desejo de ter um pênis, pelo desejo de ter um bebê. Freud atrela, assim, a posição da mulher à posição da mãe. Essa posição da mulher, enquanto mãe, Freud a reitera em vários textos, assegurando, inclusive, que uma relação amorosa bem sucedida, entre um homem e uma mulher, se dá quando o marido ocupa o lugar de um filho para a mulher, como se pode ver no texto “*O estranho*” (1919), ou, por exemplo, como se lê no texto “*Feminilidade*” (1932):

Um casamento não se torna seguro enquanto a esposa não conseguir tornar seu marido também seu filho, e agir com relação a ele como mãe.(FREUD, 1932, p.164).

Muito embora, a partir de Lacan, seja possível ler em Freud indícios de uma abordagem sobre a mulher que procedem de uma lógica mais além da lógica fálica, essa posição só fica claramente explicitada na teoria lacaniana. Lacan nos dá a dimensão do quanto Freud ficou preso a uma solução fálica e do quanto suas respostas às questões do feminino e da mulher que sempre o afligiram, acabavam por não escapar a essa lógica. (PINTO, 2003).

Com Lacan se pode encontrar um posicionamento teórico mais claro quanto ao lugar e a função que uma criança ocupa na fantasia de uma mãe e as consequências dos recursos que uma mulher mobiliza para lidar com sua falta fálica (LACAN, 1969). Essa teorização avança, nos anos 70, quando Lacan matemiza as fórmulas da sexuação (LACAN, 1972/3) e aponta uma mudança de acento sobre a função paterna. Em RSI (LACAN, 1974/5), propõe uma versão de gozo para o pai – “père-version” – introduzindo uma função definida como “operação do pai real”. Assim, é a particularidade do gozo nas relações entre um homem e uma mulher que se tornarão pai e mãe, que vai determinar o lugar que a criança ocupará na fantasia da mãe (OLIVEIRA, 2001). Nesse sentido, Miller (1998b), em seu texto “*A criança entre a mulher e a mãe*”, enfatiza que, se uma criança não satisfaz por completo o desejo de sua mãe, se o desejo dessa mãe se divide entre a criança e um homem, então, essa mãe é uma mulher. Consoante a essa afirmação, Miller no texto “*La categoria de semblante*” (2001, p19) responde ao que seria “*verdadeiramente uma mulher*”:

Há uma resposta imediata à pergunta, uma resposta analítica: não é uma mãe. A mãe, em psicanálise, é a que tem, é sempre – deve sê-lo para responder a seu conceito – plentiful, abundante. Uma verdadeira mulher, tal como Lacan faz brilhar sua eventual existência, é a que não tem, e faz algo com esse não ter”.(MILLER, 2001 - tradução nossa)

Em 1969, época do texto “Duas notas sobre a criança”, Lacan explicita duas posições possíveis para o sintoma de uma criança: responder à verdade do par parental ou realizar a verdade do objeto da fantasia da mãe. Em ambos os casos, a criança é incluída na subjetividade da mãe como objeto de sua fantasia. A função do pai real é que vai regular o uso dessa fantasia e determinar “como” e “se” a criança vai saturar ou não a falta fálica feminina. Em ambos os casos, trata-se, ainda segundo Lacan (1969), de “*um desejo que não é anônimo*”, pois esse desejo “*está referido a um nome, nome de um homem, que pelo simples fato de ser nomeável, cria um limite para a metonímia do falo, e somente mediante essa condição é que a criança poderá ser inscrita num desejo particularizado*”. (SOLER, 2005).

Com Freud, vê-se que a maternidade situa a mulher no gozo fálico e um bebê identificado ao falo se presta bem a vir ocupar, imaginariamente, essa falta fálica, oferecendo seu próprio corpo à mãe. Com Lacan, acrescenta-se que é a função real do pai e sua versão de gozo, na parceria com uma mulher para procriar, que fará com que a criança ocupe um determinado lugar na subjetividade materna, e poderá ou não, efetivar sua divisão. É então o desejo da mulher que faz a mãe não-toda para seu filho, que faz com que a criança encontre a divisão de seu desejo que se reparte, em seu desejo de mãe, que vai em direção ao filho e seu desejo de mulher, que vai em direção ao homem. Assim, um filho confronta as duas figuras do sujeito feminino: a mãe e a mulher. Uma pode-se chamar “mãe do amor”, a outra, a “mãe do desejo” referindo-se aqui, ao desejo da mulher na mãe.

O que se vem abordando, aqui, pode ser observado, de forma clara, naquilo que se passou com uma criança e seus pais de apadrinhamento, prática comum na FEBEM (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor), pois mostra os possíveis lugares que uma criança pode vir a ocupar nas diversas situações de filiação, em contraponto com a situação das crianças e sua vinculação à “mãe social”.

Depois de um ano de tentativa de adoção, Rogéria foi devolvida à casa-lar, com a alegação de que ela havia destruído a pacata vida da “mãe adotiva” e colocado em risco sua relação conjugal que, até então, era estável e isenta de maiores conflitos. Ao ser interrogada sobre o que havia ocorrido, essa mulher relata que lhe ocorreu a idéia de adotar uma menina, em função de seus outros filhos, todos homens, já estarem crescidos e independentes. Segundo afirma a própria mulher, ela “nasceu para ser mãe” e dedicou toda sua vida de casada a essa função, exercendo-a plenamente com seus filhos. Entretanto, com Rogéria, as coisas não saíram como ela esperava, pois, segundo ela, a menina tornou-se extremamente exigente e proferia acusações contra a “mãe” quando esta se encontrava sozinha com ela, de maneira que o amor que nutria pela menina sucumbiu à hostilidade, levando-a a não mais suportar sua presença em casa. Tal decisão por parte da “mãe” acarretou desavenças entre o casal, pois o “pai” não queria devolver a criança. Essa posição do “pai” exacerbou o horror que a “mãe” vinha alimentando pela menina e desencadeou, além de uma crise conjugal, uma crise pessoal da “mãe” que, passou a desenvolver uma crença absoluta de que a menina teria sido amante de seu marido numa outra encarnação. Ameaçada por essa menina-feita-mulher,

a “mãe” a devolve a uma “casa-lar”, numa tentativa de se ver livre da angústia avassaladora que sua presença lhe causava.

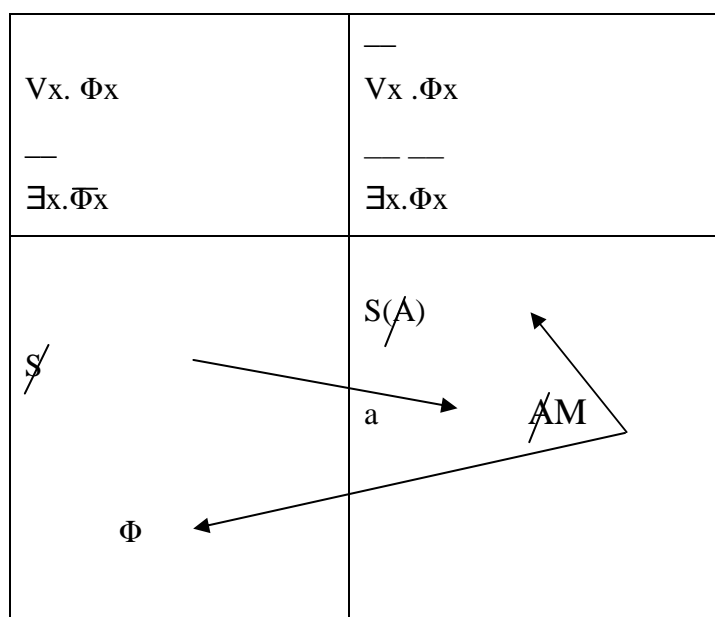
Ademais, são crianças como essa, na qualidade de “objeto-dejeto”, com histórias, muitas vezes, semelhantes, que uma “mãe social” deverá acolher. Crianças que são devolvidas à instituição por mais um casal que desistiu delas, reeditando assim o gesto de abandono, acentuando as fantasias de que elas não têm nenhum valor, e que seu lugar é conferido no “fora desejo” dos pais. Silvia Tendlarz (1997, p.42) lembra o que Lacan desenvolve no Seminário V (LACAN, 1999 [1957/58]) a propósito das indicações das diversas conseqüências para a vida de uma criança quando ela não é desejada: freqüentemente respondem de maneira nefasta, com passagens ao ato suicidas, doenças orgânicas, anorexia, e outras. *“Assim, quando a criança não tem reconhecida sua existência como tal, no desejo da mãe, produz-se a queda do valor fálico”* (TENDLARZ, 1997). É essa criança, objeto sem valor, com essa experiência de devastação que a mãe social acolhe.

Situação diferente ocorre quando há um desejo de adoção formal, sendo ela bem sucedida ou não. Neste caso, a criança ocupa outro lugar na fantasia de uma mãe. A importância dessa vinhetinha clínica se deve ao fato de que ela lança luz, com efeito de lupa, sobre a questão do lugar subjetivo que pode ocupar uma criança para uma mulher, bem como a colocação da questão da divisão mãe/mulher. Aqui, pode-se perguntar, se essa criança não se prestou a se reduzir ao objeto de captura na fantasia dessa “mãe adotiva” e, na impossibilidade de se efetivar uma divisão entre mãe e mulher, essa divisão foi colocada fora segundo a fórmula: “o que é forcluído do simbólico retorna no real” (LACAN, 1970).

A questão da divisão da mulher é colocada por Lacan, desde “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina” (1958). Ele, aí, desvela a duplicidade implícita na forma de amar da mulher. Neste texto essa duplicidade é colocada em termos de amor e desejo. Depreende assim, a forma de amar da mulher, como infiel em sua estrutura. O amor, é dirigido ao que Lacan chama “íncubo ideal”⁶, adoração e objeto de culto (representado pelo amante castrado ou morto, na figura de cristo) e o desejo, que

⁶ Íncubo : Demônio masculino que, segundo velha crença popular, vem pela noite copular com uma mulher, perturbando-lhe o sono e causando-lhe pesadelos. (DICIONÁRIO AURÉLIO). Aqui, Lacan faz referência à figuração do pai da exceção, da horda primeva, que, por um lado, morto, é o pai da lei, por outro, é o detentor do gozo absoluto, do real do gozo.

aparece em Freud como “desejo de pênis”, é dirigido aos seus substitutos fálicos, aos “novos objetos do desejo”, o filho e o parceiro sexual aí incluídos. *“Essa duplicidade da sexualidade feminina entre o “incubo ideal” e o parceiro sexual representa a duplicidade entre amor e desejo na mulher”* (QUINET, 1995 p. 21). O homem, seu parceiro, funciona (ou não) como um *relais*, para fazer emergir uma satisfação que coteja o que uma mulher deseja para além do falo, um gozo que o excede: o gozo feminino. Se o desejo da mulher se dirige ao pênis do parceiro, seu amor se dirige ao “Outro do Amor”. *“O homem serve aqui de conector para que a mulher se torne esse Outro para ela mesma, como o é para ele”* (LACAN, 1958). Nos anos 70, essa duplicidade é retomada por Lacan, pela referência ao gozo. Em 1958, a divisão era entre o Outro do amor, do lado da adoração, e o desejo, do lado do pênis do parceiro. Em “O aturdito” (1972), Lacan propõe o desdobramento da sexualidade feminina, vinculada a um gozo fálico em oposição a um gozo “não-todo fálico”, que ultrapassa o sujeito e, no seminário XX (1972/3), nomeia-o “Gozo Outro”. Nesse seminário Lacan propõe assim o quadro da sexuação:



$S(\text{A})$ refere-se a esse campo descrito por Lacan, e que é matemizado por ele no seminário “Mais ainda” (1972/3), campo que faz contraponto ao fálico, comum a todos os seres falantes. Neste seminário, Lacan propõe uma escrita lógica para dizer da

sexuação, reafirmando que o tornar-se homem ou mulher não se determina a partir da anatomia, mas a partir dos discursos. O falo é o operador lógico que, na categoria de semblante, possibilita a articulação do gozo no discurso. Mas, nesse seminário, o que fica essencialmente demonstrado por Lacan, mais do que a bipartição homem/mulher é a fórmula “*Não há relação sexual*” (LACAN, 1972/3 p. 22): existe um campo, que escapa à apreensão significativa, que não se articula no discurso, um campo não-todo fálico. Segundo Miller (2005a, p.10), no seminário “Mais ainda”, Lacan consagra a “inexistência do Outro”.

Lacan toma as proposições da Lógica Formal de Aristóteles e as modifica com a intenção de demonstrar os limites da escrita da ciência, que se inclui num campo que é o fálico. Para ele, “*toda escrita é lei, ligando um dado elemento simbólico (um dado significativo) a outro*” (JURANVILLE, 1987). Aristóteles parte da afirmação de que o universal implica a existência. Essa afirmação traz, como consequência, a conclusão de que, para Aristóteles, haveria uma verdade total, ou seja, haveria a “*conformidade entre a linguagem e o ser*” (JURANVILLE, 1987). Lacan se opõe ao discurso filosófico e ao empirismo que induz o Universal a partir da Existência. Ele parte da separação entre o Universal e a Existência. Segundo Lacan, para que a lei tenha sentido e possa denotar alguma coisa, é necessária uma existência primordial exterior ao campo da lei. Essa existência exterior diz respeito à operação de castração, ao Nome do Pai, que funciona como um limite ao campo da lei. É necessário haver Um que escape à lei para instituí-la. Ao indicar um limite ao campo da lei, essa função do pai evoca um campo onde não há inscrição significativa, surgindo um elemento que não tem lugar numa lei e sobre o qual não se sabe o que ele denota e, portanto, não se articula numa relação. A lógica da linguagem carece de condições para dizer a verdade toda: “*Não há universal que não deva ser contido por uma existência que o negue*” (LACAN, 1972)

A reescrita das proposições feita por Lacan, então, se justifica por evocar o real. Se, “*a existência se determina por sua distinção da lei, constatar uma existência que é conforme a lei, só adquire sentido porque permite excluir a existência de alguma coisa que iria contra ela*” (JURANVILLE, 1987).

Lacan exemplifica essa lógica em alguns seminários, como por exemplo, no seminário da Identificação (1961/62, inédito), e no seminário do Ato (1967/68, inédito), com a ilustração da classe dos mamíferos. É porque o traço mama pode faltar, que a

classe dos mamíferos se constitui como tal, ou seja, se constitui a classe onde esse traço não pode faltar. A partir dessa lógica, pode-se afirmar a existência de uma lei: não existe mamífero que não tenha mama. Se há a necessidade de dizer que não existe mamífero que não tenha mama, é justamente porque se exclui a existência, nesta classe, de algo que iria contra ela: a existência de uma classe daqueles que não têm. *“Dizer ‘ele existe’, não quer dizer nada, é fútil. O ‘ele não existe’ é que quer dizer alguma coisa”* (JURANVILLE, 1987). É da exclusão que se constitui o universal da lei ou nas palavras de Lacan, *“o não é isso, é o vago do apelo ao real”* (1972 p.452)

Essa lógica tem o mérito de demonstrar a existência de um campo onde há um elemento que é radicalmente exterior ao escrito, ao fálico: é o real. Esse campo do real, que é exterior ao fálico, que não se articula na existência, é o campo do feminino: *“um enigma, uma falha, um impasse, um vazio, um excesso... existe uma ampla quantidade de maneiras de ir caracterizando o feminino...”*.(EIDELBERG; SCHEJTMAN; DAFUNCHIO, 2003, p. 8)

3.2– AS MANIFESTAÇÕES DO “NÃO – TODO”: FEMININO E DESAMPARO.

Numa época em que as relações eram regidas pela função paterna, pela exceção paterna, os significantes mestres ordenavam a civilização. Com o declínio da função paterna prenunciada por Lacan em 1938, consagra-se a época que Miller e Laurent denominaram de a época do “O Outro que não existe” como uma forma de leitura da contemporaneidade, a partir do campo que Lacan denominou $\mathcal{S}(A)$. Esse declínio do Outro consistente acarreta conseqüências, pois produz um declínio e uma vacilação dos ideais, uma vez que o ideal está referido ao Outro: $I(A)$. Miller (2005a) situa o paradigma da época atual na fórmula $I < a$, onde o Ideal é menor que o objeto mais de gozar, e onde no império do gozo, o utilitarismo vem substituir cada vez mais o idealismo. Se o Outro se torna inconsistente, não há mais um significante mestre que possa ordenar a civilização, há uma fragmentação discursiva, uma multiplicação de nomes do pai, uma multiplicação de S^1 , de significantes mestre isolados, que não fazem laço, uma vez que não estão articulados numa cadeia. “*Na falta do grande Outro, o falasser⁷ não tem outra bússola para orientá-lo em suas escolhas vitais a não ser sua própria “fixação” de gozo*” (SOLER, 2005 p.168). Lacan denominou nos anos 70, essa nova modalidade discursiva de discurso capitalista, onde há, com relação ao discurso do mestre, uma inversão dos lugares do S^1 e do sujeito. O discurso capitalista inaugura a época em que o sujeito inventa seus próprios significantes-amos, que não se firmam mais no discurso do Outro para designar-se a si mesmo (MILLER, 2005b). Esse discurso transformou o sujeito em consumidor, interpretando seu desejo como desejo de objetos de consumo, introduzindo a idéia do sujeito explotado pelos objetos. Os objetos comandam o sujeito, o fazem produzir e, nesse circuito fechado entre sujeito e objeto, desaparecem os laços sociais. “*Na falta dos mesmos ideais, os mesmos objetos*”. (SOLER, 2000/01 p.71). Cria-se, assim, um paradoxo: há um efeito de homogeneização, uma universalização globalizante, que não passa pelo significante, mas pela lei das práticas de consumo como imperativo totalitário. Os sujeitos buscam

⁷ No original, “parlêtre”, expressão criada por Lacan, para expressar que o ser do sujeito é marcado pela linguagem.

então, como forma de reconstituir alguma consistência ao Outro, respostas globais totalitárias, encontradas, por exemplo, em algumas seitas religiosas fundamentalistas. O corpo social, cúmplice do discurso capitalista, tenta calar o clamor do mal-estar (SOLER, 2000/01) oferecendo aos homens cada vez mais instrumentos de gozo, pílulas não da felicidade, mas de gozo.(JIMENEZ, s.d.). Paradoxalmente, sob o imperativo global do *goza!*, há o diverso absoluto, o desejo pelo novo, pelo diferente, pelo último objeto do mercado que virá substituir o modelo antigo. “O *culto pelo novo inexoravelmente faz do sujeito mesmo um objeto obsoleto, um dejetto*”. (MILLER, 2005a p. 331). Reforçam-se, assim, modalidades autistas de gozo, denunciadas pelos “novos” sintomas, ou os sintomas “atuais”.

O atual aqui pode remeter a uma equivocidade de sentidos, embora todos eles, tenham a particularidade de produzir um curto-circuito com o inconsciente. A primeira vertente do atual pode ser referida à atualidade, ao que se pode chamar “nossa época”, a “contemporaneidade”, e que Miller (2005a) definiu como um “*modo comum de gozo, uma repartição sistematizada dos meios e maneiras de gozar*” (MILLER 2005a P. 18). Segundo Miller, se fosse possível falar de uma grande neurose contemporânea, se diria que sua determinação principal é a inexistência do Outro, que condena o sujeito ao desamparo e à caça do mais de gozar.(2005a p. 19).

Uma segunda referência ao atual, segundo Schejtman (2003 p.10), pode ser encontrada em Freud, curiosamente, antes de 1900, quando ele contrapõe as neuropsicoses de defesa, às neuroses que ele qualifica de “atuais”, que englobariam as neuroses de angústia e a neurastenia. As então chamadas “neuroses atuais” seriam refratárias ao dispositivo clássico freudiano, uma vez que não se prestavam à operação de deciframento, pois não podiam ser consideradas como uma formação do inconsciente, “*não faziam laço com o inconsciente*”(SCHEJTMAN, 2005 p.11). Com Lacan poder-se-ia dizer que algo do real do gozo não consentia em ser traduzido ao significante.

Uma terceira leitura possível para o “atual” seria a vertente do “ato”, também como consequência do declínio do Outro na civilização contemporânea. As atuais patologias do ato, com os sujeitos que saem abruptamente da cena do Outro, na passagem ao ato, ou com os sujeitos que tentam convocar o Outro pela via da colocação em cena de seu fantasma, no acting out. (EIDELBERG, 2003 p.90).

Enfim, nesses sintomas atuais, encontramos as configurações de um gozo que ultrapassa os limites do fálico, que vai além das regulações normatizadas de um discurso. Assim toda vez que a pulsão se impõe para além dos limites fixados pelo princípio de prazer, esse campo do “não-todo”, que Lacan chamou Gozo Outro, ganha vida. (SOLER, 2005, p.146). A desestabilização do referencial fálico pelo encontro do “não todo fálico”, traz uma experiência de perda das certezas, de desamparo fundamental. A inexistência do Outro, segundo Miller (2005a, pág.11), inaugura a época dos desenganados, e essas crianças que devem ser acolhidas pelas mãos sociais, são exemplares da errância, retrato vivo das marcas deste tempo, nos dias atuais.

Dessa forma, pode-se localizar os sintomas atuais, os modos de gozar de nossa época, do lado feminino das fórmulas de sexuação elaboradas por Lacan. Muito embora os termos “feminino” e “mulher” não se superponham necessariamente, segundo Laurent *“as mulheres têm uma relação muito particular com o significante do Outro que não existe $S(A)$, que é um modo de inscrição no Outro daquilo que cai quando não há ideal, que as faz quicá mais sensíveis ao estado atual do Outro”*. (LAURENT, 2005 p. 108 tradução nossa.)

Não se pode esquecer que as mulheres se dividem, se desdobram, pois como qualquer sujeito, participam também do campo do fálico, das leis, das normas, embora não de todo. No quadro da sexuação, do lado da mulher, há uma bipartição: parte uma seta em direção ao $S(A)$ e uma outra dirigida ao Φ , pois, segundo Lacan, não existe x que não esteja inscrito na função fálica: $\exists x \Phi x$. Nesse sentido, convém diferenciar dois níveis ou duas versões para esse gozo desmedido, que pode se tornar devastador - um verdadeiro convite à loucura se não se sustenta uma ligação com a lógica fálica - ou um gozo suplementar, que se assemelha ao gozo místico, mas que atado à contingência, pode fazer surgir a invenção e a criatividade, um gozo desfalicizado como se espera, por exemplo, no final de uma análise e que, de maneira alguma, deixa o sujeito desarrimado. Afinal, é bom lembrar que, se o capitalismo exacerba, por um lado, o consumo exagerado e leva alguns à caça do mais de gozar, por outro, ele também denuncia a falta de um objeto capaz de tamponar essa angustia generalizada. Nesse caso, para alguns, quando se assume uma posição feminina, pode-se elevar o objeto à categoria de causa, ancorando o sujeito em um ponto de fixação diferente do consumo desenfreado a que servem os objetos mais de gozar. Assim, diante do Um declinado, os

S¹ pluralizados, tanto podem funcionar como significantes do modismo e desorientar os sujeitos na multiplicidade dos pequenos mestres, como também, por outro lado, podem funcionar como traços simbólicos colhidos ao modo contingente com os quais a indigência do sujeito contemporâneo – não só as crianças desamparadas, na privação – podem se servir.

CAPÍTULO – 4

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA NO CAMPO DAS CASAS LARES E SUA DISCUSSÃO

4.1 – CIRCUNSCREVENDO O CAMPO

Informações obtidas na Secretaria do Estado de Desenvolvimento Social e Esportes (SEDESE), na International Associated Member (AVSI) e na Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) indicam que existem nesta capital, atualmente, três categorias de organização das “casas lares” registradas no CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente:

- a) aquelas que são mantidas por Organizações Não Governamentais (ONGs) e conveniadas com o Estado, através da SEDESE ;
- b) as casas que são mantidas por ONGs conveniadas com a prefeitura;
- c) “casas lares” que não possuem convênios com o estado ou com a prefeitura.

Essas últimas são mantidas pela iniciativa privada: um grupo de pessoas se reúne e efetiva o projeto, contando com ajuda financeira espontânea dos membros envolvidos. É o caso, por exemplo, da “casa lar” do Tribunal Regional de Justiça (TRJ). Muitas casas, apoiadas pela iniciativa privada, são vinculadas a uma instituição religiosa ou se mantêm através de Entidade Filantrópica ou Entidade familiar. (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA, 1997)

AS ONGs também, em sua grande maioria, são diretamente vinculadas a alguma organização religiosa e recebem verbas, muitas vezes, oriundas de outros países. Formam as “entidades”, como são denominadas nos documentos pesquisados, e podem ser responsáveis por uma ou mais “casas lares”. Determinadas entidades gerenciam, simultaneamente, algumas casas conveniadas com a prefeitura e outras conveniadas com o Estado. Fica a cargo dos dirigentes das entidades, a guarda institucionalizada das crianças e a seleção e contratação das mães sociais que lá trabalham.

Através de planilhas fornecidas pelo Estado, pela Prefeitura e por um levantamento feito pela AVSI, calcula-se que, atualmente (2004), existam cerca de setenta “casas lares” em Belo Horizonte, distribuídas entre as três categorias citadas

acima. Há dificuldades em precisar com segurança este número, uma vez que os dados fornecidos pelas planilhas apresentadas por cada órgão citado, mostram algumas contradições nas cifras, não favorecendo, assim, um cálculo exato.

Para a realização desta pesquisa, optou-se por selecionar, como amostra, “casas lares” das três categorias existentes para observar e entrevistar as mães sociais residentes em cada uma delas. Além disso, foi feito um esforço no sentido de obter amostras de origens ideológicas diferentes como, por exemplo, religiosa e não religiosa. Foram entrevistadas sete mães sociais de cinco casas lares visitadas

Na casa – lar “TJ Criança Abriga” foram entrevistadas as duas mães sociais residentes. Essa casa não possui convênios com a Prefeitura nem com o Estado e tampouco está vinculada a uma crença religiosa. É mantida por iniciativa privada de um grupo de pessoas que trabalham no Tribunal.

Do Lar Maria de Nazaré, montado, a princípio, por iniciativa particular, foi entrevistada uma mãe. A diretora da entidade, que atualmente possui mais de uma casa lar, é da religião espírita e iniciou seus trabalhos voluntariamente e por conta própria. Atualmente, recebe ajuda financeira da Prefeitura para acolher algumas crianças que são encaminhadas através do Juizado de Contagem.

A Entidade “Irmão Sol”, que teve também uma mãe entrevistada, é uma associação responsável por várias casas, administrada por Freis Franciscanos ligados à igreja católica. A casa-lar visitada está atualmente sob a direção de Frei Mariano. As casas recebem recursos financeiros através de convênio com a prefeitura e da comunidade, através dos fiéis que acompanham o trabalho dos Freis. Além disso, recebem, eventualmente, recursos oriundos da ONG de um grupo Holandês, terra de origem da congregação.

A Entidade “Obreiros Mirins” também possui várias casas-lares, algumas conveniadas com a Prefeitura, outras, com o Estado. Desta entidade, foram entrevistadas duas mães sociais de uma de suas casas. A presidente da entidade é de religião Evangélica, mas o trabalho feito nas casas, segundo a psicóloga responsável, não tem orientação procedente da proposta cristã evangélica. A casa conta ainda com doações da comunidade.

Por fim, foi visitada a casa lar “Efatá”, que também começou sendo montada por iniciativa da própria mãe social entrevistada e, só num segundo momento, se tornou

uma instituição regulamentada, recebendo, atualmente, benefícios através de convênio com a Prefeitura de Contagem. A mãe social frequenta a igreja Batista da qual se declara parceira nos trabalhos comunitários. Ela recebeu a casa lar - como doação a pessoa física - de um italiano, presidente de uma empresa em Betim, que soube, através da igreja, do trabalho social que desenvolvia.

Com as visitas a essas diversas entidades e as entrevistas produzidas em suas casas estima-se, que esta pesquisa abrangeu variáveis suficientes para contemplar boa parte do universo da proposta de operacionalização e do funcionamento das casas lares e conseqüentemente, da escolha feita pelas mães sociais. É importante lembrar que tanto as entidades quanto as mães entrevistadas assinaram o termo de “Consentimento livre e esclarecido” conforme Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Como já foi dito na Introdução, as sete entrevistas com as mães sociais constituíram o principal eixo de trabalho desta pesquisa. Elas permitiram o recorte do campo estudado, tornando viável uma melhor compreensão do vasto panorama que envolve a escolha por essa nova profissão. Ao lado desse material, foram utilizados, também, como fonte de pesquisa, observações e relatos obtidos em reuniões de um programa de capacitação para mães sociais promovido pela Secretaria de Desenvolvimento e Juizado de Menores, com os representantes desses órgãos públicos, várias mães sociais e dirigentes das casas lares de contagem. Esse material enriqueceu bastante o campo pesquisado e os dados oriundos dessa experiência serão narrados ao longo dessa exposição o mais fielmente possível, uma vez que eles vêm referendar e complementar os dados das entrevistas.

As sete entrevistas com as mães sociais foram marcadas com antecedência, por telefone, e aconteciam nas salas ou, quando havia, no escritório das casas lares. Por ocasião das reuniões do programa de capacitação, duas mães que dele participavam, se ofereceram espontaneamente para serem entrevistadas, demonstrando necessidade de falar de seu trabalho e, fato interessante, outras duas, se recusaram a isso quando solicitadas. Duas das mães entrevistadas foram indicadas pela coordenadora técnica e dirigente da entidade, tendo sido convidadas por ela a concederem as entrevistas. Embora tenham assinado o termo de consentimento livre e esclarecido e tenham aceitado conceder a entrevista, elas o fizeram em função do pedido de sua coordenadora. Nessas entrevistas foi necessário maior condução da entrevistadora em

relação às perguntas, uma vez que com essas entrevistadas a conversa não fluiu espontaneamente como nas outras entrevistas. As três entrevistadas restantes concederam também de bom grado e espontaneamente as entrevistas agendadas com antecedência por telefone. Cabe salientar que outras mães, ao receberem o telefonema propondo a entrevista, se esquivaram da solicitação impedindo assim que a entrevista com elas se efetivasse. Assim, as entrevistas concedidas foram gravadas com o consentimento das entrevistadas e num segundo momento foram transcritas.

Diante do convite às entrevistadas para que falassem dos motivos que as conduziram para esse tipo de trabalho, ocorria com as mães sociais que se dispuseram ou mesmo se ofereceram a ser entrevistadas, um processo análogo ao da associação livre, pois, fato relevante, elas mostraram-se desejosas de falar de suas experiências. Assim que lhes era dada essa oportunidade, elas desenvolviam seu testemunho sem que fossem necessárias muitas intervenções ou perguntas: o discurso fluía livremente. Dessa forma, com elas, o roteiro de entrevistas previamente elaborado, perdeu seu sentido, já que as perguntas nele contidas foram sendo respondidas espontaneamente numa conversação de tom leve e fácil, retirando assim, a funcionalidade de um roteiro formal que só poderia travar o fluxo cheio de interesse das declarações.

A transcrição do material obtido possibilitou reiteradas leituras dos textos, levando à percepção de detalhes e sutilezas que escaparam no momento mesmo das entrevistas. Assim, ao revisitar o material, receberam atenção, além do conteúdo, as modulações de voz, os momentos de silêncio, as repetições de expressões e recorrências de afirmações numa mesma entrevista (ainda que expressas com termos distintos) e os pontos de convergência de entrevistas diferentes (Cf. GUERRA, 2001). A soma desses aspectos compôs um quadro que permitiu a elaboração de alguns temas gerais, classificados a partir de vários tópicos que emergiram dessa conversação, aqui denominados “temas-eixo”.

As mães sociais são nomeadas, nessa pesquisa, pelo pseudônimo “Maria” (em razão do valor simbólico desse nome), cada Maria com um nome complementar que a diferencie das outras. Isso as distinguirá sem que seja quebrada a regra de sigilo. Vale ressaltar que na maioria dos casos, as mães sociais já tinham Maria como primeiro nome. Assim, foi necessário mudar, em alguns casos, apenas o complemento do nome, evocados a partir de algum traço pessoal surgido durante o encontro ou de algo dito nas

entrevistas. A título de exemplo, Maria da Piedade, da Consolação e do Socorro, evocam, as três, uma forte preocupação com o sofrimento alheio e um ardente desejo de ajudar o próximo. Piedade, mais fortemente ligada à igreja católica. Consolação declarou ser um *consolo* para si, acalantar o sofrimento alheio. Socorro ajuda urgentemente os necessitados, tanto em hospitais, quanto na rua, e recentemente, nas casas lares. Os outros nomes também foram escolhidos em função de algum traço pessoal que, para a pesquisadora, as tornavam singulares, sendo o objetivo da nomeação, apenas distingui-las durante os relatos, de maneira a garantir maior clareza à leitura das observações e conclusões produzidas a partir dos diferentes depoimentos e posturas das “mães” entrevistadas.

4. 2 - DESCRIÇÃO NARRATIVA DAS CASAS

Chegando às casas lares sempre acontecia um convite, por parte das mães, para que se conhecesse sua casa. Essas visitas ocorriam logo antes ou logo depois das entrevistas e se tornaram fundamentais para melhor compreender a realidade vivida, tanto pelas mães quanto pelas crianças, na rotina de cada casa. As cenas vistas durante essas visitas, o empenho e o carinho de algumas mães, a dor, o abandono e o apelo calado estampado no olhar das crianças, causaram tamanho impacto, que acabaram por condenar qualquer neutralidade que se pudesse pretender em sua descrição impondo uma forma narrativa que se distancia do relato puramente descritivo ou formal.

Vistas de fora, as casas, em sua maioria, modestas, caricaturam um lar. Dentro delas, meninos ou adolescentes já habituados à pose de vitrine para os curiosos visitantes, que, quem sabe com sorte, podem se converter em padrinhos e levar para passear. Em geral, nas casas, a estética é a do simples e do necessário. Casas limpas, sem a cara do dono. Exceto a de Maria da Consolação que fez de sua própria casa a instituição. Nela, o traço distintivo é o caráter pessoal da decoração: no escritório, cômodo apropriado para receber os visitantes, estampado na parede azul, um mural compõe um mosaico irregular de retratos. Orgulhosa, ela apresenta os rostos e conta suas histórias. Explica que um italiano da igreja doou a verba para a construção da casa. No fundo do quintal cimentado, há um telhado encostado no muro, e nesta coberta, fazem-se lanches e funcionam oficinas de arte, inclusive com outras crianças da comunidade. Nesta casa, adivinham-se momentos de prazer.

Já em outras, o que primeiro se revela é o caráter de transitoriedade. Nada é pessoal. Tudo é de todos. Nos quartos amplos, enfileiram-se camas em alvenaria – “*é mais asseado*”. Os armários, também em alvenaria, têm prateleiras, mas não tem portas, escancarando a privacidade que não há. O cheiro que permeia o ambiente das casas, mistura o odor da fritura em óleo de soja - “*que é mais em conta*” - e do colchão que, em dias de sol, fica exposto para secar a urina impregnada das noites umedecidas de desamparo, medo e fantasias. No terreiro, Maria Perpétua cata piolhos na cabeça das

meninas, que reclamam a dor do pente fino em cabelo crespo. Num arame feito varal, as roupas secam com o sopro do vento e poeira do chão de terra batida.

Na casa de Maria do Socorro e Maria da Penha, há mais conforto. Um piano velho na sala confunde o visitante, deixando dúvidas se o móvel velho é um toque de requinte, ou de decadência fidalga, pois se trata de peça jamais usada, ou mesmo sem condições de uso e, portanto, ignorada pelos habitantes. A casa é grande, arejada. Tem escritório, onde se faz relatórios – tudo deve ser registrado. Tem quarto de brinquedos, que deve ser mantido arrumado após o horário de brincar. Tem canteiro de jardim cercado por piso de caco de azulejo. Muita gente transita pela casa. O quadro de funcionários é grande: tem psicólogo, monitora, cozinheira e muitos visitantes. Um cachorro também transita entre as crianças, fazendo festa. No final da rua sem saída, há uma praça onde é costume soltar papagaio no mês de agosto. Vez por outra, chegam meninos trazidos pelos padrinhos, com ares de quem acaba de descer de uma limusine. Mas, no que diz respeito aos odores dos colchões, e às crianças de nariz escorrendo, essa casa, em nada difere das outras.

Em duas casas visitadas, onde residem adolescentes, as camas mostram algumas particularidades. Alguns objetos pessoais são deixados em cima delas como que para demarcar espaço. A arrumação ou desarrumação da cama tem um toque íntimo, afirmando a presença do dono. Mas os quartos, que são coletivos, devem seguir as normas da arrumação. Todo dia, cada um tem sua tarefa estabelecida. Vez por outra, na sala de televisão, pode-se assistir um jovem esparramado no sofá, “*porque ninguém é de ferro*” (fala de um adolescente morador).

As salas de refeição, de maneira geral, são grandes – devem comportar numerosas bocas famintas, e as mesas extensas já ficam postas com toalhas de plástico, para facilitar a limpeza e a lida na cozinha. A comida servida é o básico saudável: Arroz, feijão, verdura e, nem todos os dias, carne. Um bolo costuma ser feito para o lanche da tarde, regalia da arte culinária usual nas casas.

4.3 - ASPECTOS DIRETORES E TEMAS – EIXO

A visitação das casas, as entrevistas, e os relatos obtidos nas reuniões com diversas mães sociais, compuseram tópicos, aqui denominados de “temas-eixo”, que organizam boa parte do material obtido. Para possibilitar a construção de uma análise sobre a profissão Mãe social, decidiu-se enfocar três aspectos gerais que deram um direcionamento na extração dos temas-seixo. Esses aspectos diretores são: os **motivos** dessa escolha, ou o que buscam as mães sociais ao escolherem essa profissão, a **relação** das mulheres com a maternidade, e qual a **realização** que dizem obter nessa profissão, tornando-se mães sociais.

A partir desses aspectos diretores, privilegiou-se cinco temas-eixo que serão apresentados a seguir.

Cabe salientar ainda, que a riqueza do material e as considerações que podem ser feitas a respeito dele, conduzem muitas vezes, a um entrelaçamento dos temas, dentro mesmo dos aspectos diretores, oferecendo sempre a possibilidade de rearranjar, redescobrir e confrontar as diversas facetas destacadas. São eles:

1 – Forma de ingresso na instituição como mãe social. Neste tema, objetiva-se vislumbrar através da forma de ingresso, os motivos que levaram as mulheres ao cargo, ou o que elas buscaram ao se candidatar a ele.

2 – Formas de operacionalização da função mãe. Aqui, trata-se de evidenciar a relação das mulheres com a maternidade, e o lugar da maternidade como profissão para essas mulheres.

3 – Acolhe-se o abandono. Os temas-eixo 3 , 4 e 5 mostram um pouco sobre o que as mães esperam realizar com a profissão.

4 – A função de educar.

5 – Sobre a separação. Esse tema eixo tem a peculiaridade de mostrar o que poderia ser verdadeiramente uma realização das mães sociais, mais do que o que elas **visam** realizar, uma vez que em sua fala, essa questão aparece, como se verá, muito mais como um problema, ou um questionamento recorrente, intrínseco à operacionalização da profissão.

4. 3. 1- **FORMA DE INGRESSO NA INSTITUIÇÃO COMO MÃE SOCIAL.**

Percebe-se que a ligação com algum tipo de organização religiosa é um canal de influência bastante vigorosa para o ingresso nesta profissão. Mesmo que, em alguns casos, não haja um canal direto, sempre se pode ressaltar algum tipo de ligação com um sentido religioso ou filantrópico. Quando essa ligação com a religião não ocorre diretamente por parte das mães sociais (como se observa em alguns casos), acontece por parte do(s) responsável(eis) pela instituição, ou seja, aquele(s) que contrata(m) as mães sociais. Em outros casos, são as próprias mães sociais que, imbuídas de um sentido religioso ou humanitarista, se candidatam ao emprego.

Algumas mães ao freqüentarem cultos religiosos, se inteiraram da oferta de trabalho e se candidataram a ele (depoimento recolhido numa das reuniões do programa de capacitação para as mães sociais promovido pela Secretaria de Desenvolvimento em parceria com o Juizado de Menores). Uma mãe, numa reunião do programa de capacitação, relatou: *“O Pastor lá da igreja me mandou fazer isto para expiar meus pecados!”* Noutro depoimento ouvido também na reunião, uma mãe social declarou que ela mesma havia sido uma criança abandonada e institucionalizada que, após o término do período permitido de sua residência na casa, se tornou mãe social em outra casa-lar.

Maria Perpétua soube do emprego por um parente (tia) que freqüentava o culto e mencionou o fato. Ela trabalhava como doméstica em uma casa de família e viu ali uma boa oportunidade de emprego, já que também tinha alguma experiência com as crianças da casa onde trabalhara (entrevista 3. Anexo 3)

Maria da Piedade, muito católica, acompanhava assiduamente um programa religioso pelo rádio. Soube do funcionamento das chamadas casas lares e sentiu que ali estava sua chance de realizar algo que sempre quisera e que, de alguma forma, já vinha praticando, ainda que de maneira precária pelas dificuldades financeiras:

“Achei legal, até por ter muita ajuda... assim... que às vezes eu queria fazer muita coisa na minha comunidade e por falta de oportunidade, de condições realmente, não podia. (...) . Eu queria mesmo um local próprio... quando vim pra cá, e que eu conheci realmente o trabalho eu vi que tem condições de realmente de ajudar os meninos...” (Maria da Piedade entrevista .1 Anexo 3)

Maria José relata que ouviu uma conversa no ônibus sobre a necessidade de uma pessoa para trabalhar como mãe social e, diante de sua situação de desempregada, e por sua experiência com crianças, (havia lecionado antes) se candidatou ao cargo.(entrevista 2. Anexo 3)

Houve um caso, o de Maria da Consolação, que já trabalhava informalmente como “cuidadora de crianças abandonadas” em sua própria casa e, depois, regularizou a situação da casa registrando-a como instituição, tornando-se profissionalmente uma mãe social (entrevista 7. Anexo 3). Caso um pouco semelhante, ocorreu com Maria da Luz, que ajudava sua irmã nessa mesma situação (sua casa era uma instituição informal) e, quando a situação da casa foi legalizada como uma entidade, e novas casas lares foram abertas, ela foi contratada para o cargo numa delas (entrevista 6. Anexo 3)

Maria da Penha havia trabalhado em Juiz de Fora numa “Aldeia” (uma das primeiras instituições criadas com o modelo de casa lar) e, em função dessa experiência, foi indicada para trabalhar em Belo Horizonte, onde residia sua família. A peculiaridade deste caso reside no fato de que a entrevistada, que havia trabalhado antes em escritórios, mas sem emprego fixo, se viu, de repente, abandonada pelo marido e às voltas com seus filhos para sustentar e criar. Segundo Maria da Penha, nesse momento de sua vida, sua maior preocupação era dar conta da maternidade. Ao recorrer aos anúncios de emprego no jornal, se deparou com o de mãe social. Mesmo tendo feito várias outras entrevistas de emprego, foi selecionada exatamente para esse cargo, que aceitou prontamente. Foi esse emprego, inicialmente em um abrigo com regime de internato para adolescentes, em Ribeirão das Neves e, posteriormente, nas casas lares da “Aldeia” em Juiz de Fora, durante mais ou menos 7 anos, que possibilitou sua indicação para o mesmo cargo, em Belo Horizonte, onde moravam seus filhos, então já crescidos (entrevista 5. Anexo 3)

Maria do Socorro entrou na casa-lar como “plantonista” e, após algum tempo, em função de sua crescente afinidade com o trabalho, com as crianças e com a casa, se tornou mãe social (entrevista 4. Anexo 3)

Embora as formas de ingresso na profissão tenham sido bastante diversificadas, pode-se delinear, a partir das observações, duas posições essenciais das mães sociais com relação à escolha da profissão:

1 - Aquelas que buscaram o emprego para receber algo dele.

2 - Aquelas que foram em busca de uma possibilidade de se doarem.

Essas duas posições apareceram tanto nas entrevistas quanto nas reuniões citadas. Um fato curioso, é que, nas reuniões, as mães sociais que optaram pelo emprego e não pela função e assim se sentiam condenadas à profissão por falta de opção ou, como no caso já citado, da mãe social que revelou em reunião de capacitação, estar nesta profissão como forma de expiar pecados por determinação do pastor de sua igreja, não se dispuseram a serem entrevistadas. Elas foram ouvidas nas reuniões, mas não em entrevistas. O que resultou disso, é que, as mães que concederam entrevistas de bom grado, que desejavam falar de seu trabalho espontaneamente, se posicionaram, em sua maioria, como exemplos do segundo grupo: as que foram em busca de uma possibilidade de se doarem.

Entretanto pôde-se perceber exemplos dessas duas posições, mesmo nas entrevistas. De um lado, num primeiro grupo, observa-se a expressão de queixa, de desprazer, de peso, de insatisfação, com o exercício da profissão, especialmente naquilo que se supõe que se deveria receber do Outro. Esse desagrado e insatisfação aparecem de diversas formas, como por exemplo, com relação ao baixo valor do salário e dos benefícios que esperavam obter:

Entrevistadora: *“- E o que você menos gosta?”.*

Mãe: *“-Do financeiro, da parte financeira.”*

Entrevistadora: *“- Paga mal?”*

Mãe – *“-Paga mal! Ganha muito pouco(...).Eu tô aqui, por falta de emprego mesmo.”*(Maria José, entrevista 2. Anexo 3)

Outras, ocupando uma posição semelhante às das crianças, ainda esperam receber algo do Outro, pois elas ostentam a falta, ou a dor da falta, se reduzindo à posição de objeto-dejeto. Isso pode ser deduzido quando, por exemplo, aparece o sofrimento com um amor que não vale a pena, que é acompanhado pela dor e pelo sofrimento, que não traz um reconhecimento social que é sempre esperado e nunca alcançado:

“Ah mia filha, esses meninos, muitos não tem jeito não... Ce faz, cê fala, ce peleja, e eles te dão é mais malcriação e desaforo... E ninguém num tá nem aí não...” (fala de uma mãe nas reuniões).

Ao que parece, essas mães, se sentem desamparadas e marginalizadas, e ocupam uma posição de simetria ou especularidade com relação à posição das crianças. Nas reuniões, algumas mães se confessaram envergonhadas de exercerem a profissão, por presumirem que são consideradas “lixadeiras do mundo:

“O que ninguém quer, o que sobra, o que não tem jeito, nós temos que agüentar. É muito fácil falar o que a gente tem que fazer, mas fazer mesmo, é nós ali. Na hora H, não tem ninguém pra ajudar, não. (...) E o pessoal do bairro, cê vai assim, comprar um pão, ou no açougue: “_Ah! Você que é a mãe da casa daqueles meninos?” Eles discriminam mesmo a gente...eu não gosto disso, eu tenho vergonha.” (fala colhida em reunião)

Ainda no pólo da queixa, e esperando receber algo através da profissão, Maria Perpétua, narra que, com esse emprego de mãe social, ela, que era empregada doméstica numa casa, passa agora à posição de dona da casa e é esse ganho que reafirma sua escolha pela profissão:

“Eu morava em casa de patroa, né, desde novinha ...(...) Porque aqui, igual, eu tenho casa, comida, salário...e posso folgar nos domingos”. (Maria Perpétua, entrevista 3. Anexo 3)

Já no segundo grupo, a relação com a profissão é outra. As mães se posicionam no pólo oposto ao da queixa, no pólo da alegria e do júbilo e, portanto, o ganho extraído por elas com a profissão, é outro que não o financeiro. Aliás, aparece frequentemente, um traço de renúncia aos bens materiais, que lembra o que Lacan indica no seminário VIII com respeito aos santos: que neles se trata de uma riqueza outra - uma riqueza de gozo. (LACAN, 1992 [1960/61] p. 347).

“Salário não tem que paga isso não! Eu ganho crescimento. Nossa, eu amo, nó!” (Maria da Luz, entrevista 6. Anexo 3)

“Olha Nádia, o salário, eu tenho um pensamento assim... não existe o dinheiro que pague; O salário aqui, a gente não ganha muito bem não, sabe, se fosse só pelo o dinheiro... ” (Maria do Socorro, entrevista 4. Anexo 3)

Neste grupo, aparece a oferta de amor a um Outro, e através desses atos de amor, logra-se, mesmo que temporariamente, um apagamento da castração, e assim, não há reclamação e sim júbilo. A disposição para assumir a profissão aparece como sendo um “dom” e um “desafio” – dois substantivos que convergiram em quase todas as entrevistas desse grupo:

“(...) então o que eu gosto no trabalho é isso, é um verdadeiro desafio!
(Maria da Luz, entrevista 6. Anexo 3)

A questão do amor está inteiramente imbricada na escolha dessa profissão, pois as mães desse grupo, dizem que a fazem por amor. Pode-se perguntar que tipo de amor está aí implicado. Sabe-se que na psicanálise, não se diz de amor, mas de amores, e embora ele comumente apareça em sua vertente imaginária, não pode ser reduzido a ela.

Algumas vezes, ele aparece

“com suas miragens, revelando-o ilusório, mentiroso, enganador. Ilusório porque não cumpre suas promessas de união entre aqueles “em quem o sexo não basta para torná-los parceiros”, pois que o gozo vem opor um dementido; mentiroso porque é narcísico, dissimulando o amor a si mesmo sob a máscara do amor pelo outro; e enganador, enfim, porque só quer seu próprio bem, sob a capa do bem do outro. No cômputo final, gêmeo do ódio: enamoródio, diria Lacan.” (SOLER, 2005 p.171)

Mas para a psicanálise ainda, segundo Colette Soler, o amor tem a estrutura de sintoma, por mais contingente que ele seja, pois o sintoma designa, num sujeito, os arranjos de seu gozo no ser de linguagem que ele é.

Carmen Gallano (2002), quando diz que o amor é o que permite fazer suportável a inexistência da relação sexual, aponta duas maneiras de suprir a proporção sexual: a maneira masculina e a feminina. Do lado masculino o amor toma a via do fantasma, colocando em seu centro um objeto, seja uma mulher ou não, porém um objeto que ocupe o lugar da causa de seu desejo (GALLANO, 2002 p.13). A via do lado feminino para suprir a proporção sexual, “é outro amor, em relação direta com o que está por detrás do mundo, com essa falta no universo do

discurso” (GALLANO,2002 p.13). Lacan, ao formular que “o amor é dar o que não se tem” (LACAN, 1960/61 p.126), assinala a falta, a lacuna, a não ancoragem do desejo, encarnadas, absolutamente, por um de seus nomes: o amor.”(CASTELLO BRANCO, 2000 p.111).

O amor é visto pelas próprias mães como um dom, e evidencia, à diferença do primeiro grupo de mães, uma outra posição dessas mulheres com relação à função da falta. Aqui, ama-se a partir da falta, e assim, o amor faz função de suplência da inexistência da relação sexual:

“Aí o médico me chamou e falou: - ele pode não ouvir porque ele teve duas paradas respiratórias e teve uma lesão no cérebro, então ele pode não falar e nem andar, foi o que o médico falou comigo (...). Lá no hospital eu comecei a olhar pra ele, foi dando uma paixão, ele assim me conquistou de uma maneira, menina, daquele jeito dele assim, aí eu disse: ah não tem jeito não.(...). Se ele fosse morrer amanhã, então que seja eterno enquanto dure(...) Aí eu tava ciente que eu ia ter uma criança que não era uma criança ...sempre...né? Tá bom, se viver dois anos, tá bom, se viver um ano, tá bom, aí o médico falou ainda assim: - você não espera que ele viva nem um ano. Então não tem problema, eu não ligo para isso não, eu quero dar o melhor, não sei sabe, não sei se ele vai encontrar alguém que vai amar ele, porque eu já amo ele demais, tanto que eu quero dar tudo de mim por ele, aí eu peguei aquele menino, entendeu e cuidei dele e não é que o menino sobreviveu? (...)o menino não tem nada, com nove meses o menino tava correndo pra tudo quanto é lado(...). Ele é inteligentíssimo, se você ver o menino tocando bateria com três anos, você fica boba de ver. Aí o médico falou comigo: - o quê que você fez? Eu falei: - eu não fiz nada. Eu não fiz nada entendeu, não fiz nada, nada, nada, eu falei: - eu vou amar tanto esse menino.., Falei mesmo. Acho que é um dom que a gente tem...” (Maria da Consolação, entrevista 7. Anexo 3)

Maria da Luz, convicta de seu “dom” para exercer a profissão, demonstra uma firme determinação para continuar seu ofício de mãe social, e, a julgar pelo seu entusiasmo, nada pode arrebatá-la desse intuito:

“Bom, é...na verdade eu tenho esse trabalho, podemos colocar há vinte anos (...). E num adianta também me falar, assim: –“Maria, cê vai ser presidente do lar tal...” não quero! Eu não quero posição, entendeu? Eu quero fazer o meu trabalho.”(...) “Eu vejo isso como um dom mesmo. Então muitas

peessoas que eu encontro assim, que já trabalhei, mesmo na casa André Luis há uns 8, 10 anos atrás... “Nó, Maria, cê ta mexendo com isso ainda?” Cê entendeu? “Nó mas cê tá nesse trabalho ainda?” Então, assim, é uma coisa, assim, que pra eles era cansativa. Pra todo mundo que foi comigo ficou cansativa. E eu continuei. Então assim, sempre nessa área. E pretendo continuar ainda sempre assim, nessa área”. (Entrevista 6. Anexo3)

O desafio aparece como uma maneira de restituir ou reparar aquilo do qual as crianças foram privadas, sendo as mães, restauradoras de um Outro que vem, agora, aplacar tal sofrimento. Aqui as mães fazem pelas crianças, aquilo que gostariam que fosse feito por elas próprias nessa posição infantil de desamparo, ou seja, fazer pelas crianças é também uma forma de receber:

“eu sempre tive na minha mente assim, antes de casar, como eu num tive assim, a minha avó supriu muito a falta da minha mãe, mas não é realmente a mãe, como eu tinha sempre esse vazio da minha mãe, eu ... se Deus me desse o dom de ter filho, eu queria que eles tivessem tudo que eu não tive, de amor de mãe (...) Eu não conhecia essa profissão e eu entrei nessa profissão, eu quero realmente passar pros meninos isso, eu converso com eles e falo isso, eu quero que vocês sintam de verdade que aqui é uma família, é uma casa lar, e que somos pais, pais de verdade e vocês são filhos mesmo, quero que vocês tenham liberdade, de perguntar, falar o que tiver sentindo, pra gente poder ajudar como uma família mesmo”. (Maria da Piedade, Entrevista 1. Anexo 3)

Outro aspecto que se pode delinear na trajetória de algumas mulheres desse grupo é o fato de elas se dedicarem a um sublime gosto pela perspectiva humanitária contra as adversidades da vida. A psicanálise há muito, revelou o gozo que vige por trás do ideal e denunciou que sempre haverá algo que escapa à domesticação. Desconhecer esse fato seria denegar o cerne da obra freudiana. Descobre-se pulsão onde há idealização e sublimação. Entretanto, *“o sublime tem uma relação estreita com o desejo que ultrapassando o amor ideal, envia a um novo amor à verdade que é, nesta desidealização, ainda desejo de verdade, esta que o causa”*. (GUATIMOSIM, 2006a).

Num momento da civilização onde há um despedaçamento dos laços sociais, pode-se pensar se essa forma de amar não instaura um limite nesse despedaçamento e, se com esses atos, essas mulheres, longe de desconhecerem esse gozo Outro ligado ao

real, “*trespassam a linha que faz fulgurar algo da coisa-causa de desejo*” (GUATIMOSIM, 2006a). Encontra-se nos relatos de algumas dessas mulheres uma longa história de continuidade e perseverança, mesmo antes de se tornarem mães sociais:

(...) geralmente quando cê sai na rua, cê vê aquele tanto de menino, dá vontade de sair catando... cê já viu? Outro dia, eu fui... fui no hospital Felício Rocho, ali debaixo daquela coisa da passarela, ô gente! mas eu olhei, os menininho tudo peladinho, sabe, até deixei um dinheiro lá pra eles comprar, se precisar de leite, mas a gente sabe que eles não usam isso pro leite, cê entendeu como que é? Mas aquela coisa de consciência, né...

Oh, toda vida, vou te falar uma coisa, eu sempre visitei muito hospital, cê entendeu? Aquela Baleia ali, já fui várias vezes; Mario Pena, já fui a muitas visitas, sabe, independente de eu não ter ninguém conhecido, eu acho que é importante...(...) Então geralmente a gente saía (se referindo a uma amiga), no domingo, quando a visita na Santa casa, acho que era na quinta feira, a gente saía... eu acho assim Nádia, quer dizer, tudo! Não é só coisa boa não, esses hospitais que cê chega, cê vai, visita um apartamento, cê sabe que a pessoa tá ali no apartamento, a pessoa tem que acreditar muito, essa área de SUS, a doença mesmo, a doença mesmo.. um câncer... uma aids...(...) . Ala de Aids: a ala de Aids é uma coisa tão assim, que cê olha, a pessoa, na hora que ela vê uma pessoa pra visitar, ela fica naquela...Cê entendeu? Porque não é sempre... o câncer também terminal, a hora que cê chega ali, eles mudam a fisionomia do rosto... agora que eu não tenho tempo, sabe, eu não tenho tempo... (...), mas aí é assim... Abranda muito o coração da gente, sabe, a gente vê que a gente tá bem, aí vem aquele processo sabe, a gente ia toda quinta e domingo fazer as visitas(...)... Aumentar a auto-estima de uma pessoa é bom demais, Nádia.(...). Se uma criança chega aqui, hoje... chega aqui é daquele jeito, então quer dizer, a tendência da gente é aumentar a auto-estima dela, né? Aí então é isso aí que eu tô te falando, a gente tem que tentar, não é só de criança não, adulto também, toda vida eu gostei disso, e...a gente faz o possível aqui pra... pra dar um pouquinho do que faltou pra eles e amenizar um pouquinho a vida sofrida deles, porque todos eles, todos eles! Passaram por uma vida, que eu vou te falar... (Maria do Socorro, entrevista 4. Anexo 3)

Na entrevista nº 7, a mãe social Maria da Consolação, coisa peculiar, trabalha “fora”, mesmo que em sua própria casa, que se tornou uma instituição, com outras crianças da comunidade. Infatigável, ela propõe oficinas de leitura e escrita, digitação e artes, não só para as “suas” crianças, no período em que não estão na escola, mas também para aquelas da comunidade, que não têm escola, ou que se encontram sós antes ou depois da escola. É, segundo a entrevistada, uma forma de ajudar mais crianças, além das que ficam permanentemente sob seus cuidados. Neste trabalho, ela ainda recruta outros adultos da comunidade, muitas vezes, nos cultos religiosos que frequenta, para ajudá-la nessas oficinas. Essa proposta tem, também, a intenção de oferecer a algum desvalido a oportunidade de superar suas limitações e de se sentir útil num trabalho produtivo:

“porque as crianças estavam na rua, para eu tirar essas crianças da rua eu fiz o Projeto Ler, Digitar e Criar, porque eu resgato de lá, trago pra aqui, para eles evitarem essa coisa do abrigo, entende? Aí assim foi uma técnica que eu tive, porque eu falei assim, gente, daqui a pouco esses meninos tá tudo abrigado, aí eu vou lá na casa da família, faço a visita, mostro o Projeto, explico pra mãe o quê que é, aí a mãe acha lindo, manda os meninos né. E o pessoal da igreja também, que as vezes tá ali sem uma atividade, isso faz bem pra eles também, é os dois lados.” (Maria da Consolação, entrevista 7. Anexo 3)

Maria da Consolação, desde criança, cuidava de parentes doentes e se sentia reconfortada por suas atitudes:

“eu nasci aprendendo a cuidar dos outros, entendeu, parece assim, que eu nasci, desde que eu me lembro assim sabe, menina assim, eu já fazia o que eu faço (...), eu tinha uns 9, 10 anos e fazia tudo isso, primeiro com meu pai, depois cuidava da vó, e ficava com a vó e minha mãe saía pra trabalhar, então eu ficava com a vó,(...) eu dava banho, limpava cocô, limpava xixi(...) aquela coisa, então eu assumi isso, isso parece, me dava até assim, um certo consolo”. (Entrevista 7. Anexo 3)

Outra prefere passar suas férias trabalhando em prol de um inabalável compromisso com a profissão. Busca outras instituições, para trabalhar, conhecer o funcionamento e transmitir seus conhecimentos:

“Vou sair 20 dias. Vou viajar, mas assim, também vou fazer trabalho lá. Eu conheci um abrigo lá, lá em Varginha, e a menina quer que eu passe pros educadores sociais de lá alguma coisa que eu já fiz. Já separei minhas apostilas, curso que eu já fiz... Uma troca. E vou pegar lá também”. (Maria da Luz ,entrevista 6. Anexo 3)

Nesse grupo, fazer o trabalho é, ao mesmo tempo, usufruir dele. Há um certo ultrapassamento do sujeito do ato. O que é feito é feito, não por que se quer fazer: faz-se.

“Cê passa na rua, cê fala assim, cê teve a chance de cuidar de um que tava aqui, isso é bom demais! Isso é ótimo... Cê teve a chance de... quem tinha que cuidar não cuidou, cê teve a chance de cuidar... E no inverno?! Eu imagino isso aí, à noite cê deita, Nádia, cê imagina aquele frio, tanta criança na rua... eu acho que se eu fosse uma pessoa que eu tivesse condições, sabe, acho que eu, catava tudo! (...) “Ablanda o coração da gente” (Maria do Socorro, entrevista 4. Anexo 3).

“mas assim, eu não consigo ver uma criança lá fora precisando de alguma coisa e você falando meu Deus, nó, com tão pouco lá, se eu posso dar pelo menos um teto, dar uma comida, uma cama quente, né? (...) Porque eu fico indignada com a situação, eu não posso ver nenhuma situação assim, sabe, de desconforto para ninguém... (Maria da consolação, entrevista 7. Anexo 3)

Há ainda, um desconhecimento sobre a causa que as impulsiona a buscar esse tipo de ofício:

“Ah, eu ia lá... eu não sei porque... não sei se você já passou por essa experiência; eu gostava, cê entendeu? É como diz o outro, “o coração tem razões que a razão desconhece”, cê já ouviu?” (Maria do Socorro, entrevista 4. Anexo 3)

“Faria o que eu faço, seria mãe de novo,...) eu não saberia ser, eu não sei ser outra coisa. (...) eu vou lá, olha assim eu não planejo, quando eu vejo eu

já tô lá dentro, eu já tô lá dentro do problema, sabe.” (Maria da Consolação, entrevista 7. Anexo 3)

4.3.2- FORMAS DE OPERACIONALIZAÇÃO DA FUNÇÃO MÃE SOCIAL.

Neste tema-eixo, o que está em causa, é o substantivo mãe. Esse substantivo existe no vocabulário corrente e remete a uma função social ou a um lugar simbolicamente instituído, que designa o laço de parentesco que une uma mulher a um ente ao qual ela deu a luz: seu filho. Sabe-se que esse substantivo também nomeia aquele vínculo em que, uma mulher, judicialmente referendada, adota uma criança que não tem com ela nenhum laço de consangüinidade, atribuindo-lhe direitos de filho, legitimando-o como um descendente.

Para a psicanálise também, esse substantivo denota uma função, e se presta a vir responder pela falta fálica feminina, através do lugar fantasmático que uma criança ocupa na subjetividade de uma mulher. E é nesse sentido que Lacan afirma, como já foi mencionado, que *“não se trata de um desejo anônimo”*. Se uma mulher se diz Mãe, é porque, em seu desejo, a criança que ela designa como filho, foi adotado por ela como tal, independentemente dos laços de consangüinidade. Assim, o que determina a filiação para a psicanálise, é a necessidade de que a criança esteja incluída, como objeto, no narcisismo daquela que é chamada de Mãe.

Nas casas lares, há um vocabulário corrente para se referir a essas situações muitas vezes, confusas: distingue-se a “mãe de barriga” – aquela que pariu a criança e a abandonou, da “mãe do coração” - aquela que virá adotá-la, a mãe do desejo. Interessante que a mãe social, com relação às crianças das casas lares, na maioria das vezes, ou pelo menos de início, não é nem uma, nem outra. Outras vezes, isso se confunde – elas se tornam também “mães do coração”. Além disso, existem mães sociais que acolhem as crianças nas casas lares, mas que também são mães biológicas em sua própria casa. Ainda há casos em que as mães são mães biológicas de algumas crianças que residem com elas nas casas lares e mães sociais das outras crianças residentes no mesmo abrigo, ou seja, há dois lugares distintos sob o mesmo nome: “mãe”.

O que causa estranheza e confusão é o fato de que esse substantivo “Mãe”, que já exerce naturalmente uma função social como codificador de parentesco, é posto a conviver com o adjetivo “social” para caracterizar, com essa redundância, um laço

profissional. Poderá ser observado neste item, que, se em alguns casos, há uma certa confusão entre a profissão mãe social e a função mãe (que também remete a uma função social), em outros casos, observa-se surpreendente clareza no desempenho dessas duas posições.

Com relação à forma prática da operacionalização da profissão, podem ser observadas três formas: I – Posição distinta, espaço distinto. II – Posição distinta espaço comum e III – Posição indistinta espaço comum. Duas dessas formas contam com 2 sub-grupos: as mães sociais que não são mães biológicas e as mães sociais que são também mães biológicas (como são chamadas no vocabulário corrente).

I – Posição distinta, espaço distinto.

I.1 – Mães sociais que também são mães biológicas.

No primeiro sub-grupo da primeira forma, as mães sociais exercem a função de mãe social como uma profissão, na casa-lar, mas ainda devem exercer a função materna, em sua própria casa. Existem dois espaços físicos distintos para a função mãe (entrevistas ns.2,4,5). Nesta categoria, é interessante ressaltar que, muitas vezes, a mãe social se ausenta de sua própria casa, encarregando o cuidado de seus filhos a outros, para se dedicar durante toda a semana, com exclusividade, à função de mãe social, com aqueles que outrora foram abandonados. Paradoxalmente, aquele que foi abandonado, tem a “mãe”, ainda que sob o nome de “mãe social”, em tempo integral – privilégio de poucos nos dias atuais!

Aparece na entrevista de número 2, por exemplo, um acordo não oficial entre duas mães sociais: Maria Perpétua fica à noite na instituição, e Maria José (que é casada e tem filhos) vai para sua própria casa que é bem próxima. Numa outra instituição, as mães sociais fizeram uma campanha em prol do que elas denominaram “trabalho em equipe”. Assim os dias são divididos, de maneira que Maria do Socorro (que é casada) trabalha dois dias e uma noite, e Maria da Penha (que tem filhos, mas não tem marido), duas noites e um dia. Esse esquema substituiu, nesta instituição, o esquema habitual das demais casas, que escala uma mãe durante a semana e outra mãe ou uma plantonista, nos fins de semana.

I.2 – Mães sociais que não são mães biológicas.

No segundo sub-grupo da primeira forma de operacionalização, encontram-se mulheres que são apenas “mães sociais”. Não há divisão entre a maternidade e a profissão, uma vez que elas não geraram filhos (ainda). Algumas têm casa própria e deixam a instituição nos finais de semana, outras residem na casa-lar, tendo a opção de passear ou ir para casa de parentes nos finais de semanas (entrevistas 3 e 6). O que se quer ressaltar nesse sub-grupo é o discernimento subjetivo que as mulheres tem com relação a sua posição frente a profissão de mãe. Pode-se observar, por exemplo, a fala de Maria da Luz comparando-se com sua irmã, presidente de uma entidade:

“Ah! A E. é mãe, Nádia! Se apegue como mãe!. Eu sou mãe, mas... aspas aí, né? Entendeu? Eu passo carinho de mãe, consolo de mãe, aquela coisa de mãe, mas não sou A MÃE! Entendeu? Então, assim, às vezes, pra eles, eles até pegam isso daí, né, a mãe, coisa e tudo, né, e eu trabalho sempre essa relação. Teve um aí, né, 3 anos, -“pode te chamar de mãe, de tia, ou de Maria?” Eu falei: - “do que você quiser, vai dar o mesmo sentido”. -“ah mas você vai ser a minha mãe.” Eu falei - “Tá. Mãe emprestada, né, nesse período que cê tá aqui...(...) Pra mim é o seguinte, é... eu não apego...né? ou seja, eu não agarro, É MEU! Né? Está comigo. Tá convivendo comigo, neste momento. Hoje cê tá aqui, amanhã, cê pode não estar aqui. Sempre trabalho assim. Desde o primeiro dia que chega aqui. Ainda falo - “Aproveita, o que eu tô te passando aqui, porque onde cê for, cê vai levar isso aqui.” Então, muitas brigam comigo, depois de separar, me ligam-“ô Maria., eu tô bem! Cê acredita, meu crochê tá uma maravilha!”. 14 anos! Cê entendeu? Tá bem com a família. Então é isso. Eu acho que o principal é tá bem com a família”. (Entrevista 6. Anexo 3)

II– Posição distinta, espaço comum.

II.1 – Mães sociais que também são mães biológicas

Nesse sub-grupo da segunda forma de operacionalização, a profissional mãe social também é mãe, como no primeiro sub-grupo da primeira forma. A diferença consiste no fato de que, enquanto ela trabalha na casa-lar (durante a semana), seus filhos também residem com ela na instituição. Neste caso, a família volta para sua casa própria nos finais de semana apenas com os filhos biológicos, enquanto as crianças da casa-lar têm atividades extras (sítio e clube da entidade). Esse caso apareceu na entrevista 1. Nesse caso, o marido se candidatou a pai social na qualidade de voluntário e ajuda a

mulher, Maria da Piedade, em sua função. Aqui, há uma separação parcial. Ela é mãe social e mãe ao mesmo tempo, no mesmo espaço físico, estando seus próprio filhos e os “filhos sociais”, parcialmente, sob o mesmo teto, embora fique explicitada para todos, a diferença na função mãe que, com os “filhos sociais”, é uma função profissional.

III – Posição indistinta, espaço comum

III. 1- Mães sociais que também são mães biológicas

Na terceira forma de operacionalização, no primeiro sub-grupo há uma fusão entre o ofício mãe, como profissão e a função da maternidade. Nesse grupo, o casal, com um espírito humanitário e caridoso, transforma paulatinamente sua própria casa em um local de acolhimento de crianças em situação de risco (entrevista 7). Interessante ressaltar que essa forma de operacionalização da função de mãe social não é incomum. Isso pôde ser percebido nas reuniões. Nestes casos, mesclam-se os filhos biológicos, outros adotados judicialmente pelo casal e alguns outros apenas acolhidos, com o intuito de encaminhamento para adoção. Muitas vezes, a legalização e a formalização da casa como instituição, parte de uma exigência do Juizado de menores.

III.2 – Mães sociais que não são mães biológicas.

Ainda se pode incluir nessa terceira forma de operacionalização, os casos em que a mãe, não exercendo a função materna em sua vida privada, não tendo gerado filhos próprios, adota a maternidade como uma função primordial em sua vida. Neste caso ela também funde a profissão com a função e, subjetivamente, adota informalmente as crianças como se fossem filhos legítimos. Nas já citadas reuniões com os responsáveis pelas instituições, esta foi uma queixa apresentada. Neste caso, a mãe social, confunde a profissão com a função e se apega às crianças como se fossem seus filhos, dificultando o encaminhamento e o revezamento de crianças nas casas. Vale observar o relato de uma mãe social numa das reuniões, em que ela se defendia da acusação de “se apegar demais aos meninos”. Ela dizia:

“Você passa as noites em claro num hospital, cuidando do menino, e vê que, não fosse você ali, seu amor, ele teria até morrido. Leva ele pra casa, cuida, ensina tudo que ele sabe, depois te dizem que não é seu, que você tem que entregar?”.

Uma mãe comentou com uma outra num intervalo da reunião:

“Esses meninos são a minha vida; eles falam que não é filho da gente, mas pra mim é. Depois cê dá pros outros? Ah, minha filha, eu não quero mesmo. Queria ver se fosse com elas, se elas entregavam”.

O que se pode observar é que a forma e o lugar em que os filhos sejam eles “sociais”, “biológicos”, ou “adotados judicialmente”, ocupam na vida de uma mãe, ou mesmo da “mãe social”, depende fundamentalmente da subjetividade dessas mulheres, ou seja, do lugar fantasmático em que ela coloca esses “filhos” e do gozo obtido com essa função. Vê-se que, embora a forma de operacionalização da profissão ou a forma de inserção das mulheres nas instituições sejam diferentes, havendo, pelo menos, três modalidades, essa operacionalização prática não garante o tipo de relação que se estabelecerá com a função.

4.3.3 - ACOLHE-SE O ABANDONO

Se no item anterior a ênfase recaía sobre o substantivo “mãe”, em contraposição, neste item, o que está em causa é o adjetivo “social”.

Esta adjetivação faz parte de um contexto histórico onde “o social”, na forma de substantivo, é usado para designar a parte marginal da sociedade, nesse caso, os pobres brasileiros.

Observa-se que a “questão do social”, de acordo com Castel (1998), localiza-se na conscientização de que a revolução industrial deixou um resto: aqueles que não se encaixavam na sociedade industrial. O social surge, então, sob a égide da pobreza e traz em si a idéia de uma integração da sociedade em geral, que objetive evitar a fratura evidenciada entre a parte produtiva e não produtiva da sociedade. Nas práticas democráticas onde a economia é a razão soberana acontece, no entanto, como bem demarcou o cientista político brasileiro, Renato Janine Ribeiro (2000), que “*o social é aquilo que não pode tornar-se sociedade*” (p.22), já que o “*social diz respeito ao carente e a sociedade ao eficiente*” (p.21). Isto implica práticas que, ainda que democráticas, como as observadas no Brasil após a ditadura militar, oferecem aos carentes assistência e controle, e aos eficientes a proteção social, associando segurança e direitos. O discurso capitalista engorda o rol dos efeitos de segregação.

A mãe-social é, neste sentido, a mãe temporária de uma coletividade pobre, enjeitada, desvalida. As crianças que chegam aos abrigos, em sua maioria, ou são abandonadas em algum lugar, ou são retiradas das famílias através do acionamento dos Conselhos Tutelares e Juizados de Menores, por flagrantes maus tratos e denúncias de vizinhos ou parentes. São dejetos sociais e urge fazer algo com elas. O que se verifica, é que, independentemente do vínculo que cada mãe estabelece com a profissão, elas são contratadas prioritariamente como uma solução de um sintoma social, acolhendo cada criança, não em sua particularidade, mas sua situação de abandono e dejeito.

Não obstante, como já se mencionou no primeiro tema-eixo, há um grupo de mães sociais que se candidatam ao cargo, como uma forma de doação. Nesses casos, então, a mãe social é a parceira que acolhe as crianças oriundas dessa situação, mas ainda assim, e talvez, principalmente, o vínculo que ela estabelece, demonstra muito

mais uma preocupação com a crueldade a que foram submetidas as crianças, do que com cada criança em particular. O abandono, o estranho, a privação, a situação de abuso, a dor e o espanto parece ser o que estas mães acolhem como causa, oferecendo a elas, um lar. Lacan, no seminário da Angústia, (2005[1962/63] p.57) já havia chamado atenção para a importância dada por Freud (1919) à análise lingüística na questão do estranho: *“Este lugar ‘unheimlich’ [estranho], no entanto, é a entrada para o antigo ‘Heim’ [lar] de todos os seres humanos, para o lugar onde cada um de nós viveu certa vez, no princípio”* (FREUD, 1919). Lacan acrescenta: *“Dêem à palavra ‘casa’ todas as ressonâncias que quiserem, inclusive astrológicas. O homem encontra sua casa num ponto situado no Outro”* (LACAN, 2005[1962/63]. Ferrari ainda nos chama atenção para a questão de que o trauma é sempre com relação ao Outro da linguagem: *“o trauma é o próprio real, é o segregado exterior a uma representação simbólica, constituindo um buraco no interior do simbólico”* (FERRARI, s.d). Nessa situação dos abrigos, as “mães sociais”, diante da privação, do estranho, “unheimlich”, daquilo que é segregado, oferecem um lar, “heim”, um abrigo a essas crianças, fazendo, desta “causa, lar”. E o abrigo possível e sempre precário, é o da língua.

“Eu gosto de estar cuidando dessas crianças. Crianças, vamos por assim: carentes, mais do que carentes! É que são situações assim, bem delicadas mesmo ... e todos que eu trabalhei são nessa situação” (Maria da Luz, entrevista 6. Anexo 3)

“O que eu mais gostei de fazer, assim, dentro do trabalho, assim, na área social, eu gosto muito da área social, gosto demais de mexer com o povão, com essas pessoas assim, eu me sinto muito melhor, mexer com gente, trabalhar com gente assim.” (Maria da Penha, entrevista 5. Anexo 3)

“Ah, lá na minha comunidade... é...eu preocupava mesmo com os meninos... Então é... se eu tivesse tido condições assim, de ajuda, até financeiramente continuar, e ... de repente eu tinha até continuado lá, mas os meninos ainda cobra, às vezes eu tô chegando lá - Ô tia e o almoço? – Ah, eu vou voltar a fazer, mas por enquanto não tá dando não” (Maria da Piedade, entrevista 1. Anexo 3).

“a gente faz o possível aqui pra... pra dar um pouquinho do que faltou pra eles e amenizar um pouquinho a vida sofrida deles, porque todos eles, todos

eles passaram por uma vida, que eu vou te falar...” (Maria do Socorro, entrevista 4. Anexo 3)

Assim, o que se pode pensar é que, se o cargo de mãe social é chamado a responder a um sintoma social, algumas mães o farão tentando dar um contorno, uma borda ao problema, outras, o farão respondendo ao intuito de eliminar ou calar tal sintoma.

4.3.4 -SOBRE A FUNÇÃO DE EDUCAR:

Quando surgia, nas conversas com as mães sociais, o tema das mazelas da profissão, freqüente tanto nas entrevistas quanto nas reuniões, o que mais as inquietava era a dificuldade em lidar com a questão dos “limites” e “castigos”. A situação de abandono e privação a que as crianças ficam freqüentemente expostas as conduzem, numa tentativa de lidar com essa situação, a demandas extremamente exigentes e imperativas. Pode-se pensar nessas crianças, muitas vezes, como exemplares daqueles que sofrem das patologias do ato, (passagens ao ato, e/ou *acting out*), sujeitos que sofrem da inexistência do Outro, e que expõem essa inconsistência de maneira brutal. Como consequência, as mães sociais se vêem, não raro, em apuros

Pôde-se observar, a partir do programa de capacitação e após o estudo realizado, que a possibilidade de acolhimento pelas mães sociais, em alguns casos, exacerba nas crianças a esperança de se reencontrarem na posição de gozo em que foram colocadas por um Outro primordial caprichoso: abandonadas, expulsas, lugar de dejetos, de criança impossível... Elas demandam ocupar o lugar que outrora ocuparam, o único lugar no qual se reconhecem. Repetem com seus atos, o gesto que faz coincidir nascimento e recusa. Demandam amor ao avesso, pois essas crianças foram desejadas também ao avesso. Houve um desejo: de que elas não existissem, ou se existissem, fossem embora. Repetem o traço que as singularizam da maneira mais dolorosa e angustiante possível:

“O inconveniente às vezes eu fico pensando assim, que, o quê que pode tocar no coração, porque tem algumas crianças assim tão, como é que eu falo, não sei se eu posso dizer assim, um coração ingrato sabe, assim que tudo que você faz, tudo o que você pensa, ainda não consegue acalantar o coração.(...) os meninos xingam, não recebem as coisas, aí a gente fica pensando porque que é assim. (...)Ah, tem menino que dá trabalho e vai embora e você sente uma falta danada, sabe, tem uma que chama C. que assim, nossa, ela era terrível, eu esquecia dela, a gente faz artesanato em madeira, ela corria lá e pegava o tinner e cheirava, só enquanto esquecia dela! Mas dava um trabalho! Mas quando ela foi embora ficou um vazio tão grande..., mas tem uns que você fala assim, aí, vou dormir em paz essa

noite! Tens uns que você fala mesmo, não tô com saudades não, ai! Tem uns que não dá pra sentir saudade, sabe assim, você sente falta dentro de casa, aquela falta física, mas saudade, coisa assim ..., tem menino que você não sente não.”(Maria da Consolação, entrevista 7. Anexo 3)

As mães sociais então, são colocadas a todo tipo de prova, são assoladas em seus pontos mais vulneráveis; são constantemente confrontadas pelas crianças que testam ao máximo sua capacidade de decisão, de julgamento e sua paciência; elas acabam sendo alvo de invasão de amor e ódio intensos, que são expressos pelas crianças, muitas vezes, em atos sem mediação simbólica:

“É igual já te falei, né? O salário é péssimo, e assim, é... Eu acho que tem hora, conforme igual aqui em casa tem adolescente,(...) tem hora que elas são muito grossas com a gente. Então, assim, tem horas que você não agüenta dos filhos seus, mas você tem que agüentar, aqui você tem que agüentar, dos filhos dos outros...Tem hora que não é fácil não!” (Maria José, entrevista 2. Anexo 3)

“É um desafio, né? Tem que ter o... tem que ter assim um acordo. Um jogo de cintura, porque se for olho por olho e dente por dente, num consegue não... Tem que abrir mão de muita coisa, tem que ir devagar, se ele xinga e dá nervoso é preciso da gente controlar e deixar ele acalmar pra depois a gente ir conversar, porque na hora que eles tiver rebelde, não adianta conversar também não, só piora... só piora.” (Maria da Piedade, entrevista 1. Anexo 3)

Se essas duas questões: o gozo impossível de reduzir - o excesso - e o gozo impossível de alcançar - a falta - são, de maneira geral, centrais na questão da educação e interrogam que tipo de Outro é necessário para educar uma criança, aqui essas questões se fazem, decididamente, cruciais.

“Não é fácil não. Educar, cê tem que educar com amor, o carinho tem que andar junto, a determinação junto, que cê tem que ter... e a hora de puxar a rédea, cê tem que ter...tem que ter mesmo...” (Maria da Luz, entrevista 6. Anexo 3)

Diante da situação de extrema privação e frustração que essas crianças vivem e expõem, puderam ser observadas três maneiras de as instituições de abrigo, e seus representantes, as mães sociais, se relacionarem com a falta:

- 1- tentar suprir ou tamponar;
- 2- encarnar a falta, numa identificação com as crianças; ou
- 3- tentar elaborar e dar um contorno àquilo que falta ou tentar transmitir uma forma de lidar com ela, a partir de uma posição de não desconhecimento da castração.

Como exemplo do primeiro caso, ouvem-se relatos, em que a mãe social atribui à sua função, suprir as necessidades das crianças:

“Aqui eles (...), alimentam bem, a comida é boa, cada um tem a caminha, as roupas lavadas, tudo direitinho...” (Maria José, entrevista 2. Anexo 3)

A instituição de abrigo, não raro, se organiza a partir de uma ética que pretende ser eficaz em produzir satisfação em oposição à privação. Sendo a “casa-lar”, criada para menores “carentes”, “desvalidos” e “necessitados”, a ênfase recai muitas vezes, sobre a “necessidade”, lugar sobre o qual a instituição, freqüentemente, procura responder. Se a mãe social tenta remediar a ausência do amor através da supressão das necessidades, pode advir daí, toda sorte de mal-entendidos. Lacan, no seminário da Transferência, nos alerta para o perigo de se responder à demanda com intuito de calar a necessidade: *“É possível produzir todas as espécies de equívocos ao responder a essa demanda (...) (pode resultar) na possibilidade de toda sujeição - tenta-se impor ao sujeito que, uma vez sua necessidade satisfeita, ele só pode se contentar.”* (LACAN, 1960/1 p.203). Se não se tem uma escuta para além do objeto da necessidade, tira-se do sujeito a possibilidade de construir um contorno simbólico do objeto. Aí, quando se perde algo, perde-se tudo...

No segundo caso, as mães encarnam a posição de esperar receber alguma ajuda que venha suprir a falta exposta pelos meninos e com a qual elas também se identificam:

“O que ninguém quer, o que sobra, o que não tem jeito, nós temos que agüentar(...) . Na hora H, não tem ninguém pra ajudar, não. (...) Eles discriminam mesmo a gente...eu não gosto disso, eu tenho vergonha.” (fala colhida em reunião)

“Eu morei assim, em casa-lar, né? A gente vivia de doação. Os padrinhos traz presente, leva pra passear, alguns até ajudam mesmo financeiramente, agora eu falo com os meninos: -“, aqui tem de tudo que ocês não tiveram em casa, então aproveita...” (fala de uma mãe em reunião)

No terceiro caso, a mãe social tem uma postura crítica com relação ao caráter assistencialista e caritativo que gira em torno da instituição e tenta barrar esse tipo de situação. Muitas vezes, ela censura a postura de alguns voluntários caridosos que, na visitação às casas, acabam por fixar as crianças em uma posição de “pobres enfeitados”, sujeitos aos caprichos de uma generosidade da qual não se é livre para não aceitar:

“e outra coisa, quando chega com aquele pacote de coitadinho... nó... detesto esse negócio desse rótulo. Aqui não tem coitado. Aqui não tem coitado! Aqui tem pessoas que estão nessa situação mas vão sair dela... tranqüilamente...vai conseguir vencer isso, sabe, então assim, não tem essa questão de... de coitadinho. Então eu gosto de passar sempre isso e acho pra mim, que me incomoda, principalmente voluntário... “ah vou lá te ajudar a dar banho nos meninos, escovar dente, cuidar do cabelo delas...” essas coisa assim, sabe? Vem. Mas numa fala, que ela fala ali, ela destorce a coisa completamente. Aí...-“Nossa ah não... nós vamos trazer um xampu pra ela, tadinha, ela não gosta de usar aquele xampu. Ela gosta de usar aquele”. Eu falo “a realidade dela é esse xampu aqui. Ela vai poder usar outro quando ela tiver se sustentando. Ela tá com 14 anos, ela vai entender isso”. Não só isso. A caneta é bic. Ela quer uma colorida, não quer? Quando ela trabalhar e tiver condições ela vai poder comprar. Conquistar é bem melhor que ganhar. Entendeu? Então essas coisas assim, as vezes atrapalha um pouco, atrapalha. É igual visita no final de semana, é uma coisa que eu pedi pra cortar. Se fosse pra família, que fosse assim, já preparada pra ficar, porque a criança ia, Nádia, tomava iogurte, danoninho ... fazia a festa lá. Quando chegava aqui que eu colocava o copo com leite com café, o bolo, né...-“Não gosto disso não Maria” Aí eu -“Uai porquê?”.- ..Eu quero aquele outro.” “-Qual outro?” “-Aquele iogurte que vem com moranguinho em baixo do copinho...” É... aí eu já pensei... é... aquele de dois e tanto que ela tá querendo , aí eu falei -“oh, não tem, não. O que a gente tem é esse daqui”. - “Mas na casa da tia tem...” Aí eu falei -“Na casa da tia tem, mas se isso tá te atrapalhando a conviver aqui, e é aqui que vc tem de ficar, nós vamos chamar a tia e vamos conversar com a tia.” E chamava! Chamava e falava com ela, olha, cê tá agindo dessa forma, nossa

realidade aqui é essa. Colocava pra criança, mostrava, entendeu? Porque nessa idade é muito fácil fantasiar, é viver ...querer viver na fantasia é fácil, cê entendeu? Mas nossa realidade aqui é outra..”(Maria da Luz, entrevista 6. Anexo 3).

Outras vezes, a questão da educação aparece como um desafio para a realização de algo que as mães julgam ser necessário alcançar, algo que inscreva suas ações num universo simbólico, que dê à sua palavra e ao seu gesto o estatuto de algum contorno simbólico possível:

“Mas esses meninos, Nádia, eram uma coisa assim assombrosa, não sei de onde que eles...(ri) eles quebravam tudo, aí eu pensei assim, “não dá, gente, uma criança não vai dominar a gente, não tem isso!” Aí fui com paciência, igual aquelas ... aqueles diamante, né, vai lapidando, lapidando, até ficar... né? virar uma jóia!” (Maria do Socorro,Entrevista n.4. Anexo 3)

A questão da educação traz à tona toda a discussão sobre o que pode ser depositado nessa função de mãe social, pois uma função essencial da mãe, é ser transmissora da palavra, “*ao nível da maternagem, a coisa está legitimada pelo discurso*” (SOLER, 2000/01 p. 159). Algumas mães se lançam a qualquer preço, numa busca de fazer existir um Outro, produzir um campo simbólico que responda à devastação vivida por essas crianças que foram abandonadas.

4.3.5- A QUESTÃO DA SEPARAÇÃO

Esse item se faz interessante uma vez que, através dele, fica explicitado um problema intrínseco à operacionalização da profissão e, ao mesmo tempo, parece ser de importância capital no que as mães podem ou não realizar com a profissão. Como poderá ser observado, essa questão evoca contradições e convergências de declarações dentro das mesmas entrevistas e em várias delas, denunciando algo que deve ser tomado como objeto de atenção.

Sabe-se que há uma recomendação explícita às mães sociais de que não se apeguem demasiado às crianças, pois o objetivo primeiro das casas lares, é o encaminhamento dos abrigados para adoção, ou mesmo para retorno à família de origem. Esse depoimento foi obtido no momento inicial dessa pesquisa, por ocasião de uma conversa (não gravada) com a então diretora de “Proteção e defesa da criança e adolescente”, da Secretaria de estado de Desenvolvimento social e Esportes – SEDESE. Esse ponto foi asseverado nos encontros com representantes da Secretaria de Desenvolvimento e do Juizado de Menores de Contagem, por ocasião das reuniões já citadas.

Pode-se compreender essa preocupação dos dirigentes do projeto, em função do lugar subjetivo que essas crianças estão sujeitas a ocuparem, pois como lembra Nominé (2001), muitas vezes, elas são deixadas a “*serviço do gozo*” e, nessa condição, se oferecem facilmente a uma parceria de gozo com uma mãe que deseja se ocupar de uma criança nesse lugar de objeto. Alguns casos relatados nas reuniões exemplificaram esse tipo de relação estabelecida, e não raro, tiveram fins trágicos, tanto para a criança como para a mãe. Contudo, esse tipo de recomendação, muitas vezes, leva as mães à obrigação de se justificarem em relação à afeição que sentem com relação às crianças, como se elas não pudessem ou não devessem senti-la, embora, inevitavelmente, sintam, tanto os afetos de ternura quanto os de rancor - caso estejam verdadeiramente comprometidas com a profissão:

“...porque assim, o meu problema sabe, é que eu não consigo, não é igual, se eu falar pra você que é do jeito que é com meus filhos, com meus seis filhos, o

amor é igual né, o amor pode até ser igual dos meus filhos e das crianças que são abrigadas, eu vejomas é diferente entendeu? Mas eu tenho um negócio pra mim, o amor não é diferente, se for filho ou se não é, entendeu?” (Maria da Consolação, entrevista 7. Anexo 3)

“ E tem hora que chama de mãe. Aí eu falo assim:- “Não sou sua mãe”. Né, a gente tem que pôr, eu não sou mesmo! Tanto a Penha também... a gente tenta dar o amor, que eles... que não tem a mãe pra dar, mas, lembrando eles que a gente não é a mãe. Que a gente também é a referência, mas também não pode ser tanto assim também não, né, Nádia, eu acho que a gente dá o que eles precisam, nem tanto também, mas pelo menos ameniza um pouquinho, mas, mãe não. Mãe, isso aí a gente não deixa não.” (Maria do Socorro, entrevista 4)

“Eu não sei, ... essas daí que tavam com um vínculo muito antigo aqui, 8, 9 anos... na verdade, elas foram esquecidas. Erro mesmo do Juizado. Erro mesmo do abrigo. Entendeu? Nós erramos. E agora não adianta, você pegar de qualquer forma, e falar, cê tem uma avó em tal lugar, -“vai”! Eu não concordo com isso. Eu não concordo. Porque o vínculo, ele... ele é muito forte. Entendeu? Não adianta cê pegar uma criança que já tá aqui comigo, que nem A., ela já tá com 10, nós pegamos com 5 anos. Cinco anos tá aqui. A referencia dela de mãe sou eu. Não tem como. Não adianta cê pegar ela e falar, vai conhecer sua mãe.(...) Pra mim é o seguinte, é ... eu não apego...né? ou seja, eu não agarro, é meu! Né? Está comigo. Ta convivendo comigo neste momento. Hoje, ocê tá aqui, amanhã, cê pode não estar aqui. Sempre trabalho assim. Desde o primeiro dia que chega aqui. Ainda falo –“Aproveita, o que eu tô te passando aqui, porque onde cê for, cê vai levar isso aqui.” (Maria da Luz, entrevista 6. Anexo 3)

Como a permanência das crianças abrigadas com as mães sociais está sempre marcada por um prenúncio de transitoriedade que nem sempre se realiza mas é sempre eminente, o vínculo que se estabelece entre elas, também é marcado por uma ambivalência: desejo e perda estão colocados em evidência e em posições antagônicas, gerando um desconforto que, em outras situações, poderia se constituir a trajetória amorosa habitual desejável:

“... é por profissão, mas sem apego, eu quero deixar bem claro eu não tenho nenhum apego. Se chegar assim e falar comigo assim, é seu trabalho, se você for embora, cê vai embora. “Não, num vou não!” Eu acho assim, sem apego, é difícil, mas num vou não. Às vezes acontece como com a A.C., quando ela foi embora, a casa ficou ruim, mas ela tá bem, isso a gente consegue fazer.” (Maria da Penha entrevista 5. Anexo 3)

“Quando vai um embora, fica um vazio na casa, porque a gente não quer que vai, mas quando vai, que não tem jeito mesmo de ficar, por eles próprios, aí... pelo menos a gente faz o impossível pra não ir. Mas se for... a gente quer que sai daqui já bem encaminhado, porque é lógico que um dia tem que ir mesmo, tem a faixa de idade, então tem que ir mesmo. Mas enquanto isso...” (Maria da Piedade, entrevista 1. Anexo 3)

A psicanálise pode lançar luz sobre esse ponto, marcando o equívoco sobre o qual está assentado o termo “separação”, que é visto muitas vezes, como um ponto de ameaça nessas relações.

Freud, na parte C de seu texto *“Inibições, Sintoma e Angústia”* (1925/26), coloca três reações afetivas a uma separação: angústia, dor e luto. Freud indica que é evidente que por si só uma separação é dolorosa, mas distingue quando ela provoca angústia, dor e luto. Ele coloca o primeiro sinal de angústia em bebês quando eles se deparam com um estranho que não é a mãe. A angústia sinaliza um perigo que a perda acarreta. Segundo Freud a dor aí também estaria envolvida. Spitz (1979) desenvolveu bem essa questão. A distinção entre angústia e dor, é que, a dor é uma reação real à perda do objeto, numa época que a criança ainda não aprendeu a distinguir a ausência temporária da mãe e sua perda permanente. Freud segue dizendo que são necessárias “experiências consoladoras” para que a criança aprenda que o desaparecimento é seguido pelo reaparecimento. Ele coloca que as mães sabem bem dessa situação e naturalmente estabelecem brincadeiras do tipo esconde-esconde – que, em *“Além do Princípio do Prazer”* (1920), Freud descreveu como o jogo do “fort-da.”. Nesse jogo, a criança teria oportunidade de elaborar a situação de sua própria perda, seu desaparecimento, como resposta ao enigma do desejo do outro parental. Como se vê, a necessidade do efeito de separação é de alguma forma reconhecida pelas mães e processada muitas vezes de forma espontânea.

O luto é uma outra reação emocional à perda do objeto. Ao luto é conferida a tarefa de efetuar a retirada do investimento no objeto, uma vez que houve a perda real. É um trabalho que exige que a própria pessoa desolada se separe do objeto, visto que ele não mais existe. O luto aponta assim para a elaboração de uma separação drástica.

Para a psicanálise a separação é o baluarte do destino desejável, embora nem sempre certo, para todo tipo de relação com o Outro. Não se trata da apologia ao rompimento amoroso, ou ao afastamento entre amantes. Trata-se de um trabalho que deve ser feito. Lacan, no *Seminário 11* (LACAN, 1964) teoriza a separação como uma das duas operações lógicas na constituição de um sujeito, sendo a outra, com um destino mais certo, a alienação. Esses dois conceitos articulam o sujeito, ao Outro (através do conceito de alienação) e ao objeto (através do conceito de separação).

O conceito de alienação aponta para a articulação entre o sujeito e o Outro, definindo o Outro como “*o que faz surgir como campo a intervenção do significante*” (LACAN, 1969/70 p.13). Na medida em que uma mãe, a partir de seu desejo (ou de sua falta), interpreta o grito de seu bebê e converte esse grito em uma demanda, ela o inscreve na dialética significante, inaugurando a emergência do sujeito assujeitado ao campo do Outro. Nesse sentido, “*o que está em jogo é a marca da incidência do desejo do Outro na subjetividade da criança*”. (TENDLARZ, 1997, p.42). Marca da inexistência de um objeto desejado pelo Outro, e com o qual o bebê se identifica para satisfazer o gozo desse Outro. Essa marca, traça o destino da alienação do sujeito falante: ele é condenado a demandar para fazer ouvir seu desejo e fadado a receber como resposta o que vem do Outro – do desejo do Outro. Ele é condenado assim ao campo simbólico, à atividade languageira, à alienação. A mais primitiva marca recebida do Outro é esse “traço unário” (marca da perda do objeto), com o qual o sujeito se identifica. A entrada na alienação, nesse sentido é mais certa, pois introduz o sujeito na dialética significante através da identificação. A função da mãe, então, é ser um veículo, uma transmissora da língua, e suas palavras deixam marcas na vida de uma criança. “*Quanto mais exclusiva em seu rol de mediadora, quanto mais é a única em transmitir o discurso, mais a função de seus mandatos serão poderosos*” (SOLER, 2000/1 p. 162).

Lacan introduz o que é da ordem da separação, através do conceito freudiano de pulsão, colocando com o conceito de separação uma “nova aliança do simbólico e do gozo” (MILLER, 2003). Um gozo fragmentado, no qual está situado o objeto “a”,

objeto da pulsão. Segundo Miller (2003), no *Seminário 11*, Lacan (1964) articula significante e gozo, estando o gozo no lugar vazio, no oco, no resto que o significante deixa ao tentar representar o sujeito, naquilo que o significante não pode recobrir. A operação de alienação “*encobre o fato de que o objeto de gozo como tal está perdido*” (LAURENT, 1997 p.43). O sujeito inicialmente ocupa o lugar do objeto “a”, ele ocupa fundamentalmente o lugar de objeto de gozo do Outro, mas paradoxalmente, “*seu primeiro status como enfant é ser uma parte perdida desse Outro*” (LAURENT, 1997 p.43). Na operação de separação, a parte do Outro envolvida é essa parte que falta, substância de gozo que o significante não recobre. Resto da operação significante. Há, assim, na operação de separação, o encontro de duas faltas: do sujeito e do Outro. O sujeito encontra na falta do Outro (o desejo do Outro é uma falta) o equivalente ao que ele é como sujeito do inconsciente (a parte perdida do Outro) (LACAN, (1964)1998). A criança se identifica “*com aquilo que foi, como tal, no desejo do Outro, não apenas no nível simbólico do desejo, mas como substância real envolvida no gozo*” (LAURENT, 1997 p.44).

Em última instância, a operação de separação aponta para a impossibilidade de se ocupar efetivamente o lugar de objeto de gozo para um Outro. A angústia e o desconforto derivados da situação neurótica apontam justamente para o aprisionamento nessa posição de objeto de gozo do Outro, uma vez que o sujeito recorre a uma identificação imaginária ao objeto, numa incessante tentativa de anular sua perda, postergando assim, a efetivação da operação de separação. É precisamente essa operação de separação que possibilitaria uma mudança na posição do sujeito, apontando a necessidade de deduzir que a posição de objeto que uma criança “terá tido” no desejo do Outro parental é da ordem do semblante.

Colette Soler toma de empréstimo a célebre frase de Lacan sobre a função do pai, no seminário *O Sinthoma* (LACAN, 1976, inédito – aula de 13/4/76): “*Pode-se muito bem prescindir dele para passar à condição de servir-se dele*”, e acrescenta uma fórmula para a relação com a mãe: “*da mãe, deve-se prescindir dela, para não servi-la mais*” (SOLER, 2000/01 p.160). Alude assim, à necessidade de se prescindir dessa posição de objeto de gozo, própria à alienação – ou seja, efetivar a operação de separação.

De maneira geral, as crianças que chegam nas casas lares, portam a marca de terem sido desejadas ao avesso: “ *o abandono é a marca de um desejo de morte*” (MAIA & FERES, 2000, p.118). Lacan, no seminário XXI, chama atenção para o risco de uma mãe se antecipar ao Nome do pai, e submeter seu filho a um projeto, com a condição de “*nomear para*”, aprisionando o sujeito à uma alienação catastrófica (LACAN, 1974. Lição de 19/03/74). Muitas vezes essas crianças, correm o risco de cair na armadilha de assumir o mandato materno, e ficarem aprisionadas a essa marca – única parceira - lançada por um Outro primordial que se tornou ausente demasiadamente cedo para que essa marca pudesse ser mediada por um contorno simbólico. Assim, essas crianças ficam, muitas vezes, sem recursos diante do poder do silêncio insondável de um Outro inatingível, que permanece como um Outro real, e embora a função fálica não esteja excluída (as crianças não são todas psicóticas), esse Outro não as coloca em termos de valor de troca e, portanto, de perda, realçando aí, uma ausência de limite ao gozo: é o que constitui a experiência de devastação. São essas crianças que as mães sociais devem acolher, e exercer com elas sua função, oferecendo quicá, um enriquecimento do campo simbólico, não raro débil, para relativizar a regência desse imperativo materno primordial, possibilitando a operação de separação, introduzindo a questão do semblante. Aqui, o que torna essa relação confusa e paradoxal, é que, para haver separação, é necessário haver ausência da mãe. Mas paradoxalmente, é de ausência de mãe que essas crianças sofrem! Entretanto, na operação de separação, é o desejo feminino da mãe que cria essa ausência. Isso nada tem a ver com a ausência ou abandono feito pela mãe no nível da realidade, pois, como já se disse, é o desejo de uma mulher que cria a ausência da mãe e não a falta dele. O Outro só se constitui como tal para um sujeito, a partir do momento em que sua falta foi significantizada, antes, não. Nesse sentido, deveria haver, talvez, um trabalho de luto, que exigiria a tarefa de contornar simbolicamente a dor da perda que essas crianças sofreram. Mas esse trabalho, trabalho hercúleo, só poderá ser efetuado com as crianças, a partir de um acolhimento, de um desejo decidido dessas mulheres para com as crianças – evidentemente, de um desejo que não se esgote em cada uma dessas crianças, que aponte para um além delas. A partir de um desejo feminino por excelência, $S(A\bar{X})$, constituído por amor, desejo e gozo – Outros.

Nesse sentido, o conceito de separação não só é fundamental, como desejável, na construção subjetiva de um sujeito e, embora esse não seja o tema central desta pesquisa, cabe aqui assinalar o equívoco da peculiaridade no emprego desse termo no caso dessas relações entre as crianças abandonadas e as mães sociais que as acolherão, bem como o risco de manter essas crianças-dejetos como objeto de gozo de um Outro.

5 - CONCLUSÃO

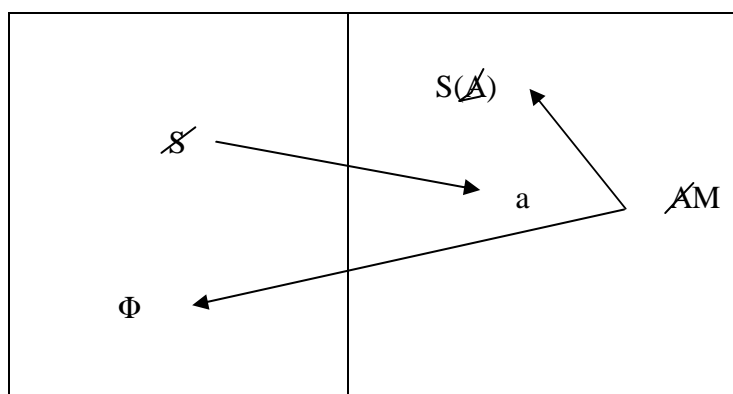
Investigar o problema da mãe social é aventurar-se sobre o limite entre um universo marcado pela dor, privação, desamparo absoluto - universo que Miller batizou de “inexistência do Outro” - e os recursos que uma mulher mobiliza para lidar com esse excesso, real impossível de suportar.

A função de mãe social é uma resposta criada pelos dispositivos políticos de nosso tempo à questão do abandono. Como já foi dito, o abandono sempre existiu. Como também sempre existiu alguém que se encarregasse dele. Nessa parceria, há algo que se repete, que retorna. Mas também há algo novo, contemporâneo. É próprio de nossa época a oficialização dessa parceria como um cargo trabalhista, como uma profissão regulamentada por lei. É bom lembrar, com Miller (2005a p. 407), que o parceiro tem estatuto de sintoma e que este se constitui por um lado, em seu núcleo de gozo e, por outro, em seu “envoltório formal”, que é aquilo que compreende a dimensão da civilização: o que se vai depositando no Outro da linguagem, no Outro dos laços sociais, nos semblantes e nas ficções que regulam o gozo e vão segregando uma sociedade em determinada época. Por isso, não é sem cabimento que se interroge sobre a dimensão social do sintoma contemporâneo e se verifique que tipo de resposta é dada ao mal estar produzido por ele. Como já foi exposto, na sociedade atual regida pelo discurso capitalista, não sem razão chamada de “sociedade de consumo”, a determinação principal é a inexistência do Outro, que condena o sujeito ao desamparo e à caça do mais de gozar (MILLER, 2005a p. 19). Esse tipo de discurso faz crer que é possível ao sujeito encontrar um objeto que possa vir a satisfazê-lo. O discurso contemporâneo propõe e brada as conquistas do *ter*, exacerbando assim o sentimento de insatisfação constante, pois afirma a fórmula “nunca o bastante”. (SOLER, 2005). Nessa ciranda, os sujeitos gozam com seus objetos, e os parceiros são incluídos nessa série interminável de objetos, transmutados muitas vezes em descartáveis, fechando-se um círculo entre o sujeito e seus objetos. Essa forma de ordenação social condiciona então a que os sujeitos sejam tratados como objetos para manipular, para consumir. Como consequência, a maneira de tratar as diferenças nessa sociedade é marcada pela segregação determinada pelo mercado: os que têm acesso ou não, aos produtos da

ciência. Prolifera-se assim o grupo dos “sem”: sem terra, sem teto, sem emprego, sem comida... (QUINET, 2001 p.18) Acrescenta-se à lista, os sem mãe, sem família, sem lar – essas crianças anônimas, rebotalhos, que perambulam pelas ruas, denunciando com sua presença incômoda o que não se quer ver, o que deve ser eliminado porque causa mal estar. Os programas políticos, então, são chamados a intervir, a dar uma resposta às demandas sociais e às questões que essas crianças carregam. As mães sociais entram no rol dessas respostas. Os programas de políticas públicas de ação social criam, assim, profissionais gestoras dos desvios do gozo, buscando prevenir os perigos que os segregados possam oferecer.

Entretanto, as possibilidades de direção dessa função de mãe social, são diversas, de acordo com a posição que toma aquela que acolhe essas crianças. A maneira como cada mãe social exercerá sua função implica uma posição sua em relação à própria privação, como poderá se haver com a falta, seu endereçamento ao Outro e sua posição quanto ao desejo e ao gozo.

A forma como as mães sociais intervêm na regulação do gozo, não raro desregrado, dessas crianças que clamam por alguma ação apaziguadora e o próprio gozo obtido por elas com o exercício da profissão expõem um circuito percorrido por essas mulheres. Esse circuito foi analisado nesta pesquisa através do quadro da sexuação proposto por Lacan. Assim buscou-se indicar como essas mulheres se dividem (ou não) entre o campo fálico, Φ , onde estariam situadas a questão da maternidade (já que o nome da profissão é Mãe social), na direção $\mathcal{S} \rightarrow a$, e a questão do não-todo, do significante da falta, $S(\mathcal{A})$, o campo do desamparo, da inexistência do Outro, questões cotidianas e cruciais nessa profissão:



Entretanto, há um grupo de mulheres que estão na profissão, mas não estão comprometidas com ela e que, portanto, se excluem desse tipo de análise, embora devam ser contadas como mães sociais. Nesse grupo, aparecem aquelas mães que se dispõem a aceitar o cargo de mãe social em consonância com o programa capitalista. São as mulheres “sem emprego”. Elas poderiam se candidatar a essa profissão ou a outra qualquer. Aceitam o cargo de mãe social oferecendo-se como objetos e se submetendo à função de calar o clamor do mal estar social, retirando das ruas, os objetos-dejeito, as crianças “sem mãe”, pesadelos sociais, manequins das vitrines de horror que se quer evitar ver. Oferecem a todos “os necessitados”, indiscriminadamente, os objetos-*gadgets* da necessidade, desconsiderando o desejo e a singularidade da demanda de cada um. Assim, para os desabrigados, abrigo; para os famintos, comida; para os sem mãe, mãe social. Esse programa leva o utilitarismo ao extremo, acompanhado por um discurso do direito ao gozo, contribuindo apenas para incrementar o sentimento de desapropriação. Nesses casos, esse nome *mãe social* numa casa chamada *lar*, evoca uma falsa aparência de felicidade, um “mito do amor materno” nas instituições. Essa situação, paradoxalmente, costuma expor a ruptura dos laços familiares, exacerbando, muitas vezes, a nostalgia das crianças, reafirmando seu abandono, pois transpira por toda a instituição, que o melhor lugar para se viver, seria no seio de uma relação familiar – coisa que foi extirpada delas. A casa, que poderia ser denominada aqui, “casa de expostos”. E a mãe: “mãe do programa”, ou melhor, talvez, “mãe de programa”. Essas mulheres-objetos pagas para tamponar um sintoma social, figuram apenas como montagens de uma imagem, como quer o mercado, uma novela ou um “programa” de televisão, bem ao estilo reality show. “Big Mother Brasil”!?

As outras mães, que escolheram a profissão e estão no ofício para extrair dele algum tipo de satisfação, podem ser analisadas segundo o percurso do circuito identificado no quadro da sexualização de Lacan, quando buscam uma via de gozo fálica ($\$ \rightarrow a$) ou um Outro “di-vertimento” (PORTUGAL, 2005), de acordo com a possibilidade de uma dupla abertura ao campo do $S(\bar{A})$ e ao campo do fálico, Φ .

Num primeiro grupo, estão as mães sociais que buscam a profissão nos moldes da mulher freudiana que interpreta a mulher pela mãe, com o gozo extraído da profissão se articulando no campo do fálico ($\$ \rightarrow a$). As crianças que elas acolhem, ocupam o lugar da série de equivalências fálicas, não para remeter as mães a uma divisão, que as

conduziriam ao $S(\mathcal{A})$, mas para gozar da falta. Existem, evidentemente, várias facetas na forma de gozar com a falta e elas podem ainda, combinar-se. Existem, por exemplo, as mulheres que bancam o objeto-dejeto, objeto rebaixado, rebotalho, e chegam a ostentar a falta, numa posição de especularidade com as crianças, mostrando-se impotentes diante da situação de privação. Outras, ainda gozando da falta, almejam se fazer ser o que falta no Outro, não para completá-lo, mas justamente para manter o desejo insatisfeito, o que possibilita uma identificação que incide sobre o desejo, “isto é, com a falta tomada como objeto, e não com o objeto de gozo, ou a causa da falta”. (LACAN, [1973] 2003 p. 554). Algumas vezes, essas mulheres se vestem sob o véu da “mãe do amor” e tomam a profissão de mãe social como uma forma de obturar sua falta fálica, ficando, assim, interditado a essas mães que são demasiadamente mães, o acesso à contingência de um gozo Outro, que não se articula na lógica fálica. Nos piores casos, as crianças são tomadas como filhos próprios ao preço de condená-los a se prestarem ao serviço erótico dessas mães, mesmo chamadas sociais, eliminando assim a tão necessária possibilidade de separação.

Nos melhores casos, entretanto, nessa conjuntura atual de desagregação dos vínculos sociais imposta pelo discurso capitalista, essas mulheres, que se dirigem às crianças nos moldes da “mãe toda amor”, têm aí incluído seu lado “bela alma”, e com ele, buscam restituir algo que está, atualmente, em declínio, em escassez que é da ordem de um Ideal. Elas se colocam na contramão do discurso capitalista, salvaguardando o simbólico pela via do ideal ou de um significante mestre. Isso significa dizer, com Collete Soler, que “o poder de uma mãe, passa pelo verbo” (SOLER, 2000/1 p.161). Assim, inscrevendo a linguagem para essas crianças sob os significantes amos – os significantes do Ideal – as mães produzem nelas um efeito de castração. A mãe, não é a causa do efeito de castração, mas é, entretanto, o veículo desse efeito de castração da linguagem (SOLER, 2000/01). Dependendo da maneira como ela se inscreve nesse rol de mediadora do discurso, seu mandato ou sua regência de mãe aumenta ou se relativiza, conforme esteja toda na função mãe ou não.

Assim, em alguns casos, a posição de mãe, que inicialmente se inscreve no trajeto $\mathcal{S} \rightarrow a$, no campo Φ , pode abrir-se para uma outra via:

“Apesar de a maternidade ser vista, por alguns, como plenitude, é nos casos mais felizes que vemos o quanto a criança presentifica a castração,

escancarando a perda para a mãe. O que essa experiência subjetiva sugere é que o acesso à maternidade pode ser, e é em muitos casos, a veia aberta para o feminino, quando o filho reenvia a mãe, como mulher, a um homem, e ao gozo Outro, além do fálico” (GUATIMOSIM, 2006b).

Num segundo grupo de mães sociais que fizeram a opção pela profissão e mesmo buscam a profissão como uma possibilidade de se doarem, a parceria que essas mulheres fazem é com o Outro do amor, do desejo e do gozo, Outro ao qual a posição feminina tem acesso em $S(A)$ e falo maiúsculo: Φ . Nesse grupo apresentam-se mulheres que encontram acesso ao gozo por intermédio de uma entrega ao Outro numa oferta de amor. Algumas vezes, a relação amorosa exhibe uma entrega ao Outro em um grau tão extremo, que essa abolição voluntária ao Outro, lembra algumas formas de misticismo.

Nesse grupo, se percebe que essas mulheres se dirigem não às crianças no lugar de suprir sua falta fálica, mas se dirigem ao abandono, ao desamparo, ao que se pode inscrever como campo do $S(A)$. O trajeto aqui seria: $A \setminus M \rightarrow S(A)$. Aqui, o que se busca é o que está fora da medida fálica. O circuito se dá com a partida pela via do não-todo, muito embora ele se complete com uma abertura para o campo do fálico, nesse caso como **mãe social**, uma vez que não há possibilidade de haver sujeito que não esteja inscrito numa lógica fálica e é o Φ que sustenta a possibilidade de qualquer escrita. Assim, nesse grupo, há um trajeto que vai do real ao simbólico, que propõe uma nova forma de laço social a essas crianças, através de um ato de amor. O Recurso extraído da bipartição feminina ($A \setminus$) é de uma condição simbólica que não passa necessariamente pela precondição de estarem colocadas em um lugar (em a) no fantasma de um homem, ou de um pai na realidade - posições estas, contingentes. Sem esta mediação, a falta no universo do discurso (lugar também do desamparo), enlaça o pai a partir de um lugar ex-sistente, acionando os recursos simbólicos e a castração que o discurso veicula, diferente do pai da interdição (imaginário) e do desejo de um homem que descompleta a mãe.

É interessante lembrar Freud em *Mal estar na civilização* (1930[1929] p. 124), quando ele afirma que as mulheres seriam pouco capazes de executarem tarefas civilizatórias. Os valores grandiosos da pátria, ligados a uma preocupação coletiva e ao trabalho da civilização com finalidades culturais, estariam a cargo dos homens. Segundo ele, as mulheres seriam demasiadamente inclinadas a investir nos objetos próximos, no

interesse da família e na vida sexual. Segundo Freud as mulheres se “oporião à civilização”. Essa seria uma referência a uma das versões freudianas ao problema do superego nas mulheres: a versão que propõe uma instância civilizadora ou normativadora e que, nas mulheres, estaria numa forma menos definida, menos acabada que nos homens. Na perspectiva lacaniana, paradoxalmente, o superego não é uma instância reguladora, mas um imperativo de gozo. E, justamente por essa instância estar em “defeito” nas mulheres, essa condição as conduziria à possibilidade de acesso a uma via não-toda regida pela via fálica, não-toda conformada ao superego paterno pós-edípico de Freud, mas na via da ética do desejo. Assim, nas mulheres especialmente, ficaria aberta, tanto a via da versão superegógica de um empuxo ao gozo, que pode ser devastadora se a mulher não se sustenta numa ligação com a lógica fálica, como a contingência do encontro de um gozo não-todo fálico, um gozo Outro. Em virtude, ainda, dessa abertura ao real, é que, também especialmente, as mulheres recorrem insistentemente ao amor. O amor seria uma das formas de atamento à ordem fálica. O amor é o que faz suplência à inexistência da relação sexual - “*amo a partir do que, entre os sexos, falha*” (MANDIL, apud BRANCO, 2000, p.43). Esse amor, que é próprio das mulheres, que se dá na falha do universo do discurso, que aparece na fratura do muro da linguagem, pode aparecer por surpresa. (GALLANO, 2002). É um amor singular, responde ao um a um e leva em conta o acaso. É diferente do amor das massas, socializante, que se dirige à compacidade do grupo, que Freud cita em “Psicologia das massas e análise do eu” (FREUD, 1929), amor dirigido a um Ideal, que, por ser comum aos diferentes “eus” que compõem o grupo, permite sua identificação recíproca e os constitui como conjunto (SOLER, 2005, p.168). Esse é um amor masculino, que se dá pela via do fantasma: dirige-se a um objeto que possa ser causa de desejo. O amor materno entra também nessa via, a criança aí incluída como objeto tampão da fantasia materna, podendo prescindir dessa posição de acordo com a mediação da metáfora paterna. Nada contra esse amor. Não se propõe aqui um ideal do “melhor amor”. Aliás, na época atual, talvez a fórmula “qualquer forma de amor vale a pena”, seja o que de melhor se possa esperar. Mas o amor feminino é outro. É um amor singular, é um amor que não vale para todas as mulheres e que, por isso mesmo, pode propiciar o retorno do singular sobre o coletivo, fazendo outro tipo de laço social. Colette Soler aponta que

atualmente, mais do que nunca “*amamos o amor, pois, quando amamos, dizemos prosaicamente que temos uma “relação” ou uma “ligação”*”.(SOLER,2005, p.172).

Essas mulheres, por operarem a partir do campo do real que é exterior ao fálico, retiram a possibilidade de se obturar o vazio da privação e, tal como fazem os poetas, elas possuem “*a arte de cingir a coisa*” (GUATIMOSIM, 2006a), artesanalmente, oferecendo uma borda ao gozo, a esse vazio escavado pela experiência tão dolorosa a que essas crianças ficam expostas, podendo assim, mais que responder, dar um tratamento a essa “*infinitização das demandas imediatistas*” (MAIA & FERES, 2000). Realizam o trabalho de circunscrever o horror, o insuportável, oferecendo um campo simbólico a essas crianças e quiçá logrando produzir mudanças nas relações desses sujeitos com os fenômenos desse gozo invasivo que escapa à palavra. Elas acreditam que haverá uma palavra, uma boa palavra, capaz de responder pelo fora de sentido imposto pelo real. Místicas ou não, trata-se de um ato de fé na linguagem.

Essas mulheres oferecem um lar às crianças, pois, segundo Lacan, “*O homem encontra sua casa em um ponto situado no Outro (...) esse lugar representa a ausência em que estamos.*” (LACAN, 2005[1962/3] p. 58). O Outro, aqui, é entendido como “*o que faz surgir como campo a intervenção significante*” (LACAN, [1969/70] 1992 p.13). Se o desamparo e a ausência são estruturais, já que há um abismo entre o que se demanda e o que se recebe do Outro, para essas crianças, esse desamparo é signo de um abandono real, gozo da morte, e só pode se transmutar em ausência e separação através de um contorno desse vazio infinito. Assim, para o desamparo agudo que essas crianças vivem, o abrigo possível, e sempre precário, é o da língua. São crianças que exigem, mais que qualquer um, a presença constante de um Outro que não desapareça, ou que reapareça sempre, que suporte seu desconcerto extremo, de maneira estável, contínua. Que sustente a regulação de seus corpos, que possa civilizar, conter, ordenar, inserindo os pequenos assuntos diários de cada um num contexto simbólico.

Este trabalho de pesquisa visa, mais que qualquer outra coisa, dar um testemunho do que foi visto como possível de se realizar, embora nem sempre o seja, pois o êxito revela a fórmula da contingência: aquilo que não se inscreve... a não ser por um golpe, uma ruptura, um lance de dados e...cessa de não se inscrever. Nesse sentido, os programas de políticas públicas devem exercer uma seleção criteriosa, na escolha dessas mulheres, levando em conta a questão do desejo. Não é em qualquer profissão

que o desejo abrilhanta, principalmente em serviços ditos “públicos”, onde às vezes o desejo é até mesmo contra indicado, por serem muitas vezes, funções burocráticas e repetitivas. Aqui, há uma aposta em jogo. Aposta, que deve ser “a” posto como causa de desejo. Algumas mães sociais realizam o trabalho de transformar o obsceno em erógeno; de alcançar a caligrafia do corpo, seus orifícios, suas dobras, suas rugas, ali, onde só havia carne; de elaborar a infância desamparada, inventar um pai, sem invalidar o lugar de origem, a história, seja ela triste ou trágica. Criam laços e cultivam *estes laços* – catados de *estilhaços* e, atados, meninos então, sócios da vida.

LIMITAÇÕES DO TRABALHO E SUGESTÕES PARA NOVOS ESTUDOS

No decorrer da pesquisa alguns temas surgiram como fonte de indagações, embora não fossem o objetivo principal desse estudo. Assim elas tomaram o caráter de possibilidade de continuação de estudo ou de novas investigações.

Uma indagação que surgiu e que não foi levada adiante, por não ser o tema central da pesquisa, foi a questão do pai nas casas lares. Seria necessário que houvesse um homem para que houvesse pai? Deus poderia entrar nessa função? A legislação e o Estado como interventores, bastam para exercer a função?

Sabe-se que a paternidade, segundo a psicanálise, está ligada ao fato de que o humano fala, e não ao fato de o homem produzir espermatozóides. Embora se tenha partido dessa premissa, supõe-se que seria interessante e rico pesquisar melhor sobre aquilo que faria essa função para as mulheres nas casas lares.

Além disso, alguns homens têm se candidatado para a função, juntamente com a demanda de regularização dessa profissão enquanto “Pais sociais”. Essa poderia também ser uma fonte riquíssima de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981

BACKES, Carmem. O Fascínio da brasilidade. In: SOUSA, Edson L.A. (org.). **Psicanálise e colonização**. Porto Alegre: Artes e Ofícios editora, 1999

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado** – o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BELO HORIZONTE. Diagnóstico da Realidade do Atendimento em Abrigos Não Governamentais do Município de Belo Horizonte. Belo Horizonte: CMDCA- Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. 1997; série Construindo a cidadania nº4

BESSET, Vera Lopes. A política e o dizer do Psicanalista. In: **A Política do medo e o dizer do Psicanalista**. *Latusa*, Escola brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro, nº. 9, s.d..

BRASIL. Lei nº 7.644, de 18 de dezembro de 1987. Dispõe sobre a Regulamentação da Atividade de Mãe Social e dá Outras Providências. DOU , Brasília ,21 Dezembro 1987

BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o exercício do Estatuto da criança e do Adolescente (ECA). DOU, Brasília, 16 Julho 1990, Retificado em DOU, Brasília, 27 Setembro 1990

BRASIL. Lei 8742, de 07 de Dezembro de 1993. Dispõe sobre a Organização da Assistência Social e dá outras providências. Brasília, 7 de Dezembro de 1993, 172º da Independência e 105º da República.

BRASIL. Lei nº 17.943-A, de 12 de Outubro de 1927, artigo 175. Dispõe sobre o primeiro Código de Menores Mello Mattos.

CARVALHO, Maria do Carmo. (coord). **Trabalhando abrigos**. São Paulo: IEE, 1993.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **Os absolutamente sós**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2000.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil Quinhentista. In: PRIORE, Mary Del. **História das crianças no Brasil**. São Paulo-SP: Contexto, 1999.

CIRINO, Oscar. **Psicanálise e Psiquiatria com crianças** – desenvolvimento ou estrutura. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

EIDELBERG, Alejandra; SCHEJTMAN, Fabián; DAFUNCHIO, Nieves Soria. **Anorexia e Bulimia**. Sintomas actuales de lo femenino . Buenos Aires: Factoriía Sur, 2003.

ELIA, Luciano. Psicanálise: clínica & pesquisa. In: ALBERTI, Sônia e ELIA, Luciano (org.). **Clínica e Pesquisa em Psicanálise**. Rio De Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000

FERRARI, Ilka Franco. Trauma e segregação. In: **A Política do medo e o dizer do Psicanalista**. Latusa, Escola brasileira de Psicanálise, Rio de janeiro, Nº 9, s.d.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer**. 1920. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.17 -90 (Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud .XVIII).

FREUD, Sigmund. Algumas Conseqüências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos. 1925 In: FREUD, Sigmund **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.309-320 (Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud .XIX)

FREUD, Sigmund. Feminilidade. (1933 [1932]) In: FREUD, Sigmund **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1980 p.139-165 (Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud, XXII).

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia.** (1926[1925]). Rio de Janeiro: Imago, 1980 p.95-201 (Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud, XX).

FREUD, Sigmund. **Mal estar na Civilização.** (1930[1929]). Rio de Janeiro: Imago, 1980 p.16-81 (Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud, XXI).

FREUD, Sigmund. O Estranho. 1919. In: FREUD, Sigmund. **Uma neurose infantil.** Rio de Janeiro: Imago, 1980.p.275-312. (Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud XVII)

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. (1929). In: FREUD, Sigmund **Além do Princípio do Prazer.** Rio de Janeiro: Imago, 1980. P.91-184 (Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud .XVIII).

FREUD, Sigmund. Sexualidade Feminina. (1931) In: FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão.** Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.257 - 277 (Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud, XXI)

FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: uma introdução. (1914) In: FREUD, Sigmund. **A História do Movimento Psicanalítico.** Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud ,XIV)

FREUD, Sigmund. Sobre as teorias sexuais das crianças. 1908. In: FREUD, Sigmund. **Delírios e sonhos na “Gradiva” de Jensen.** Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 129-249 (Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud. IX)

FREUD, Sigmund. (1905). Três ensaios sobre a teoria sexual. In: FREUD, Sigmund. **Um caso de Histeria e Três ensaios sobre sexualidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1980.p.129-249 (Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud VII).

FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada. Uma contribuição ao Estudo da origem das perversões sexuais. (1919). In: FREUD, Sigmund. **Uma neurose infantil.** Rio de Janeiro: Imago, 1980.P.225-256. (Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud XVII)

FIGUEIREDO, Luiz Cláudio. Psicanálise e Brasil – Considerações acerca do sintoma social brasileiro. In: SOUSA, Edson A. (org.). **Psicanálise e colonização**. Porto Alegre, R.S: Artes e ofícios Editora, 1999

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Projeto: Rede de Abrigos de Belo Horizonte. Dez. 2000

GALLANO, Carmen. La Alteridad femenina. Medellín, Colômbia: Ed. Asociación de foro Del campo lacaniano de Medellín, 2002.

GUATIMOSIM, Bárbara; MACHADO, Zilda. A Hombridade feminina. **Revista Stylus**, Associação Fóruns do Campo Lacaniano - Brasil, nº 12, Ed. Contra Capa, RJ, 2006b.

GUATIMOSIM, Bárbara. O Belo e o Sublime. Texto apresentado no Aleph. Inédito. Belo Horizonte, 2006a.

GUERRA, Andréa M.C. A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise: um estudo de caso. In: **Agora**; estudos em teoria psicanalítica. V.I n. 1 (1998). Rio de Janeiro RJ: Pós graduação em Teoria Psicanalítica. 2001.

JIMENEZ, Stella. A manipulação do medo em tempos de Angustia. In: **A política do medo e o dizer do psicanalista**. Latusa Escola Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro, nº 9, s.d.

JURANVILLE, A. Da lógica formal ao matema da psicanálise In: JURANVILLE, A. **Lacan e a Filosofia**. Rio de Janeiro RJ: Jorge Zahar Ed. 1987.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. (1958) In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998. p. 734

LACAN, Jacques. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos escritos (1973) . In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003 p 550 a 559.

LACAN, Jacques. Nota sobre a criança (1969) In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.p.369-370

LACAN, Jacques. O Aturdido (1972) In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003 p.450.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro V As Formações do Inconsciente.(1957/8). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1999.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro VIII A Transferência.(1960/1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1992.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro IX A Identificação (1961/62). Inédito.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro X A Angústia (1962/63). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro XI Os quatro conceitos fundamentais (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro XV O Ato psicanalítico (1967/8). Inédito.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro XVII O Avesso da Psicanálise (1969/70) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1992

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro XX Mais, ainda.(1972/3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro XXII RSI (1974/5). Inédito.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro XXIII O Sinthoma (1976) inédito.

LACAN, Jacques. Os Complexos familiares na formação do indivíduo (1938). In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003 p.29

LACAN, Jacques. Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval (1960, retomado em 1964) In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zajar Ed., 1998.

LACAN, Jacques. Televisão (1973). In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

LAURENT, Eric. Alienação e separação. In: FELDSTEIN, FINK & JAANUS (orgs). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LAURENT, Eric. Las tribulaciones de la opinión pública. In: MILLER, J. con colaboración de Eric Laurent. **El otro que no existe e sus comités de ética**. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2005

MAIA, Elisa Arreguy & FÉRES, Nilza Rocha. **Meninos na rua: uma intervenção**. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2000.

MANUAL DE NORMAS TÉCNICO-CIENTÍFICAS DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-PIC/UNILESTE. Disponível em: [http://www.unilestmg.br/pic/manual de normas.htm](http://www.unilestmg.br/pic/manual_de_normas.htm).

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998

MARCONI, M.; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico**. 6ª edição, São Paulo, Ed. Atlas SA, 2001.

MARICONDI, Maria Ângela. (coord.) **Falando de abrigo: cinco anos de experiência do Projeto Casas de convivência**. São Paulo: FEBEM, 1997.

MILLER, Jacques-Alain. A criança entre a mãe e a mulher. **Opção Lacaniana**, São Paulo, nº 21 Eólia Ed., 1998 b.

MILLER, Jacques-Alain. (con colaboración de Eric Laurent) **El Otro que no existe y sus comités de ética**. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2005a.

MILLER, Jacques-Alain. La categoria de semblante. In: MILLER, J. **De la naturaleza de los semblantes**. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2001.

MILLER, Jacques-Alain. **O osso de uma análise**. Salvador: Biblioteca/Agente, 1998 a

MILLER, Jacques-Alain. Paradigmas Del goce. In: MILLER, Jacques-Alain. **La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica**. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2003

MILLER, Jacques-Alain. Psicanálisis y sociedad. **Freudiana**, Barcelona, Espana, nº 43/44, Difusión Ediciones Paidós, 2005 b.

MIRANDA, Fernanda. A infertilidade feminina na pós-modernidade e seus reflexos na subjetividade de uma mulher. Dissertação de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

NOMINÉ, Bernard. A adolescência ou a queda do anjo. **Revista Marraio**, Formações Clínicas do Campo Lacaniano, Rio de Janeiro, v.1, 2001.

OLIVEIRA, Sandra M. E.(relat.) O Romance Familiar e suas Exceções. **Curinga** - Escola Brasileira de Psicanálise MG, Belo Horizonte, nº 15/16 abr.2001

PORTUGAL, Ana Maria M. Divirta-se: o sexo de ler o amor escreve.Comentário à tese de Elisa Arreguy *Textualidade Llansol. letra e discurso*. Texto apresentado no Aleph, 24 de junho de 2005.

PAIVA, Vera. **Evas, Maria, Liliths...** As voltas do feminino.São Paulo: Brasileiense,1990

PINTO, Jéferson M. Uma erótica pragmática? In: GONTIJO; RODRIGUES; FURTADO; SALIBA (Orgs.) **A escrita do Analista**.Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003

QUINET, Antônio. A psiquiatria e sua ciência nos discursos da contemporaneidade. In: QUINET, Antônio (org.). **Psicanálise e Psiquiatria**: controvérsias e convergências. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

QUINET, Antônio. As formas de amor na partilha dos sexos. In: A mulher: na psicanálise e na arte. **Kalimeros**- Escola Brasileira de Psicanálise- seção Rio. Rio de Janeiro: Contra capa Livraria, 1995.

RAMOS, Fabio P. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo, SP: Contexto, 1999.

RIBEIRO, R..J. **A sociedade contra o social**: o alto custo da vida pública no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

ROCHA, Zeferino. Feminilidade e Castração seus impasses no discurso Freudiano sobre sexualidade feminina. In: VII Encontro comemorativo dos 20 anos do Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem (CPPL), Recife, 2001. Disponível em: <http://www.cbp.org.br/artigo2print.htm>

ROSA, João G. **Tutaméia**: terceiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SANTIAGO, Ana Lydia (relat.). A mulher, a mãe, sua criança e outras ficções. **Curinga**- Escola Brasileira de Psicanálise MG, Belo Horizonte, nº 15/16 abr.2001.

SCHEJTMAN, Fabián. Sintomas actuales y sintomas de lo femenino. In: EIDELBERG, Alejandra; SCHEJTMAN, Fabián; DAFUNCHIO, Nieves Soria. **Anorexia e Bulimia**. Sintomas actuales de lo femenino. Buenos Aires: Factoría Sur, 2003.

SOLER, Colette. **Declinaciones de la angustia**. Espana: Montserrat Pera Jané & Matilde Pelegri, 2000/01.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

SPITZ, René. **O primeiro ano de vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

TENDLARZ, Silvia. **De que sofrem as crianças**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

VENÂNCIO, Renato P. Maternidade negada. In: PRIORE, Mary Del (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004

VENÂNCIO, Renato P. **Famílias abandonadas**. Campinas, SP: Papirus, 1999

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A OPÇÃO PROFISSIONAL DE SER MÃE

Este termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Por favor, peça ao pesquisador que lhe explique as palavras ou informações que você não entendeu.

1) Introdução

Estamos entrando em contato com você, para convidá-la a participar de uma pesquisa intitulada “Um estudo psicanalítico sobre a opção profissional de ser mãe”. Gostaríamos de saber de seu interesse em participar desse estudo e esclarecê-la melhor sobre o mesmo.

As informações que seguem, relativas ao estudo que se propõe e ao papel que nele você desempenha, são muito importantes para que decida se aceita ou não participar do mesmo.

Algumas entidades responsáveis pelas casas lares em B. H. foram contatadas por telefone e se dispuseram a fazer parte da amostra dessa pesquisa. A entidade responsável pela casa-lar que você trabalha foi uma das que se dispôs a contribuir, e é por isso que estamos convidando você a participar dessa pesquisa como mãe social.

Desta forma, sua participação é importante, mas não é obrigatória. Caso concorde em participar da pesquisa, você deverá assinar este “Termo de Consentimento” e conceder uma entrevista à pesquisadora.

É preciso, assim, que você entenda a natureza de sua participação e possa avaliar seu interesse, antes de dar o seu consentimento livre e esclarecido. Caso você aceite

participar, deve fazê-lo por escrito, assinando este “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.

2) Objetivos

Para facilitar seu esclarecimento, destaca-se que o Objetivo Geral desta pesquisa é estudar a operacionalização desta nova profissão denominada “mãe-social”, buscando identificar alguns motivos que levaram algumas mulheres a ocuparem esta função. Como objetivos específicos foram estabelecidos:

- 1- Tornar compreensível a articulação entre conceitos relacionados ao tema, tais como “mãe”, “mulher”, “feminino”, bem como a implicação dos mesmos na questão do abandono, desamparo e privação.
- 2- Analisar o papel determinante que as “mães sociais” têm para a constituição subjetiva das crianças envolvidas no processo.
- 3- Fornecer informações que possam beneficiar as políticas públicas naquilo que respeita ao tema, já que esta é uma situação nova e, supõe-se, aberta a avaliações e re-avaliações.

3) Procedimentos do Estudo

A entrevista que lhe é solicitada traz questões que visam compreender a forma como essa nova profissão vem sendo desenvolvida e os motivos que levaram você a optar por ela, bem como buscar entender quais são as implicações do abandono, da dor e da privação nessa escolha.

As informações coletadas, a partir das entrevistas gravadas, serão analisadas de forma qualitativa, de maneira que os resultados serão mencionados como pertencentes a um grupo e não a um indivíduo isolado. Espera-se concluir a pesquisa com resultados úteis aos interessados no tema e isto implica que eles poderão ser úteis também a você. As conclusões obtidas serão apresentadas às instituições estaduais e municipais implicadas e estarão à sua disposição. Aspira-se que os resultados sejam transmitidos em jornadas clínicas, seminários, congressos e em artigos a serem publicados em revistas

especializadas conforme os cuidados éticos. O texto final estará disponível na biblioteca da PUC Minas.

4) Riscos e desconfortos

O trabalho foi elaborado de maneira a preservar sua identidade e manter o anonimato. Uma precaução que deverá ser tomada é a destruição das fitas gravadas, após sua transcrição, evitando-se, assim, que o autor daquele depoimento possa ser identificado.

Como já foi dito, nessa pesquisa, não se visa a particularidade da pessoa envolvida, mas a profissão de mãe social, de forma geral, bem como identificar alguns motivos que levam alguém a empreender tal atividade.

Sendo assim, acreditamos que o único risco que por ventura possa haver, seja um desconforto causado pelo fato de estar sendo entrevistada, já que, como foi assegurado, sua entrevista terá um caráter confidencial.

5) Benefícios

Acredita-se ser importante uma reflexão sistemática sobre a questão do abandono de crianças e conseqüentes respostas sociais que a ele têm sido dadas, nelas incluindo a criação de mercado de trabalho, tal como o aqui referido. Nesta ocasião, sua opinião será levada em conta e suas idéias poderão ser manifestadas sem nenhum risco pessoal. Sua visão crítica e seu papel neste campo podem contribuir para melhoria da categoria e das respostas sociais em termos de possíveis soluções para os problemas com os quais você lida diariamente. O resultado da pesquisa ainda deverá ser levado a público, visando uma reavaliação crítica das propostas e suscitando debates com os órgãos competentes, em função da extrema importância social e da responsabilidade que esta profissão implica.

6) Custos/Reembolso

Você não terá nenhum gasto com a sua participação na pesquisa, nem tampouco receberá pagamento por ela.

7) Caráter Confidencial dos Registros

Embora as conclusões dessa pesquisa devam ser levadas a público, a partir de suas informações e de sua participação nas entrevistas, sua identidade será mantida em sigilo.

A prof^a Ilka Franco Ferrari, que orienta esta pesquisa, também terá acesso às informações obtidas para que, junto com a pesquisadora, possam discutir e avaliar os dados. Os membros do “Comitê de Ética em Pesquisa”, da PUC Minas, poderão consultar os registros de sua entrevista, caso seja necessário. Essas pessoas e órgãos terão acesso apenas às informações que você possa vir a fornecer e não à sua identidade. A pesquisadora se compromete a proteger e assegurar sua privacidade, não permitindo que você seja identificada.

8) Participação

Sua participação nesta pesquisa consistirá em uma entrevista que será gravada, permitindo, depois, que os dados possam ser utilizados para o estudo já mencionado.

Durante a entrevista espera-se que você responda da forma mais clara e mais honesta possível, às questões que lhe forem dirigidas e que possa, ainda, falar livremente o que entender que seja útil ou necessário, uma vez que o tipo de entrevista proposto supõe algumas perguntas que orientem a conversação, mas deixem espaço para sua livre manifestação. Você poderá, ainda, se recusar responder a alguma pergunta.

É importante que você esteja consciente que sua participação neste estudo é completamente voluntária e que você pode se recusar a participar da mesma, sem penalidade alguma. Caso você decida retirar-se do estudo, deverá notificar ao pesquisador responsável.

9) Para obter informações adicionais

A pesquisadora responsável é a aluna do mestrado em Psicologia da PUC Minas, Nádia Rodrigues de Figueiredo e você poderá se dirigir a ela, a qualquer momento que julgar necessário, para tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação no mesmo.

Caso você venha a sofrer danos relacionados ao estudo ou tenha mais perguntas sobre o mesmo, poderá entrar em contato com o representante do Comitê de Ética em Pesquisa na PUC Minas, Heloísio de Resende Leite (coordenador) no telefone (031)

3319-4298 ou e-mail cep.proppg@pucminas.br ou para Nádia Figueiredo no tel (031) 99542588 ou e-mail nadiafig@uai.com.br

10) Declaração de consentimento

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este Termo de Consentimento. Declaro que fui informada sobre a forma em que a pesquisa ocorrerá, os seus objetivos, seus benefícios e seus eventuais riscos.

Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro, também, que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando, ainda, que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo a qualquer momento, sem perda de benefícios que me são próprios e sem qualquer penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar deste estudo.

=

Nome do participante:

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e os objetivos deste estudo junto ao participante. Acredito que o participante recebeu todas as informações necessárias, fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível, favorecendo a compreensão das mesmas.

Assinatura do pesquisador

Data

ANEXO 2

CARTAS DE CONSENTIMENTO

Belo Horizonte, / / .

Prezado(a)

Responsável pela instituição:

Como já foi acordado, anteriormente, por meio de contato telefônico, sua instituição participará do estudo que realizarei para minha Dissertação de Mestrado, elaborada dentro da linha de pesquisa denominada “Psicanálise, subjetividade e práticas clínicas”, no Programa de Mestrado em Psicologia da PUC Minas.

Gostaria, então, de solicitar a oficialização de seu consentimento, por escrito, para a realização da pesquisa intitulada “Um estudo psicanalítico sobre a opção profissional de ser mãe”, a qual visa desenvolver como se operacionaliza esta nova profissão denominada “mãe social”.

Esta pesquisa tem como objetivo buscar alguns motivos que levaram algumas mulheres a escolherem essa profissão, bem como estudar a relação dos conceitos teóricos “mãe”, “mulher” e “feminino” com o abandono e a privação.

Os sujeitos envolvidos serão as mães sociais, voluntárias, que já trabalham na instituição sob sua responsabilidade. A participação delas consistirá em conceder uma entrevista à pesquisadora.

A seguir, encaminho-lhe o modelo da declaração de consentimento que poderá ser usado para a oficialização do aceite pela sua instituição.(anexo 1)

Agradeço-lhe a cooperação e compreensão relativa à importância do trabalho a ser desenvolvido e que, seguramente, trará benefícios aos implicados neste estudo.

Coloco-me à disposição para outros esclarecimentos que se fizerem necessários, a qualquer momento.

Atenciosamente,

_Nádia Rodrigues de Figueiredo

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Declaro, para os devidos fins, que fui informado sobre os objetivos dessa pesquisa e estou de acordo com a participação dessa instituição neste estudo.

Dou o meu consentimento livre e esclarecido para que a instituição da qual sou responsável possa participar da pesquisa, através das mães sociais que aqui trabalham.

Nome da Instituição

Assinatura do responsável pela instituição

-----/-----/-----

Data.

ANEXO 3**ENTREVISTAS COM AS MÃES SOCIAIS**

ENTREVISTA – 1 – Pg. 115

ENTREVISTA – 2 – Pg. 125

ENTREVISTA – 3 – Pg. 137

ENTREVISTA – 4 – Pg. 140

ENTREVISTA – 5 – Pg. 149

ENTREVISTA – 6 – Pg. 162

ENTREVISTA - 1

Entidade: Irmão Sol

Mãe Social : Maria da Piedade

DATA: 06/07/2005

P: Gostaria que vc falasse um pouco sobre sua experiência como Mãe social.

M: Tem cinco meses que eu tô aqui na casa. Como mãe social, em, assim tipo casa lar, não. Eu já trabalhei há uns dez, doze anos na minha comunidade, como voluntária de pastoral da criança, e como missionária que mexe com esse tipo de idade mesmo. A pastoral da criança começa de zero a seis anos e continua com a infância missionária até os dezesseis. Isso sempre me trouxe assim um contentamento.... Mas lá era voluntário, como mãe social, essa é a primeira vez.

P: Como vc ficou sabendo desse emprego?

M: Pela entrevista com o Frei Mariano, na radio América. Aí eu liguei, a Luciana marcou o dia que eu viesse fazer entrevista com ele, e aqui estou.

P: O que te levou a buscar esse tipo de emprego?

M: Bom, é... quando eu vi a entrevista, eu num sabia nem de quê que se tratava, eu interessei assim sabia que era uma coisa de igreja, assim, que eu gosto, mas eu não sabia que era esse tipo de coisa não. Depois da entrevista que eu fiquei sabendo, aí eu, como eu já tinha um certo conhecimento lá na minha comunidade, eu achei que ia ser legal, até por ter muita ajuda, assim, que as vezes eu queria fazer muita coisa na minha comunidade, por falta de oportunidade, de condições realmente, eu num pude. Então falei, graças a Deus, quem sabe aqui eu vou ter mais recurso pra ajudar, né?

P: O quê por exemplo?

M: Principalmente, assim, na minha comunidade, financeiramente. Porque pra ajudar lá realmente, como é muito carente, precisava muito de coisas materiais; e aí, eu fazia o que podia, mas num...(risos)

P: O quê que ce fazia?

M: Lá, a gente ainda faz ainda, final de semana inda mexe com a pastoral da criança...

P: Você fica aqui a semana inteira?

M: É, e final de semana inda ajudo lá...mais... é.. teve uma época, que... durante três meses eu até servi comida lá na minha casa, por causa da... eu tenho foto, tem tudo lá,

das menina, elas me cobram muito ainda, mais aí como... num tive como... assim ter, um local, era na minha casa, mais, eu queria mesmo um local próprio lá, né, e, a comunidade é carente tava difícil, então, e também eu adoeci na época, foi preciso de parar. Na época eu fiquei com... assim.... cansaço, né? Tipo stress, de, porque era por volta de 25/ 30 criança. Todo dia, ia pra escola, almoçava pra ir pra escola, os que saia 11 hora passava lá almoçava, aí eu fiquei stressada, tive que parar.

P: Como foi esse stress? O quê vc sentia?

M: Fiquei muito cansada, fiquei ... é...assim... depois, um pouco de descanso... aí passou. Mas quando eu vim pra cá, que eu conheci realmente o trabalho, eu vi que tem condições aqui de ajudar os meninos, aí ... tô achando legal. Tô gostando muito...pelo menos, eu acho que... tô tentando fazer o que pede, né? na, na profissão.

P: O quê que pede?

M: (...) Eu... eu levo muito a sério... eu acho que, mãe social tem que ser mãe realmente.

P: Hum.

P: O quê que é ser mãe realmente?

M: É... uai eu, na medida do possível, eu, eu procuro a... a... atende-os na necessidade; um acompanhamento com médico, na escola, reunião escolar, é... mesmo em casa assim, conversando com eles...assim, todos nós temos problemas, eles também tem, então, é preciso da gente dar uma atenção pra eles... é... esse tipo de coisa.

P: Qual é a idade dos meninos aqui?

M: É de 14 a18.

P: Só adolescentes?

M: Só adolescentes.

P: É difícil, né?

M: É... mais eu... eu, pelo menos eu, tenho uma consciência que eu acho que eu... eles se dão bem comigo assim...

P: Maria da Piedade, pelo o que eu fiquei sabendo, nas casas lares, entra e sai muitos meninos... tem uma rotatividade grande, ou não?

M: É... entra e sai...

P: E como fica isso? Ce já ta num ritmo, na casa, entra um novato... como que é? Muda muito?

M: Muda, tem vez que chega um que, eu até converso muito com os meninos aqui, falei gente, se nós temos 8, 9 adolescentes, até 10, tão bem na casa, não deixa que um que chegar assim com mau hábito, atrapalhar vocês não; tenta consertar o um só e não deixa o um só atrapalhar vocês que são a maioria.

P: E você consegue?

M: Muito difícil.

P: É?

M: É. Até por aquele adolescente na... no ritmo, demora muito. É Complicado...

P: E como é que você faz?

M: É um desafio, né? Tem que ter o... tem que ter assim um acordo. Um jogo de cintura, porque se for olho por olho e dente por dente, num consegue não... Tem que abrir mão de muita coisa, tem que ir devagar, se ele xinga e da nervoso é preciso da gente controlar e deixar ele acalmar pra depois a gente ir conversar, porque na hora que eles tiver rebelde, não adianta conversar também não, só piora... só piora.

P: Maria da Piedade, e por falar em abrir mão de muita coisa, você abriu mão de muita coisa na sua vida?

M:... .. Da casa lá né, da casa da gente principalmente, né?

P: Ce é casada?

M: Sô, sô casada... tenho quatro filhos, tenho um netinho...

P: É mesmo? E como você faz com sua família?

M: Ó, meus dois filhos mais novo mora aqui. Eles vêm, é quando eu fiz inscrição, o Frei... no primeiro momento, eles ia ficá, depois o Frei falou “não... traz os adolescente, que é bom os adolescente, porque graças a Deus são... meus filhos...é...só quem conhece...porque se eu falar...é suspeito, né, mas graças a Deus são é... não dão trabalho, aí o Frei achou que por bem, de... “não, deixa os dois mais novo vir...”

P: Qual é a idade deles?

M: 15 e o outro fez 18 agora. E... inclusive o mais velho na hora que, os meninos tão estudando, fazendo trabalho aí, ele ajuda, no trabalho escolar dos meninos... as vezes sai com o educador também pra fazer visita na casa dos familiar dos adolescentes, pra pegar uma transferência escolar, ele ajuda voluntário. E...o mais velho trabalha fora né, a menina é casada também mora no barracão próximo lá de casa mesmo, então...é... não dão trabalho não, num preocupo não.

P: Você fica aqui de segunda a...

M: De domingo à noite a sábado de manhã. Eu chego aqui domingo oito horas da noite.

P: E o marido?

M: Ele tá aqui também.

P: Ah, ele veio também?

M: É... ele vive aqui também.

P: Então são os dois?

M: É. É mãe e pai social.

P: Ele também é pai social?

M: É.

P: Existe essa profissão?

M: Existe, aqui, é... bom, né, fiquei conhecendo aqui na Irmão sol, né, mas existe, há muito tempo aqui nas casa lar...

P: Mas ele é registrado na carteira como Pai social?

M: Não, não. Ele é voluntário.

P: A sua carteira é registrada como mãe social?

M: É. A minha carteira é.

P: O pai social então é o marido da mãe.

M: É.

P: Ele trabalha fora?

M: Ele é aposentado. Ele é voluntário, porque ele é aposentado. E ele.. mais ele, inclusive ele tá pro médico com um adolescente agora.

P: Então ele te ajuda muito?

M: Ajuda, ele acompanha tudo por tudo aqui. Todas atividades, ajuda com os adolescente... ajuda também.

P: Ele é religioso?

M: E muito, graças a Deus.

P: Vocês fazem isso por causa da religião?

M: É... Inclusive isso aí é... é... que eu acho muito importante, graças a Deus eu to conseguindo, é porque de repente, você até já tem noção de como que é que é uma, uma, um adolescente assim sem, sem raízes, sem ensinamento nenhum, eles chegam aqui num sabem nem o que é uma Ave Maria, e eu graças a Deus to conseguindo. A

gente faz a oração seis horas da manhã, é faz na hora do almoço e da janta, é, cheguei aqui, já fazia... e a noite também a gente faz depois da janta, e, inclusive dia 15 próximo agora, vai batizar dois adolescente daqui da casa e no domingo dia 17 vão, 6 vão fazer a primeira eucaristia. A gente ta preparando aqui.

P: Aqui são meninos e meninas?

M: Não. Só homens. Só adolescente meninos. E ...e tão bem aceitos, eles tão, levam a sério mesmo, na hora da oração, que eu também acho muito importante, é, inclusive é uma das prioridades que eu acho no, na, na educação, é... é a religião. To fazendo o que pode.

P: E sábado como é o dia?

M: É... eu vou pra minha casa, em contagem. Os meninos todo sábado, todas as casas, eles tem a ... tem o clube, lá no vida nova, é... nova Pampulha, e eles vão e se reúnem lá todos os sábados. Todas as casas, lá tem piscina, tem campo de futebol, tem quadra, aí eles passam o dia todim divertindo.

P: E os seus meninos? Também vão pra lá?

M: Meus meninos vão no... é... porque uma vez por mês, éééé... cada casa é responsável por esse dia, né? Inclusive sábado agora é o nosso dia, dessa casa aqui. Aí eles vão comigo, as outras vezes, é difícil deles ir, porque como a gente trabalha na nossa comunidade, eles também trabalha lá, o mais novo é da infância missionária, o outro trabalha na catequese lá, aí é mais difícil ir todos os sábados lá por isso...

P: Então, esse trabalho de vocês, é quase uma vocação, né?

M: Também, né? Também uma vocação.

P: O que você mais gosta, neste emprego?

M: O que eu mais gosto? Uê, o que eu mais gosto é porque quando eu batalho e vejo resultado, eu gosto muito.

P: Já aconteceu de você... por exemplo, entrar um adolescente, que seu santo não bate com o dele? Tem isso?

M: Não. Que não bate não tem não, mas só que a gente já batalhou muito e não conseguiu resultado, já. Alguns. Não é um só não... Infelizmente, vários. Muitas vezes, a gente não consegue sucesso.

P: Tem por exemplo algum adolescente que te enfrenta, que te desrespeita?

M: Menina, eu, eu, sinceramente, pelo que eu vejo, muitos adolescentes rebeldes eu agradeço muito a Deus, porque não, viu. Me respeitam, eu sinto que realmente eles gostam de mim, num ...

P: E quando você diz que não dá certo, o que que é que não dá certo?

M: Quando não dá certo? É quando eles próprios não querem mesmo ajuda. De repente, é os que mais precisa de ajuda, é os que não aceita, aí, é... assim o hábito de rua, eles acham que as paredes aqui não é o local adequado pra eles, e se a gente quer conversar, eles não querem ouvir, sabe, quando vê que não tem jeito mesmo, mas, tenta muito mesmo, quando vê que não tem jeito, que eles quer ir embora, aí eles mesmos vão.

P: Aqui é aberto? Como que é?

M: Não é forçado ficar aqui. Vem, é muito aceito, a gente quer ajudar no que precisar, mas se realmente o adolescente não quiser, falar, eu não quero, eu não guento ficar assim, porque é aberto assim, é aberto no caso assim de não forçar a ficar, mas também se quer ficar não pode ficar na rua toda hora direto, porque senão não tem sentido, né? Se a gente quer que panha um bom hábito, e se ficar toda hora na rua não tem como.

P: Eles estudam?

M: Estudam, fazem cursos, na casa tem atividades.

P: Que tipo de atividades?

M: É tem o tapete de retalho, faz bijouterias, faz é cachorrinhos, faz jacarezinho disso aqui (mostra um colar), agora como, por ser época da quadrilha tão fazendo as bandeirinhas pra... porque nós vão ter a festa da quadrilha também, e tem o professor de desenho, que vem dar o desenho pra eles, tinha o de música, mas não tava dando certo os horários o professor, com os horários de curso, escola dos meninos e tudo pra pegar eles aqui, tá parado, mas vai voltar. E tem o do teatro também.

P: E esses professores, são voluntários?

M: Tudo voluntário.

P: E Maria da Piedade, o que você menos gosta, quais são os inconvenientes, da profissão?

M: O que eu menos gosto? Bom, tem o que realmente a gente menos gosta, mas é preciso fazer, né, é da duro mesmo, chamar atenção de mãe pra filho mesmo. Se não precisasse disso era legal, mas infelizmente precisa... até com os meus também,

então, eu falo com os meninos, ó, meus meninos não são santo não, e eu chamo atenção deles, e eu quero que vocês sejam igual a eles, chamo atenção de vocês do jeito que eu chamo deles, pra, pra o bem de vocês. O que eu não gosto é isso, mas precisa. Na hora de chamar atenção mesmo de mãe pra filho.

P: E o salário?

M: O salário, é... como eu é... como você mesma já disse, não conhecia essa profissão, né, não sei se tá de acordo, né, tá razoável.

P: Você começou lá na sua comunidade, né? De onde surgiu isso em você?

M: Mas eu, é... minha formação religiosa, vem desde pequeninha. Minha vó, minha vó, é... eu perdi minha mãe cedo, nem conheci minha mãe não, mas eu cresci na companhia da minha vó muito católica, minha vó, eu acordava de noite, ela tava ajoelhada na cama rezando terço, e eu cresci assim nessa vocação religiosa e ... e... sempre que eu... tinha alguma coisa na igreja, assim sempre eu fiz parte. Desde menina lá no interior.

P: Ah, você é do interior?

M: sô. Do interior de São Domingos do Prata. De lá, eu era pequeninha, comecei de pequeninha coroando, depois lá na festa de Nossa Senhora, lá, mexendo com mês de Maria, é... com a festa, no coral, e aí, foi passando, do Sagrado coração de Jesus, depois vim pra Belo Horizonte, continuei também.

P: Sua avó veio também?

M: Não.

P: Ce veio sozinha? Como que foi?

M: Eu vim , é, eu morava, é, tinha um, eu não morava direto com minha avó não. Morava com meu pai e minha madrasta. Porém a minha avó era perto.

P: A avó era mãe da mãe ou do pai?

M: Mãe da minha mãe. É morava pertinho então eu tinha contato direto com ela.

P: Sua avó é que foi sua mãe?

M: É. Eu tinha contato direto com minha vó, mas não é que eu morava com ela não. Depois o meu pai mudou praqui pra Belo Horizonte, eu vim.

P: Vocês são quantos filhos?

M: É... como meu pai casou duas vezes, do primeiro casamento, é três e do segundo é um só.

P: Você é a caçula do primeiro casamento?

M: Eu sou a segunda do primeiro casamento. Tem meu irmão mais velho e minha irmã mais nova.

P: Sua mãe morreu de que?

M: Quando eu era pequenininha, eles não falaram muito não, mas parece que é parto.

P: Da sua irmã?

M: Não, num é de nenhum de nós três, então é tipo aborto, né? Mas eles num gostavam muito de comentar... Aí num... soube por alto, eu sentia assim muito, aquele vazio, falta dela, eu não gostava muito de perguntar não, aí acabou que foi passando o tempo...

P: E interessante, você se tornou Mãe, social...

M: Pois é! (ri) Incrível mesmo...

P: Como é sua idéia de ser mãe? De onde veio?

M: ... como assim?

P: Você acha que tem alguma relação com sua história?

M: É... eu sempre tive na minha mente assim, antes de casar, como eu num tive assim, a minha avó supriu muito a falta da minha mãe, mas não é realmente a mãe, como eu tinha sempre esse vazio da minha mãe, eu ... se Deus me desse o dom de ter filho, eu queria que eles tivessem tudo que eu não tive, de amor de mãe, pelo menos, eu tenho, eu acho que realmente eu fiz isso, que meus filhos são bons filho, obediente e como eu já disse, eu não conhecia essa profissão e eu entrei nessa profissão, eu quero realmente passar pros meninos isso, eu converso com eles e falo isso, eu quero que vocês sintam de verdade que aqui é uma família, é uma casa lar, e que somos pais, pais de verdade e vocês são filhos mesmo, quero que vocês tenham liberdade, de perguntar, falar o que tiver sentindo, pra gente poder ajudar como uma família mesmo.

P: E sua relação com a madrasta?

M: Foi boa.

P: Foi boa? Ela era boa com vocês?

M: Assim, ééé, não tão boa... porque, não adianta, é, falar que madrasta trata enteado é, às vezes tem exceção, mas no meu caso, ela não foi assim muito paciente comigo não. É aonde que quando eu, assim fiquei de maior e comecei namorar, e pensando em casar onde que eu pensava em ter meus filhos e dar a eles tudo que realmente me fez falta.

Mas quem dá pra gente isso aí é Deus. Que dá a gente...o dom, a noção, né? Então, graças a Deus eu me sinto... que Deus me deu realmente esse dom.

P: Então vc acha que um dom, mesmo?

M: Eu acho, que é um dom.

P: Porque você na verdade, você era “mãe social” antes mesmo dessa profissão, porque você dava comida...

M: Ah lá na minha comunidade... é...eu preocupava mesmo com os meninos...eu perguntava quando faltava um na escola, quando chegava os meninos, uai, cadê o fulano, num veio almoçar? Ah não, tia, não foi na escola hoje não. Então é... se eu tivesse tido condições assim, de ajuda, até financeiramente pra continuar, e ... de repente eu tinha até continuado lá, mas os meninos ainda cobra, as vezes eu to chegando lá - Ô tia e o almoço? – Ah, eu vou voltar a fazer, mas por enquanto não ta dando não. Mas como a gente mexe com pastoral da criança, criancinha assim tudo pequenininha, eu sinto que elas apegam muito com a gente.

P: É... Você acha que tem alguma coisa que pode ser modificada nesse sistema da casa lar, ce acha que funciona bem, ou alguma coisa devia mudar...

M: Que devia mudar.... ah com relação as outras casas, não sei, mas aqui eu acho que o trabalho que a gente ta fazendo, tendo paciência com cada um deles, entendendo cada um, porque , nem da casa da gente não são igual, né? Um é diferente do outro. A gente entendendo cada um deles, é não tem muito que mudar não...

P: Me conta aqui, MH, ce acha que ce ta aqui, mais pela causa, desses meninos que não tem lar, ou sua relação é com cada um? Porque tem uma rotatividade, na casa, ou não?

M: Tem. Quando vai um embora, fica um vazio na casa, porque a gente não quer que vai, mas quando vai, que não tem jeito mesmo de ficar, por eles próprios, aí... pelo menos a gente faz o impossível pra não ir. Mas se for... a gente quer que sai daqui já bem encaminhado, porque é lógico que um dia tem que ir mesmo, tem a faixa de idade, então tem que ir mesmo. Mas enquanto isso...

P: Saem daqui e vão pra onde?

M: Eles são encaminhado pro primeiro emprego, fazem os cursos, estudam e já tem aí a amas, a qualificarte, que dá os cursos e oferece o primeiro emprego, quando sai, já sai trabalhando, aí dagora pra frente já é com eles, né, porque já tão preparado...

P: E eles voltam? Ce já teve essa experiência? Tem pouco tempo, né?

M: Bom, até os que já sai daqui, os que não gostam que a casa num, eles não adapita mesmo na casa, que sai, eles volta. As vezes brigam saem não que ficar porque quer liberdade realmente, porque não é prisão, mas também não é liberdade cem por cento, porque aqui, dentro da casa, é, não tem assim... tem que ter normas. E principalmente a rua toda hora que não pode. Então os que não adapita mesmo de ficar em casa que quer ficar muito na rua, se eles é, eles brigam muito por isso, porque quer a rua direto, e aí nesse caso não pode realmente. Não é fechado forçado, porque se quiser ficar não tem como ficar na rua, não é porque é forçado, e se falar, não quero ficar aqui, eu quero embora mesmo, que eu não guento ficar aqui, aí não é forçado, mas nesse caso, os que vão, eles voltam entram, bate papo, eles voltam...

P: MH, aqui tem outros funcionários na casa, como é que funciona?

M: Tem os educadores. Aqui agora tem dois, esse que ta aqui, trabalha a noite, uma noite sim uma não e esse outro que trabalha na parte da manhã e vem um a tarde.

P: Mas qual é a função deles e qual que é a diferença da sua?

M: Ò, quase que não tem muita diferença porque eles também ajudam na correção dos meninos, eles também ajudam no acompanhamento escolar, ajuda pra conseguir vaga pro curso, é... eles ajudam em muitas coisas na casa.

P: E o serviço de casa?

M: Da casa aqui? Os próprios meninos. Tem a tabela de toda semana mudar. Cada parte da casa é um adolescente que limpa.

P: E a comida?

M: A comida tem a dona \Maria que é a serviçal, mas eu ajudo ela na cozinha.

P: Então todo mundo ajuda, tem os três educadores.

M: São quatro, porque tem o pai social, mais três educadores.

P: Mas o pai social é voluntário?

M: É. E tem também o Adriano, que é o assistente social. Hoje ele ta pra uma reunião... Mas ele vem de manhã.

P: Ele fica toda manhã?

M: Toda manhã.

P: Então tem uma infra-estrutura boa...

ENTREVISTA - 2

Entidade: Obreiros Mirins

Mãe Social: Maria José

DATA: 13/07/2005

P: Maria José, eu to querendo saber do seu trabalho, como você ficou sabendo desse emprego...

M: Ó, esse emprego eu fiquei sabendo através da sogra da minha irmã, sabe, porque ela tava num ônibus, e tava, a Ana Lúcia, que é a presidente, tava conversando, com ela, aí ela falou que tava precisando de uma pessoa, neh? É... que tivesse assim, paciência, que gostasse de criança, que tivesse precisando trabalhar, pra trabalhar no abrigo. Aí, como eu estava desempregada, precisando, aí eu fui. Eu fui até o abrigo, e conversei com a Ana Lúcia, que é a presidente, ne? Aí ela foi e me deu oportunidade de estar trabalhando lá.

P: Você antes trabalhava com o que?

M: Ó, eu dei aula durante oito anos, sabe, eu sou formada em magistério, e atualmente eu tava desempregada...

P: Você deu aula em que?

M: Eu dei aula pra criança de educação infantil, e de primeira à quarta, e até de quinta à oitava também, como RA

P: E o que que é RA?

M: É professor, ne? A gente pega uma habilitação, neh? Na secretaria de educação pra ta dando aulas assim em casos assim se não apareceu uma habilitada, a gente pode estar substituindo...

P: E você prefere esse trabalho ou o outro?

M: Não é preferência... No caso assim, é porque, como eu não fiz faculdade, assim, então fechou o campo, sabe? Então, assim, como eu não tenho condição de também estar fazendo faculdade, e eu tava desempregada, neh? A situação tava ficando difícil, dois adolescentes em casa, o marido ganha pouco...

P: Você tem dois filhos?

M: Tenho um casal. Aí eu falei assim: O jeito é... Correr atrás, neh? E deu certo, porque... Trabalhar com criança, né, eu sempre gostei...

P: E como é que é esse seu trabalho aqui?

M: Ó, esse trabalho aqui é mãe, mesmo. A gente é uma mãe pras crianças, neh? Eh, ó, eu levo as criança ao médico, levo ao psicólogo...

P: Eles fazem tratamento?

M: Faz! Algumas faz, neh? Aí eeeuuu, levo no médico, no psicólogo, na escola, quando tem reunião de escola, e eu que participo das reuniões, eu que ensino os dever de casa.... Então assim, eu fico mais por conta das crianças mesmo. Aqui eles tem de tudo, né, alimentam bem, a comida é boa, cada um tem a caminha, as roupas lavadas, tudo direitinho... Agora, sempre tem que chamar atenção conversar, por de castigo se precisar, neh? Aí eh... como se diz...: é mãe mesmo, neh? Que a gente que é mãe, sabe que a gente tem que corrigir, mesmo...

P: Qual que é a idade do seus filhos?

M: Eu tenho um rapaz com 18 e a menina com 15.

P: Já estão grandes...

M: Eh! Já estão grandes.

P: E eles ficam em casa com seu marido?

M: Meu marido trabalha. Eles ficam em casa, neh? De manha eles estuda, neh? E de tarde eles ficam em casa. Meu menino faz curso...

P: E seu marido fica aqui também?

M: Não. Meu marido trabalha na oficina mecânica.

P: E dorme aonde?

M: Não. Meu marido trabalha e vai embora todo dia.

P: Ele dorme aqui?

M: Não ele vai pra casa.

P: Ah! Então ele dorme lá com os meninos?

M: É.

P: Então você fica sem ver eles?

M: É. Aí e só fim de semana, neh?

P: E isso como que é pra você?

M: ãh???Ó, eh... Igual... (fala bem baixinho: dá pra desligar um pouquinho?)

P: Então, ó, ninguém vai ouvir isso daqui. Isso aqui é pra mim mesma, assim, pra eu saber, porque na verdade, eu não estou interessada no funcionamento da casa, de como que é... Nem é isso...

M: Não, porque, a mãe social, é aquela que dorme com as crianças, que fica a semana inteira...

P: ah, sei.. Então...

M: Sabe? Eu em casa, eu vou embora todo dia. Porque eu moro, também, perto, então eu não gasto condução, então é por isso, porque elas moram longe, então não teria como também `ta pagando passagem pra elas todo dia pra `ta indo e voltando..

P: E são quantas mães sociais aqui?

M: Ó, aqui são duas, e mais a que trabalha no fim de semana, a plantonista.

P: Ah, ta.. Então são duas, neh?

M: É, porque tem que ser duas, neh? Porque senão a criança machuca, ou precisa sair...

P: E como é que vocês dividem as tarefas?

M: É igual eu te falei. Eu fico por conta dessa parte, e ela fica na outra parte.

P: Qual parte?

M: Assim, fazer o almoço...

P: ah, entendi...

M: Neh? Vai lavar roupa... A gente divide os serviços da casa todim... Uma ajudando a outra, neh?

P: Hum.. E ela é casada?

M: Não. Ela é solteira. A outra que estava aqui era casada, tinha três filhos.. Ela era da minha idade. Agora, essa é mais novinha..

P: Ah, ta... Então você tem mais experiência..

M: Eu tenho mais experiência, mês que vem faz dois anos que eu to trabalhando...

P: Aqui?

M: É. Eu trabalhei um ano lá em cima, depois a Ana me transferiu aqui pra baixo.

P: Ah. Mas é a mesma entidade..

M: É a mesma entidade... É.. Ação Social Obreiros Mirins...

P: Mas os meninos é que mudaram

M: É... as crianças que mudaram, porque lá, são crianças misturadas, neh? Menino e menina. E aqui é só menina.

P: Qual que é a idade dos meninos?

M: Aqui é três anos até quatorze.

P: Três a quatorze? Diferença boa, hein?

M: É.

(Toca uma campainha)

P: Você vai atender?

M:(Entram pessoas, ela apresenta algumas crianças)

P: Mas, Maria José me conta aqui... Essa entidade aqui, ela tem...(Chega a outra mãe social)

M: Essa aqui é a outra, ó. Essa é mãe social. Também. (Cumprimentos...)

P: Mas.. Essa entidade aqui, tem alguma ligação com questões religiosas, ou não?

M: Ó a presidente, a Ana Lucia, ela é evangélica. Ela gosta assim, se a gente não puder passar a parte de religião essas coisas, ela acha melhor, porque, neh? Nem sempre consegue essas pessoas, assim, evangélicas pra `ta trabalhando , neh?

P: E você é evangélica?

M: Não. Sou católica.

P: E você vê alguma diferença?

M: Não... Tem nada a ver, não... A gente pede elas pra agradecer, pedir papai do céu... E tudo e pronto. A gente não prega nada não... Só ensina a rezar o trivial... O Pai Nosso, uma Ave Maria... (Entram algumas crianças, e a mãe manda voltar.)

P: Maria José, conta aqui. Eh... O que que você mais gosta nesse emprego?

M: ... Ah... Das crianças, (risos|)

P: E o que você menos gosta?

M: Aiai!(risos).. Do financeiro, da parte financeira.

P: Paga mal?

M: Paga mal!

P: É?

M: É! Ganha mal.

P: Não vale muito a pena não?

M: É igual já até falei com a Ana Amália, eu trabalho mais porque eu gosto dos meninos, e mais e porque eu gosto mesmo, porque, se for olhar o financeiro, a gente não trabalha, não.

P: É pior do que professora?

M: Ah! Bem pior.

P: É mesmo? (Chegam mais pessoas na casa – cumprimentos e conversas)

M: Eh... Igual assim professora eu trabalhava de uma às cinco, ganhava uns quatrocentos e sessenta... Agora aqui, eu trabalho o dia inteiro e ganho trezentos reais. E trabalho o dia inteiro, neh? E faço o serviço assim... De estar saindo, as vezes eu levo no juizado, levo no médico, neh?

P: É puxadinho, neh?

M: É bem puxado.

P: E o que que deu em você de arrumar esse emprego? É falta de emprego, mesmo?

M: É a falta de emprego, eu tava bordando, pra uma fábrica, sabe?

P: Ah, é? E o dinheiro não era bom, não?

M: Assim, eh... Num dava, porque, sempre a gente não consegue chegar, como dizer, a gente trabalhava com equipe, neh? Então, não dava bem...

P: Como assim uma equipe?

M: Eh assim... De bordadeira?

P: É.

M: É porque a pessoa vai, pega aquela quantidade de roupa e passa pra gente...

P: Ah, entendi, então terceirizava pra vocês?

M: Terceirizava pra gente, então, assim, ela ganhava bem, ganhava bem demais. Equipe com vinte bordadeira, neh? Cada bordadeira, ela pagava ali cinco seis reais na peça, aí ela ganhava vinte reais na peça, neh? Então, assim, ela ganhava bem. Agora, a gente, não. Aí foi ficando difícil, sabe? Depois também quando eu tava... Tinha uns três meses só que eu tava trabalhando, meu marido deu derra... deu derrame, não! Deu infarto! Ficou um ano parado... Aí eu falei assim: agora que não dá pra largar mesmo! Ce largar uma coisa pra ficar dentro de casa, fica difícil, neh? Aí, eu falei assim, aí vou ficando aqui e tentando fazer outros cursos, mais coisa, neh? Quem sabe consegue...

P: e você vai fazer o que?

M: Vou fazer um curso, eh.. Do abrigo mesmo.. Eh... a Meu Deus.. Manuseio, de alimentos, manusear os alimentos, sabe?

P: Ah... Interessante... E aqui, Maria José, como que são os meninos, tem muita rotatividade na casa, ou os meninos ficam muito tempo, como é que é?

M: Ó, a mais velha que está aqui, entrou junto comigo. Ela entrou na semana que eu comecei a trabalhar, ela começou... Ela entrou, foi abrigada. A... a Tais. Mas assim, tem umas que vão ser crianças difíceis, de sair, porque é criança pra adoção, e são crianças maiores. Então assim, geralmente tem o... aquele projeto de apadrinhamento, mas geralmente eles gostam de criança menor, neh? Ai as maiores vão ficando...

P: E acabou a idade, passou de 14 anos, como é que faz?

M: É até 18 anos, neh? Mas a Ana Amália já falou: chegar 18 anos eu não vou por pra fora, assim não. Então, eu não sei como e que vai ser, neh? Até hoje, ainda não aconteceu um caso assim.

P: A mais velha ta com quantos anos?

M: 14. A mais velha ta com 14 anos e ela ta indo pra... Talvez essa seja a ultima semana dela.

P: Por que?

M: Porque a irmã vai pegar a guarda dela. Porque faleceu, neh? A mãe dela faleceu no principio de janeiro, e ela já era órfã de pai. Então, os dois irmãos tavam no abrigo, então, o juiz vai...

P: Ta aqui também, os irmãos?

M: Não. O irmão dela ta no Marista, no outro abrigo. Então no caso, a Jéssica ta indo embora, já. Já vai fazer o desligamento dela. E tem Israela também que já vai sair, que tem 13 anos, sabe? E também vai sair. Vai embora pra casa da mãe.

P: Vai voltar?

M: É vai voltar pra mãe. Porque o caso dela, não foi espancamento, não foi violência...

P: Foi o que?

M: Foi é... Porque a mãe desempregou, neh? E... então fica muito difícil pra ta cuidando das crianças... E ela larga o serviço, e a Israela e meio... Criança, neh? Ficava muito na rua, e ai os vizinhos denunciou, sabe? Que a mãe tava saindo pra fazer o serviço, e eles pegando rabera de caminhão, neh? E essas coisas perigosas, neh? Ai, eles denunciaram eles e pegaram as crianças. Mas agora já ta num processamento assim, de estar, ter mais irmão pra ela aqui... Tem 2 lá no abrigo de cima... E tem essas duas crianças que vieram aqui são irmãs. É a Larissa e Pámela. Uma tem 3 e a outra tem 4.

P: São quantos meninos, aqui?

M: Aqui são 13.

P: E saindo essas vem outras?

M: Ah, com certeza... ta sempre, ta sempre... Aqui e pra 12 crianças.. Tem 13...

P: E como que é essa história quando chega menino aqui? Muda o ritmo da casa?

M: Assim, a gente não muda o ritmo, não.... A gente tenta coloca do jeito da gente, ta?
É.. Educando, ensinando, explicando, pra...

P: Mas é difícil, neh?

M: É difícil... As vezes, tem umas que chega, em vez da gente.. Da gente.. Tenta melhorar, e tudo, por no nível da gente, mas as vezes acaba tirando aquelas que é mais levadinha, e atrapalhando (risinhos)

P: É duro, neh?

M: É...Porque igual eu falo, tem muitas que vem assim, porque é, é, a mãe é muito violenta, bate muito e tudo, neh? Então, assim, são crianças assim, que as vezes faz arte, na verdade, mas a gente tem que ta corrigindo, conversando, explicando o porquê que não pode, e tudo, neh? Mas é... São muito levadas, assim... Precisa ver! (ri)

P: Essas crianças já vêm muito sem limite, neh?

M: Sem limite? Nó! demais!

P: Sem higiene às vezes?

M: Higiene? Nó isso é demais! Nossa, até a gente por no jeitinho da gente os meninos vai embora...

P: Hum...

M: quando vai embora... Quando vai embora tem uns que costumam voltar de vez em quando pra vê as tia... e tudo mais... Costuma ir embora e não aparecer mais... Elas são...

P: Elas estabelecem vínculos com vocês, ou não? São crianças mais difíceis?

M: Não, ate parece que sim, sabe? Elas demonstram, assim, muito carinho com a gente, assim, muito carinho mesmo com a gente. Mas de ta indo embora, depois de ta voltando, coisa assim ainda não aconteceu não. Vão ver essas que tão saindo agora, que elas falam assim que quando sai no fim de semana volta e falando que ta morrendo de saudades

P: Eles vão pra onde?

M: Ahm.... A Jéssica foi pra casa da irmã né? E a Israela foi pra casa da mãe. E tem Mariane que tem a madrinha, né? Que vai adotar...Aquela madrinha vai adotar ela... Já pediu ate a guarda sabe? Ela também vai pra madrinha (no fim de semana)

P: E volta morrendo de saudade né?

M: E volta morrendo de saudade né... Mas fica doida pra ir né, também porque sabe que né?

P: Claro...

M: É diferente...

P: E você com seus filhos, como é que é?

M: Ah, é.. É natural, assim, como se fosse assim, um trabalho normal, né? Pra eles... Só que tem que, as vezes, eu começo a comentar das crianças daqui, e eles cobram ciúme... Eles falam : “Nó, mãe, chega! Você já ficou o dia inteiro lá no abrigo e agora vem falando lá do abrigo, chega de tanto falar!”

P: Eles vêm aqui, não, ou não?

M: De vez em quando, vem, né?

P: Seu marido melhorou?

M: Graças a Deus, melhorou. Já esta trabalhando, ele começou a trabalhar esse ano, dia 12 de janeiro.

P: Você acha que alguma coisa podia ser mudada, assim, no esquema, da Casa-Lar?

M: (pensa bastante) Eu acho que poderia, sabe? Eu acho, igual aqui no caso, as crianças maiores, elas poderiam fazer uma oficina, alguma coisa assim pra ta...

P: Não tem não?

M: Num tem... Não tem nenhuma atividade extra pra elas... Só escola...

P: E é à tarde e de manhã?

M: É, tem a turma que vai de manhã, né? Que chega 11h e 30, 12h... E tem a turma que vai à tarde... Então, assim... é só escola, e as que as vezes faz tratamento,né? Com psicólogo, vai, sai...

P: Nessa Casa tem psicólogo?

M: Não.

P: Qual outro profissional que tem? A Ana Amália é o que? Ela é psicóloga?

M: A Ana Amália é... Ela é pedagoga, né? A Ana Amália... E ela... Ela faz o serviço burocrático... Sabe? Ela é técnica, assim, a gente passa as coisa tudo pra ela, né? Igual

assim, pra chama a atenção das crianças, a gente chama, mas o dia que ela ta aqui, ai a gente, fala, sobre como é que ta o regulamento das crianças, como é que ta procedendo em tudo, a gente fala pra ela, e ela vai fazendo reunião com as meninas, chama a atenção, fala que vai olhar os guarda-roupa, vai lá dar uma olhada nos guarda-roupas, essas coisas, né?

P: Mas tem algum inconveniente, assim, dessa profissão? O que que é ruim, assim...?

M: É igual já te falei, né? O salário é péssimo, e assim, é... Eu acho que tem hora, conforme igual aqui em casa tem adolescente, tem hora que elas são assim... elas são carinhosas, mas tem horas que elas são muito grossas com a gente. Então, assim, tem horas que você não guenta dos filhos seus, mas você tem que agüentar, aqui você tem que agüentar, dos filhos dos outros. Tem hora que não é fácil não!

P: Oh Maria José, e quando entra uma criança que, por exemplo, seu “santo não bate com o dela?”

M: Comigo nunca aconteceu isso não.

P: Então assim, os meninos que entram você...

M: É. Eu tento... É igual e falei pra Ana Amália, a gente que é mãe social, a gente tem que abrir o coração pra todos, né? A gente não pode mostrar diferença entre um e outro...

P: Mas você não sente, não?

M: Não. Não sinto, não. A gente tem mais intimidade com uma ou com outra, mas assim, a gente não deixa transparecer... Tem umas que não dá trabalho nenhum, né? A gente fala as coisas e elas obedece, são mais carinhosa com a gente... É o jeito, né? Cada uma tem um jeito... Agora, a outra mãe social, ela mais saiu daqui foi por conta disso. Porque ela teve pobrema com uma que parece que o “santo não bateu”... E nem teve jeito. Ela tava prejudicando a abrigada. Então... quando eu cheguei a ver alguma coisa... a Ana Amália, ela falou a..a abrigada chegou pra Ana Amália e foi conversar com Ana Amália a respeito. Ai não teve jeito, não. Quiseram mudar ela de abrigo, mas ela não quis ir, sabe? Pro outro.

P: Quem? A mãe social?

M: A outra que estava aqui.

P: E você entrou no lugar dela?

M: Não, eu já tava aqui. É essa outra que entrou.

P: Ah, essa outra, quer dizer, a que estava com você?

M: É, a que estava comigo desde setembro.

P: Ela não deu certo com uma abrigada?

M: Com uma abrigada, porque ela xingava muito, ela falava nome....Punha nome, apelido, debochava... A outra vinha falar, aí xingava ela também, então juntou com a outra... a abrigada que já não gostava... E uma mãe social não pode juntar com uma abrigada pra tá atacando outra...

P: Ela é novinha?

M: Não, ela tem 42 anos, é da minha idade.

P: E... Ela entrava nas brigas?

M: Uai...Não controlava,não né? (ri)

P: Mas é muito difícil, mesmo, né, Maria José?

M: É, é difícil...

P: Não é fácil não....

M: Não é fácil não... Nossa! Tem hora, minha filha, que da vontade de você pega e... Ih! Tem hora que precisa de umas palmada... mas a gente não pode...

P: É?...?

M: Mas a gente não pode, né? Não pode bater.

P: Só pode por de castigo?

M: Por de castigo, chamar atenção, tendeu? Tipo que, tirar a .. Se gosta e televisão, tira televisão, as vezes tem uma coisa diferente na casa pra tá alimentando, a gente em vez de dá mais, a gente dá menos, a gente pode ir fazendo assim...

P: Só castigo?

M: Só castigo.É igual eu falo. Eles já sofrem muito lá fora, né? Já vem pra cá porque...

P: Tem horas que eles ficam pedindo, né?

M: Ah... Nossa Senhora! Hoje mesmo eu cheguei a plantonista tá reclamando, Maria José, do céu, os meninos estavam subindo em cima dos guarda-roupa e pulando na cama... As meninas... Então tem a Thais, a gordinha, falei, nossa, Thais, a Thais pensa em sair fora, porque é tudo uma gritaria... E se ela pensa em sair fora, ela morre, porque aí ela é um botijãozinho, de gordinha...

P: É perigoso...

M: É perigoso, e só tendo aqui fim de semana, ela tem que ficar mais quieta.

P: E a plantonista é a mesma todo final de semana?

M: Todo fim de semana é a mesma.

P: Ela é mãe social também?

M: Ela é, porque ela vem na sexta-feira a tarde, 5 hs e sai segunda-feira 8h... Hora que a gente chega...

P: E na carteira é mãe social? Todas três? Você...

M: É, eu sou mãe social, Maria Perpétua também é mãe social, e ela é plantonista.

P: Maria Perpétua é solteira?

M: É.

P: E vai no fim de semana também?

M: Toda sexta-feira a mesma coisa.

P: E como é que a Maria Perpétua escolheu essa profissão, você sabe?

M: A Maria Perpétua, eu não sei, porque ela é muito novinha, assim, sabe?

P: Como que é novinha?

M: Ela tem 21 anos..

P: Será que foi na igreja? Ela é evangélica?

M: Ela não é evangélica, não.

P: Como é que será que ela ficou sabendo?

M: Eu não sei, né? Se você quiser conversar com ela... Porque tem duas semanas só que a gente ta trabalhando juntas...

P: Ah, então depois eu posso conversar com ela?

M: Pode..

P: E me conta aqui... porque que você escolheu trabalhar com crianças? Você fez magistério? Você já gostava de trabalhar com crianças?

M: Já gostava de trabalhar com crianças.

P: Você sabe de onde veio isso?

M: (risos) Ai, ai...Ah, não sei ... (risos)Acho que é dom, mesmo, num sei... Eu sempre gostei, eu tinha, o que, eu tinha meus 15 anos, eu olhava minhas sobrinhas, sabe? Minha irmã casou muito cedo, e teve uma menina, aí eu gostava e eu ia... Ah, eu ia pra casa dela, brincava e adorava, ih...! Adoro até hoje, né? Criança.

P: Então você sempre...

M: Sempre tive...

P: Queda por criança...

M: É...

P: É... Deixa eu ver se tem mais alguma coisa aqui... É eu acho que tá... Ta bom... Então tá... Aí a Maria Perpétua pode conversar comigo?

M: Pode....

ENTREVISTA - 3

Entidade: Obreiros Mirins

Mãe Social: Maria Perpétua

DATA: 13/07/2005

P: Oh, Maria Perpétua, eu quero saber só como foi que você veio parar aqui.

M: Como? Neste aqui?

P: É. Você já trabalhou em outro?

M: Trabalhei. Trabalhei no Jardim América.

P: É casa-lar também?

M: Lar Obreiros Mirins também.

P: Obreiros Mirins também?

M: Também.

P: E como é que você foi parar lá então?

M: Lá? Que foi minha tia que arrumou. Porque a Giovanna, a ex-coordenadora que foi pra Portugal, ela conhecia minha tia que elas são discípulas evangélicas. Ai minha tia pegou e arrumou pra mim lá.

P: Você é também evangélica?

M: Não, sou católica.

P: E sua tia que é discípula?

M: Isso. Minha tia é discípula. Com a ex-coordenadora de lá. Ai ela arrumou pra mim lá. Entendeu, porque transferiu. Porque eu queria folgar domingo. Eu trabalhava de quinta a domingo lá. Folgava sexta e sábado. Ai eu queria folga domingo, pegou e transferiu pra cá.

P: E você gosta deste lugar?

M: Gosto.

P: Por que?

M: Porque, tipo, você lidar com as crianças, ficar sabendo da vida delas, entendeu?

P: Quantos anos você tem?

M: 21.

P: Você é novinha, né? Já é mãe?

M: (ri)

P: Como é que é essa historia de ser novinha e já ser mãe?

M: Não é;;; eu tipo assim, adoro! Tipo eu pensei que antes, tipo assim, quando eu entrei, a gente entra e eles faz muita gracinha pra gente. Mas a gente pega muito amor, né? Principalmente quando a gente transferiu pra cá, eu até chorei, porque eu não queria vim, não. Porque tinha 8 meses que eu tava lá. Ai agora eu vim pra cá, ai eu chorei muito porque eu não queria vim não. Mas sempre to ligando pra lá, pra saber como é que eles tão. Peguei amor demais a eles. Porque lá é menor, né? Menino menor do que esses aqui, porque aqui é quase adolescente, né?

P: E como que é pra você, assim, esses mais adolescentes?

M: Ah, normal... Até que elas são muito, tipo assim, muito curiosa, perguntam sobre bastante coisa, elas são muito curiosas mesmo... Aí, eu até que lidô com elas muito bem. Só tem trabalho mesmo com essas mais levadas, Cimara, a Jéssica, a Lu...

P: E aqui, como que é sua vida? Tem namorado?

M: Tenho namorado.

P: Você pretende casar...?

M: Ah... Por enquanto, não.

P: E ser mãe?

M: Ah, ser mãe já .. Toda mulher quer, né? Ser mãe... Apesar que eu já tenho esse tanto de filho aqui que eu adoro... Mas aí eu pretendo... É que eu adoro, né?

P: E sua família? Assim... Sua mãe, seu pai?

M: Eles até ficam satisfeitos com meu trabalho... Entendeu, tipo assim... Igual... Eu durmo aqui... Eles não tem reclamação nenhuma do meu trabalho. Porque aqui, igual , eu tenho casa, comida, salário...e posso folgar nos domingos.

P: Você gosta então?

M: Gosto. Gosto muito.

P: Já trabalhou com alguma outra coisa antes?

M: Já, já. Trabalhei na ETIMIG, de escrever, trabalhei mais foi em casa de família. E dando aula de reforço...

P: Já trabalhou desde novinha, então? Qual o primeiro emprego, quantos anos?

M: Ah novinha, né. Eu morava na casa de patroa, né, desde novinha, pra ajudar lá em casa, dormia lá e tudo. Morando lá, já ajudava em casa, né? Já olhei criança...

P: Então agora tá melhor?

M: Tá, bem melhor. Porque tipo assim, agora eles é que moram comigo...

P: Ah, então beleza, obrigada. Então pronto!

ENTREVISTA - 4

Entidade: TJ criança abriga

Mãe Social: Maria do Socorro

Data:27/07/05

P: Maria do Socorro, meu objetivo é estudar sobre o tema “Mãe social” e me interessa saber por exemplo, o que te levou a ser “Mãe social”, o que vc acha dessa profissão... enfim...

Essas coisas...

M: Olha, na verdade, eu,entrei aqui, não como mãe. Entrei como plantonista. Passou um tempo, passou três anos que já se foram, né. Três anos que estou na casa, e aí nós fizemos... eles me fizeram essa proposta de ser mãe social. É ... a gente da certo demais com as crianças, né, quer dizer, a paciência, né, ... acho que as vezes ce tem que ter um pouco de paciência...(ri), acho que é um dom também...aí então foi o que veio, sabe, eu gosto. Eu gosto disso, eu nunca tinha mexido...

P: Não?...

M: Não... Criei três filhos, né...

P: Cê é mãe de três filhos?

M: Três filhos. Meu caçula vai fazer dezoito anos ai ... eu falei gente que.., que coisa, né, então ele com quinze anos eu entrei aqui, ta dando certo, gosto dos meninos...

P: E o marido, Maria do Socorro?

M: Ah, o marido, é aquela coisa, né porque, eles me convidaram ha dois anos atrás a ser a mãe. Só que a mãe aqui, o horário... de mãe social ce sabe que é muito puxado...demais... então quer dizer, a gente é casado e tudo, ce sabe, não tem como. Ce conciliar emprego e casa né, família, então não aceitei. Falei que faria o que pudesse pela casa, mas mãe social, poderia arrumar outra. Aí que veio a Maria da Penha, né...

P: Então você ta aqui antes da Maria da Penha?

M: To, antes de Maria da Penha. Então, eles me convidaram bem antes de Maria da Penha, e eu falei assim, não pode arrumar que eu não posso. O que eu puder fazer, eu faço, mas em matéria de mãe social, não ... Ai veio essa proposta sabe, tem dois meses atrás, e veio essa proposta de ... porque eu achava assim também puxado demais pra

Maria da Penha, ce vê ficar a semana toda dia e noite na casa, acho que a pessoa, é acumulo de tudo, né, eu acho que ...é um estresse, dá um...eu acho que quinze crianças, dentro de uma casa, uma mãe social, aí a gente... eu conversei muito com a Maria da Penha, falei _O Maria da Penha, nesse sentido, de eu fazer um rodízio com você, eu aceito, porque aí já a responsabilidade fica pra duas, não vai estressar nem ela nem a mim, então a gente ta fazendo esse rodízio, sabe. De trinta e seis em trinta e seis horas, ela descansa trinta e seis, eu trabalho trinta e seis, é aquele rodízio...

P: E vocês duas estando aí há muito tempo, os meninos ...

M: É ela vai fazer em outubro também é...tres anos que tá na casa, é...então quer dizer, os funcionários ta vindo... só Regina e Karen, né que entraram em março eu acho... então é isso aí, minha filha, é assumir responsabilidade, mas eu acho que nesse ponto aí, ce dividir a responsabilidade nesse sentido com outra pessoa, ameniza bastante, sabe, aí então que a gente fez essa proposta pra eles, e eles aceitaram, ta dando certo, acho que ta mais ...ela... a gente faz tipo um relatório, o que passou no plantão dela ela deixa escrito pra mim, o que passou no meu eu deixo, sabe, então ...

P: E as outras pessoas vêm todo dia?

M: As outras vêm. Têm uma folga da cozinheira na segunda, né, que aí fica eu ou Maria da Penha se tiver na casa, a Michele tem folga no sábado, aí vem a cozinheira, dá pra conciliar...

P: Dá uma continuidade...

M: É também nem tinha como... Aqui a gente só fica assim sozinha assim com eles... é Nádia...(?) porque também tem muito voluntário sabe, que ajuda nesse sentido, então a gente tem muito voluntário aqui que ajuda na área de estudo, lazer, sabe? Então é isso aí minha filha...

P: E de noite, como que é você sozinha...

M: A noite aqui é tranquilo. A única coisa que a gente pede aqui, é assim, porque menino ce sabe que todo menino é oportunista, (P. ri) ...é.. não tem como né... isso aí, é ... todos são oportunistas, então assim, depois das 18 hs, é a hora da televisão, então quer dizer é uma hora que eles já estão relaxados, olhando pra televisão, já vai pra cama tranquilo... “_Aqui, às 20:30, cama!” (baixinho:) Aí cada um vai, pega seu pijama, vai pra cama sabe, não dá trabalho....

P: Essa é uma combinação sua e da Maria da Penha, né?

M: Tanto minha quanto da Maria da Penha, então quer dizer, agora coloca as 20:30; então quer dizer, lógico, eu não vou sair desse horário, porque é uma coisa que tem que ter uma... um costume, né? Aí então, as 20:30, tá bom... também, depois de 20:30, novela pra menino não dá certo, né é uma... e eles levantam muito cedo... então é aquele processo, a gente tenta fazer, o que uma faz, a outra faz... Não dão trabalho, em hipótese nenhuma... agora, é isso que eu to te falando, se chega uma visita aqui, às... vamos supor, 7 hs da noite, aí aaaa (imita dos meninos) aquela gritaiada, sabe, falei, gente mas quê que isso, que horror, né... Aí então, até a gente até conversou... em matéria de voluntário, e...do oportunismo, sabe, então é assim... até as 18:00hs. Porque também não é bom, né Nádia, uma criança dormir agitada assim. Aquela agitação, vai pra cama, então a gente faz o possível assim, pra eles relaxarem. Tem dia que a gente até liga uma musiquinha pra eles relaxarem, o dia que a gente vê que foi tumultuado o dia, aí, então eles...

P: Maria do Socorro, e que problemas você tem aqui? Ou com os meninos, ou com a estrutura...

M: Óh, aqui, pra te falar a verdade, a gente trabalha aqui, tipo equipe, um ajuda o outro, qualquer problema com um menino, então quer dizer, a gente pede opinião de Karen, pede opinião mesmo da cozinheira aqui, a gente fala “- o quê que você acha?” ce entendeu? Aqui eles não dão esse PROBLEMA, problema... igual ce viu... ele tá pensando (se referindo a um menino que estava no quarto); fez coisa errada, então pensa, pensa, porque o Pedro, ou o Marlon, uma criança com 5 anos, ela já sabe assim, tudo que ela faz de errado, e aí ela tem que pensar naquilo. Mas aqui a gente trabalha em equipe, qualquer problema que a gente tem aqui, é raro, a gente não tem ...

P: Como é que você veio parar aqui, Maria do Socorro?

M: Oh...

P: Antes, você trabalhava com o que?

M: Eu já fui auxiliar de escritório, eu já fui (ri)...já fui tanta coisa, então por isso que eu to te falando eu não imaginava...então assim, meus filhos, eu os criei muito bem, graças a Deus, não tenho nada a queixar de nenhum, estão todos formados, o caçula vai formar agora esse ano, então quer dizer, é uma coisa... eu falei assim, eu vou tentar... ce entendeu? Aquela coisa, eu posso tentar. Eu falei com o Itamar, porque eu conhecia o Itamar antes disso acontecer, aí ele me deu uma ficha, pra ser preenchida aqui pra esse...

aí eu falei assim, vou tentar. Aí no início eu falei assim, gente, que horror, era uma coisa (ri) era uma coisa assim que.... eu falei gente, mas não é possível, será que o menino vai...

P: Ô Maria do Socorro, mas a gente assusta mesmo com essas coisas...

M: Não, mas esses meninos Nádia, eram uma coisa assim assombrosa, não sei de onde que eles...(ri) eles quebravam tudo, aí eu pensei assim, “não dá gente, uma criança não vai dominar a gente, não tem isso” Aí fui com paciência, igual aquelas, aqueles diamante, né vai lapidando, lapidando, até ficar... né, virar uma jóia.

P: E o que que te levou a ter essa paciência com eles, porque...

M: A não sei menina, eu não sei te dizer...(???) O Nádia eu não tinha nada a ver aqui... mas eu que tive, falei o gente, se eu criei três... mas aí eu olhava, tinha dia que eu sentava aqui, “quero mais”, era os mais... eles foram adotados Nádia, Carol, Pablo... Bruna, até a Bruna que era uma menina de cinco anos pra seis anos, aí depois de passar assim uns tres meses, a coisa já foi melhorando e tudo, então, igual eu falo, aqui, se sai um, é igual a Carol saiu, era uma coisa... eles tem os defeitos deles, Nádia, todos eles tem defeitos, mas eles tem muita qualidade,sabe, todos eles são carinhosos, isso aqui à noite, ce precisa de ver, ce senta aqui, porque essa aqui, eu falo “Pode sair da minha cadeira” aí eles saem pra lá, aí já vem tudo querendo fazer massagem no meu pé, querendo pentear cabelo, então é uma coisa, é uma coisa que é gratificante nesse sentido, aí então acho que a gente vai percebendo é isso, sabe, que ce ta fazendo uma coisa útil,uma coisa boa, que a gente também vê a vida que eles passaram, porque todos relatórios que chegam aqui, a gente vai ler, então vê quê que passou, tudo, aí então a gente ali, parece que é uma coisa que vai te dando ali naquela hora, que vai te dando, sabe, força pra você seguir...

P: Ce é religiosa?

M: Sou... eu sou católica, mas não praticante, né, porque eu vou ser sincera que eu não tenho nem tempo de ir... de ficar, o tempo que eu... é lógico, faço minhas orações e tudo, é... uma coisa que aconteceu. Eu gosto, gosto muito, gosto deles, na hora de reprimir eu vou reprimir como se fosse filho meu, sabe, aí então,... dou conselho, é interessante! Parece que eles sentem na gente assim, uma pessoa de confiança. E somos todas nós, por isso que eu to te falando, é muito importante trabalhar em equipe, ce perguntar fulano cicrano, beltrano, juntar tudo ali, procê trabalhar acho que fica melhor.

A casa eu acho que ficou bem melhor se trabalhar assim: em equipe. A gente batalhou, batalhou, até conseguir isso, sabe.

P: Ah então foi uma batalha de vocês, né?

M: Nossa.

P: Vocês tinham uma idéia de que funcionaria melhor assim.

M: Trabalhando em equipe. Todos nós participamos. A cozinheira... tem, por exemplo, a cozinheira, coincide dela ficar... Tem que levar no médico, sabe, é nesse sentido, ela vai ter que assumir a responsabilidade, então quer dizer eles vão ter que respeitar ela da mesma forma que me respeita, respeita a Karen, ce entendeu? Porque coincide ...

P: E com relação ao afeto? Porque, por exemplo, numa casa normal, pode acontecer assim, a mãe sai, a empregada, que é uma pessoa de confiança da mãe assume, mas...

M: Aqui também, por exemplo, a monitora ela vem, coincide, é por isso que eu to te falando, ela vem de segunda a sexta, folga sábado e domingo, então coincide, vai coincidir...já coincidiu de ficar sozinha porque, tanto a monitora também já ficou sozinha, quer dizer, eles respeitam demais ela, é uma coisa, que vou te falar...aí então é muito importante eu acho, o trabalho em equipe, porque eles tem que saber, ta nessa casa aqui, não é questão doce levantar a mão, dar uma chinelada não é, a gente não tem necessidade, deles saberem, vão lá, se faz uma coisa, “-desculpa tia”, igual eles fazem com a Regina... então é uma coisa assim...

P: Eles chamam de tia todo mundo?

M: Tia. E tem hora que chama de mãe. Ai eu falo assim: -“Não sou sua mãe”. Né, a gente tem que por, eu não sou mesmo! Tanto a Maria da Penha também... a gente tenta dar o amor, que eles... que não tem a mãe pra dar, mas, lembrando eles que a gente não é a mãe. Que a gente também é a referência, mas também não pode ser tanto assim também não, né Nádia, eu acho que a gente dá o que eles precisam, nem tanto também, mas pelo menos ameniza um pouquinho, mas, mãe não. Mãe, isso aí a gente não deixa não. A Lorraine, a Janaína, tanto que eles me chamam de Socorrinho, aí vem, mamãezinha, aí eu: “Não sou mamãezinha”! Aí elas conseguem chamar de Socorrinho. Sabe, elas me chamam, as pequenas, até os maiores tão me chamando de Socorrinho também. Aí é uma coisa muito gratificante, sabe Nádia, nesse sentido, gostei, acho que dá uma coisa, se eu, se eu parar agora, vou sentir falta, sabe, é muito gratificante, eu gostei, foi uma experiência muito boa, ce vê três anos, já foi uma experiência maravilhosa que eu tive.

P: Maravilhosa em que sentido?

M: Ué, em todos... Ó o retorno assim, geralmente quando ce sai na rua, ce vê aquele tanto de menino, da vontade de sair catando... ce já viu? Outro dia, eu fui, fui no hospital Felício Rocho, ali debaixo daquela coisa da passarela, ô gente mas eu olhei, os menininho tudo peladinho, sabe, até deixei um dinheiro lá pra eles comprar, se precisar de leite, mas a gente sabe que eles não usam isso pro leite, ce entendeu como que é? Mas aquela coisa de consciência, né...

P: Ce sempre foi assim, ligada nessa coisa social, ou não?

M: Não.

P: Foi na medida que você veio pra cá, que você...

M: Não, ce fala em que sentido? Assim, deu gostar...

P: É... ligada nessas coisas sociais de...

M: Oh, toda vida, vou te falar uma coisa, eu sempre visitei muito hospital, cê entendeu? Aquela Baleia ali já fui várias vezes, Mario Pena, já fui muitas visitas, sabe, independente de eu não ter ninguém conhecido, eu acho que é importante...

P: Mas ce ia lá pra que?

M: Eu ia pra ... pra ir... pra visitar...

P: Pra visitar o povo?

M: Eu tinha uma pessoa, que ela morava aqui em Belo Horizonte, ela mudou. Então geralmente a gente saia, no domingo, quando a visita na Santa casa, acho que era na quinta feira, a gente saia... eu acho assim Nádia, quer dizer, tudo! Não é só coisa boa não, esses hospitais que ce chega, ce vai, visita um apartamento, ce sabe que a pessoa tá ali no apartamento, a pessoa tem que acreditar muito, essa área de SUS, a doença mesmo, a doença mesmo um câncer... uma aids...

P: Mas o quê que ce ia fazer lá?

M: Ah, eu ia lá... eu não sei porque.. eu não sei se você já passou por essa experiência; eu gostava, ce entendeu? É como diz o outro, “o coração tem razões que a razão desconhece”, ce já ouviu?

P: Ce não tinha parentes, lá...

M: Coincidiu do meu tio, ter um câncer há uns vinte anos atrás. Aí ele foi lá na, na... Internado na Santa Casa, aí menina, durante o período que eu tava dentro do hospital visitando, um pedia uma coisa, outro pedia outra coisa, pra ajudar, aí então foi essa

coisa, foi esse processo... aí eu passei a ... meu irmão uma vez, meu filho fez uma vez uma cirurgia na Baleia, e foi o mesmo processo. Ala de Aids: a ala de Aids é uma coisa tão assim, que ce olha, a pessoa, na hora que ela vê uma pessoa pra visitar, ela fica naquela...

Ce entendeu? Porque não é sempre ... o câncer também terminal, a hora que ce chega ali, eles mudam a fisionomia do rosto... agora que eu não tenho tempo, sabe, eu não tenho tempo...

(Criança pede pra olhar machucado ela dá um beijo, brinca dizendo que vai sair as tripas.)

M: É... mas aí é assim... abrandando muito o coração da gente, sabe, a gente vê que a gente tá bem, aí vem aquele processo sabe, a gente ia toda quinta e domingo fazer as visitas. Aí que(?) a gente gostava de ver, né, aumentar a auto estima de uma pessoa é bom demais, Nádía. Aí é a troca, ne, não tem nada a ver. Se uma criança chega aqui, hoje... chega aqui é daquele jeito, então quer dizer, a tendência da gente é aumentar a auto estima dela, né? Aí então é isso aí que eu to te falando, a gente tem que tentar, não é só de criança não, adulto também, toda vida eu gostei disso, e...a gente faz o possível aqui pra... pra dar um pouquinho do que faltou pra eles e amenizar um pouquinho a vida sofrida deles, porque todos eles, todos eles passaram por uma vida, que eu vou te falar...

P: E a sua vida, como foi, você recebeu isso tudo?

M: Eu acho que é gratificante demais...

P: Não, não, eu falo na sua infância, se você recebeu tudo isso...

M: Demais. Demais.... minha mãe, ficou viúva, meu pai morreu eu tinha três anos de idade, tinha mais um além de mim e um caçula de três meses quando meu pai morreu. Minha mãe criou, proce ter base que foi tão bom, olha proce ver, gente foi tão bom pra mim. Minha mãe tinha nós de filhos, e ela adotou mais um...

P: Ah, então é de família, né...

M: Ela adotou mais um e ele ta agora com ele fez semana passada, até liguei pra ele, dia 18, trinta e dois anos.

P: Sua mãe é viva ainda?

M: É. Aí então, nossa, recebi demais, não tive pai, e é por isso que eu falo, Nádía, a responsabilidade das mães hoje, eu fico olhando, não troco meus filhos por nada, por

nada, meus filhos hoje tão já tudo criado, eu não tenho coragem de viajar e deixar um pra trás.

P: São solteiros, os três?

M: São. Um formou agora pra P.M., e.. é até interessante, o da PM, ele sabe, se ele sair, eu não durmo, fico preocupada enquanto não chega, aí eu telefono, sabe, aí então, graças a Deus, minha infância foi maravilhosa...

P: E seu marido, com o fato de você estar dormindo aqui...

M: Não, mas eu durmo aqui... eu fico mais do que a Maria da Penha, porque, oh, eu entrei aqui hoje de manhã, eu passo uma noite e dois dias, a Maria da Penha passa duas noites e um dia. Ce entendeu, até nisso nós...a gente conseguiu... ai eu fico, mas ele também, a gente mora aqui perto, toda hora eu vejo meu marido ou meus filhos, é aqui perto, então ta fácil... então, minha filha, ele também gosta muito deles, todos eles... minha filha vem aqui, adora eles, sabe, então é uma coisa que...eu acho que deu pra família toda aprovar...

P: Ce pensa alguma coisa que podia ser modificada na casa... o que podia vocês conseguiram, né...

M: E também, é... o que podia ser modificado? Todos eles arrumarem uma família...Cê entendeu? E ter a chance de mais esses que tão na rua...

P: E como que é pra você quando um menino vai embora?

M: Ah, é horrível...

P: Eles voltam aqui?

M: Oh retorna ou mesmo a noite, Alexandra liga, sabe, converso com ela no telefone, ou mesmo a Carol que ta na...

P: Alexandra ta bem, agora?

M: Ta ótima.

P: Arrumou uma família legal?

M:Ta com a Ana, que é uma pessoa maravilhosa, sabe, agora parece que... Graças a Deus...

P: Maria do Socorro, você veio trabalhar aqui por causa desses meninos?

M: Ô Nádía, eu nem imaginava, nem imaginava...

P: Você veio então, pelo emprego...

M: Eu vim pelo emprego e queria ter uma experiência assim diferente, passar por uma coisa diferente, aí gostei. E to aí.

P: Hum...

M: É uma coisa, eu nunca imaginei assim, mas, quer dizer, é um desafio, assim... Ce passa na rua, ce fala assim, ce teve a chance de cuidar de um que tava aqui, isso é bom demais! Isso é ótimo... Ce teve a chance de, quem tinha que cuidar não cuidou, ce teve a chance de cuidar... E no inverno?! Eu imagino isso aí, à noite ce deita, Nádia, ce imaginar aquele frio, tanta criança na rua... eu acho que se eu fosse uma pessoa que eu tivesse condições, sabe, acho que eu, catava tudo... Porque tinha que ta na mão do governo, sabe, porque o governo, ele não precisava disso não, eles põem eles aí ó... não tem controle de natalidade... é uma coisa que devia ter no Brasil, aqui, ó, tem uma aqui, ce conheceu a Vitória? A mãe da Vitória, ela tem, depois dos meninos terem vindo, é a que foi adotada essa semana passada, depois que as crianças vieram a (?)... o Tomás, grávida! Ta vindo aqui visitar... pelo amor de Deus! Isso aí tinha que ter um controle... Uma pessoa assim, nesse sentido, de eles terem um acompanhamento de família, e ... (chega a filha da Maria do Socorro e dá os parabéns. É o aniversário dela)

M: Mas... tinha que ter assim uma ajuda, o governo tinha possibilidade disso, tinha possibilidade de ajudar, de... tem muita criança aí que eu vou te contar...

P: Maria do Socorro e o salário, presta?

M: Olha Nádia, o salário, eu tenho um pensamento assim... não existe o dinheiro que pague; O salário aqui, a gente não ganha muito bem não, sabe, se fosse só pelo o dinheiro... é por isso que eu to te falando, sabe, onde que eu quero chegar? Porque dinheiro nenhum, eu acho que num... Não é o dinheiro, cê entendeu? Ce pode ganhar bem, mas a responsabilidade.... Mas eu acho que instituição é isso mesmo... é... a dificuldade aqui também é maior, porque vive de doação, né, tudo aqui é de doação... são várias instituições que tem, eu nunca tive oportunidade de conhecer outra, sabe... é isso...

FIM

ENTREVISTA - 5

Lar TJ Abriga

Mãe Social: Maria da Penha

Data 24/08/2005

P: Ô Maria da Penha a pesquisa é pra saber isso que você já sabe mais ou menos, é só pra você me contar ne, primeiro como você chegou aqui, o quê que você veio fazer aqui, porque que você veio, é isso basicamente que eu quero saber, a sua história aqui.

M: Olha, eu quero esclarecer que aqui já é o final da minha história, porque eu já trabalhei antes em outras instituições também. Eu comecei essa história em 1997, primeiro foi por motivo de desemprego, eu trabalhei em área administrativa, trabalhei em escritório, trabalhei no setor de compras, só mexia com papel. Eu era mãe, tinha filhos pequenos naquela época, trabalhava o dia todo, não tinha tempo para cuidar deles, porque eu tinha que sustenta-los ne. Então ai numa crise de desemprego...

P: Você era casada?

M: Eu fui casada, separei com filhos pequenos e eu fui cuidar da minha vida e da deles, porque foi minha finalidade de vida ne. Nisso assim muito desemprego, na realidade eu nem sabia que existia o grupo.

P: É uma profissão super nova, por isso que estou fazendo pesquisa sobre ela.

M: É super nova mercado, foi em 1996 para 1997, a última empresa que eu trabalhei num abrigo, mas só mexia com adulto ne. Ai eu mudei de emprego mesmo eu vi no jornal precisa-se de Mãe Social, ai eu falei o quê que é isso ne, eu sabia que estava relacionado com mexer com criança ne, ai que eu fui para a instituição onde eu trabalhei em 96 para 97 ne.

P: Qual que foi?

M: A cidade dos meninos de São Vicente de Paula em Ribeirão das Neves. Ai que eu comecei com adolescentes, que eu fui conhecer internato, ficava lá a semana toda, só ia pra casa nos finais de semana.

P: Os meninos? Ou você?

M: Nós e os meninos. A gente morava numa casa lá com 16 meninos e a mãe social. E lá era tudo comunitário, almoço e janta café e lanche, tudo comunitário, a gente usava a casa só mesmo para dormir, ou para descansar, pra ensinar alguma coisa assim e lá eu fiquei 2 anos e 6 meses mais ou menos ne.

P: E os seus meninos Maria da Penha?

M: Não os meus meninos eu tinha quem olhava, quem cuidava pra mim, o meu menino pequeno ia comigo e a minha outra menina...

P: Quantos anos ele tinha?

M: Na época ele tinha 8 anos.

P: Então ele ia com você?

M: Ele ia comigo um pouco, às vezes ele ficava com a minha família, eu sempre tive muito apoio de família pra trabalhar, eu sempre fui muito feliz, aliás, eu só muito feliz nesse lado de família, eu sou muito realizada com essa coisa de família sabe. Eu tenho uma base muito boa, por isso que eu tive muita força, aí minha menina já tinha seus 14 anos, ela já assim, minha família ajudava a olhar, mas só que lá eu fiquei um tempo interno e por eles para não ficar muito tempo fora eu comecei a pegar o semi-internato que eu pegava assim 06:00 horas da manhã e largava às 06:00 horas da tarde. Ai eu ia e voltava todos os dias, ia lá em casa a noite cuidava das coisas e de manhã ia trabalhar.

P: Você ficou quanto tempo no internato?

M: Eu fiquei, por exemplo, uns 8 meses no internato e o restante eu fiquei no semi-internato, para compensar um pouco ne, porque a gente sabe da necessidade que a gente tem dentro de casa. Mas graças a Deus eu fui feliz assim mesmo, ai foi passando o tempo, depois eu fui trabalhar, trabalhei lá, depois eu trabalhei ai eu gostei, eu achei interessante mexer, não ser mãe deles, porque eu nunca fui, nem só nunca. Mas lá eu tive afilhados, batizei, eu crismei a gente tem um contato diferente, a gente vê assim tanto adolescente que podia ta melhor né, a gente dá valor a vida da gente, dá valor aos filhos da gente, a família da gente, a gente aprendi muito com isso, da muito trabalho. Mas é um trabalho que você vê nem tem na sua família, não tem na sua família, ai você vê a diferença das coisas. Ai eu fiz, ai através de um amigo ele me chamou pra fazer um trabalho de mãe social na aldeia em Juiz de Fora, nas aldeias que são casas, um centro fechado, um condomínio fechado, que é aldeia mesmo, casas lares, crianças, lá eu também fiquei, fiz estágio né, para ver como é que é né, e trabalhei nas casas lares

também, lá eu trabalhei em diversas casas lares, não era uma casa só não, trabalhei em diversas casas lares.

P: Era rodízio assim?

M: Era rodízio cada semana você tava numa casa, se trocava, porque você tinha que aprender como era uma casa, como era a outra, que era de 0 a 18 anos.

P: A casa era por idade?

M: Era por idade, às vezes eles colocavam uma criança de 3 anos e outra de 15 anos, porque a de 15 ajudava a olhar, isso ajudava demais. A casa de 16 e 17 ajudava a cuidar da casa, então mistura muito para poder ajudar a gente né, e lá os adolescentes de 14 anos eles tinham a casa de jovens, eles saíam da aldeia e iam para casa de jovens. Então cada lugar, eu conheci tinha um jeito de administrar a coisa né. Ai foi passando o tempo eu...

P: Nessa época foram você e seus meninos?

M: Não nessa época não, não foram, ficaram aqui na casa, porque eu moro a minha família mora no fundo num espaço. Nessa época foi um ano que eu passei fora, eu vinha pra casa assim de 15 em 15 dias, mas eu sempre tava em casa. Às vezes assim tinha férias ai o meu menino passava as férias comigo lá, a minha menina ia passar férias comigo, chegou uma época que a gente pensou até em ir morar lá. Mas eu vinha para cá, minha vida era aqui, acho que isso eu ia fazer em qualquer lugar. Ai quando eu vim embora para cá, eu vim mesmo por causa do meu filho, porque eu achei que meu filho estava começando a ficar assim, já querendo ficar lá comigo, e eles sempre vieram em primeiro lugar, eu agüentava, mas os meus filhos sempre tiveram o lugar deles e eu nunca deixei ninguém invadir não. Ai foi que eu vim embora para Belo Horizonte eu vim com a intenção de dar um tempo sabe, porque a gente cansa muito, a gente desgasta demais. E se sabe o quê que é casa de criança de 0 ano, vamos dizer de 1 mês, 2 meses de idade. Ai quando eu vim, por acaso um dia aconteceu, dois meses que eu vim de Juiz de Fora, eu to aqui.

P: Mas aí ficaram sabendo, como é que foi?

M: Aqui, aqui também eu vi um anúncio no jornal.

P: Ah no jornal, ai você já tinha experiência?

M: Aí eu já tinha experiência, eu vim até achando que não ia ser tão fácil. Cheguei aqui, passei por uma entrevista alguma coisa, e fui embora, passou alguns dias e eles

chamaram pra trabalhar aqui. Falaram que eu tinha experiência que isso era bom. Aí eu vim trabalhar aqui em regime de 24 horas, quando eu vim pra cá eu trabalhava 24 horas, eu ia embora domingo de manhã, segunda feira 07:00 da manhã eu tava aqui de volta. Ai quando eu vi assim que eu ia esgotar, qual foi o meu pensamento, eu pensei em mim, eu falei bom eu vou chegar e conversar. Eu não gosto muito de largar trabalho, eu gosto de adquirir um tempo bom, uma experiência boa, ver como é que é isso assim todo mundo gosta né. Ai eu conversei e eles foram super legais o pessoal daqui, nesse ponto, tranquilo sabe, graças a Deus, a gente procura demonstrar muita confiança pra eles, porque parece que eles têm muita com a gente, e ai eles te liberam 12 horas, eu ia para casa domingo de manhã e voltava nesse meio tempo meu menino tava com 18 anos, minha menina com 24 anos, minha menina até casou. Eu já sou até avó.

P: É mesmo, que chique.

M: Falando sério, hoje eu tenho tempo, meu menino de 18 anos ta trabalhado é independente, minha menina já casou.

P: Agora tá tudo tranquilo?

M: Agora não, agora tem os neto, fica pior ainda. Mas tudo bem, eles tem tudo que precisa tem mãe, pai, avó, bisavó, ta com a família toda, e eu também agora estou todo dia lá né. Então nesse meio tempo minha carga horária foi diminuindo, depois de 2 anos e 8 meses agora é que eles me deram 36 horas de plantão, trabalho 36 e vou embora. E por isso que eu to aqui e aqui é um trabalho bom, porque eu to aqui desde que os meninos chegaram, quer dizer eu peguei a primeira turma, eu fui a primeira mãe social que entrou aqui né. Então eu peguei essa primeira turma, agora só tem dois meninos dessa primeira turma que eu peguei o resto tudo passou por mim, vai embora, volta, vem visitar. Quer dizer chega num ponto que fica até interessante, olha para trás é vê assim tanta gente que passou pelo seu caminho, porque assim teve meninos que eu vou falar para você, não foi fácil não, mas tem uns que ficou assim na história, na lembrança da gente.

P: E eles voltam pra te visitar?

M: Volta, telefona nossa sempre. Tanto que te um que ta aqui até hoje, sempre vem e trás uma carta pra mim, acho engraçado.

P: Quem é?

M: A Rafaela, a Rafaela liga pra cá sempre fala com a gente, a Carolina tá na Itália liga lá da Itália pra falar com a gente, Alexandra mora em Santa Tereza então tá sempre aqui, ta sempre aqui, liga pra mim e tudo. Fora família, que aqui tem família de quatro irmãos, saiu três, também tão sempre ligando, eles sempre ligam pra gente, não esquece não. São meninos até, acho que pelo fato de tá lá fora, que é meio difícil, pelo social. Hoje trabalho assim, não por desemprego, mas por uma questão de costume também sabe, gosto muito deles, gosto quero ver eles bem na vida com a família, com gente por eles entendeu, porque realmente adotar nenhum deles eu posso. Mas ter alguém que faça isso por nós ne, porque nós estamos aqui pra isso né Mas hoje não é tanto por desemprego né, hoje foi mesmo por gostar mesmo.

P: Por profissão?

M: É por profissão, mas sem apego, eu quero deixar bem claro eu não tenho nenhum apego. Se chegar assim e falar comigo assim, seu trabalho, se você for embora, ce vai embora, não num vou não, eu acho assim sem apego, é difícil mas num vô não. Às vezes acontece como com a Ana Carolina, quando ele foi embora a casa ficou ruim, mas ela ta bem, isso a gente consegue fazer.

P: Ela foi pra Itália? Foi pra longe né?

M: É ela foi, mas ela sempre liga pra gente, também quando ela chegou aqui, ela chegou aqui com 7 e saiu com 10 né, praticamente nessa faixa de idade. Mas assim, apego, assim eu gosto muito deles, mas eu vou provar que eu gosto muito mais se eu quiser vê-los numa família, num lugar onde eles possam ter um futuro. Tem aquele dia a dia que eu tenho na minha casa, que eu ofereço minha família entendeu, mas o negócio é pura ai, da pra você entender né.

P: Dá legal né. Então a escolha de mãe social, mesmo que você viu no jornal, porque mesmo por falta de emprego, você deve ter visto muito anuncio né?

M: De emprego né, é eu não sei, olha vê se eu volto lá atrás e lembro, na verdade naquela época o desemprego como hoje tava muito difícil para nós, você podia ter toda experiência, mas eles sempre exigiam alguma coisa que você não tinha, numa menina de 20 anos, aquelas coisas de sempre... embora eu nunca entrei para essas coisas não. Mas eu sempre procurei fazer, também trabalhei em abrigo, acho que mexer com esse povo.

OBS.: Telefone tocou.

P: Essa coisa da escolha, você falou que trabalhou em abrigo.

M: Antes eu trabalhei num abrigo onde mexia com gente de viagem né, pessoal que vinha do interior, não tinha onde ficar o serviço social da rodoviária encaminhava pros abrigos, tinha os abrigos do pessoal da saúde e desempregado também. Então a gente trabalhava, fazia triagem, conversava, via qual era o caso, se era caso de ficar no abrigo.

P: Esse abrigo era o que, era da prefeitura?

M: Não, era abrigo da Sociedade São Vicente de Paula, que era sustentado pela assistência..... Social, era um convênio, só que ai acabo tudo assim, tudo que depende de um órgão público acaba, e era muito bom, pessoal da saúde vinha de fora, não tinha parente ficava lá, pessoal da oftalmologia, mexia com a saúde do cérebro, fazia exame de vista.

P: E como é que você foi parar nesse abrigo?

M: Eu tinha um primo que fazia parte da diretoria, quando eu ganhei tive menino e fiquei em casa dois anos, porque eu não tinha como trabalhar porque ele nasceu de 8 meses e tinha um sério problema de bronquite e eu tive que cuidar da saúde dele. Depois desse tempo que eu fiquei em casa, eu fiz contato atrás dele. Ai sim, até então eu trabalhava na área hospitalar na área burocrática, trabalhei até sair de licença de maternidade na área burocrática.

P: Só papel?

M: Só papel, só papel não tinha nada haver. Depois dessa época foi desse outro jeito, trabalhei com abrigo, mexer com mendigo, saia de madrugada para levar mendigo pra tomar banho, de noite na época de frio eles corriam não queria tomar banho, tinham medo de água, tempo de frio né

P: Isso porque seu primo trabalhava lá e ele.

M: Ele trabalhava na parte de diretoria, ai ele conseguiu a vaga, lógico que ele não me colocou lá sem ter a vaga, eu fui lá conversei, esperei e fui chamada e fiquei lá acho que foi uns 6 anos.

P: Nossa. E gostava?

M: Gostava.

P: Nossa, é mesmo? Porque é uma trabalhadeira também né?

M: Lá eu trabalhava de plantão né, não primeiro eu trabalhei todos os dias, porque eu trabalhei na triagem, trabalhei na tesouraria, assim sabe, eu sempre trabalhei em muitas

atividades, eu tenho uma experiência enorme, se me perguntar nessa área burocrática eu tenho uma experiência enorme, também né, mas também tem mais, eu acho que eu faço tudo.

P: E o quê que você mais gostou de fazer na sua vida até hoje?

M: O que eu mais gostei de fazer na minha vida até hoje, eu acho que é trabalhar, eu adoro trabalhar sabe, eu acho que o trabalho faz você recuperar tudo aquilo que você perdeu recuperar sua auto estima, recuperar sua família, sabe ele faz, você tem tudo o que você quer não assim, você diverte melhor trabalhando, o pouco tempo que você tem você aproveita melhor, agora você pergunta o que eu mais gostei.

P: Dentro do trabalho o que você mais gostou?

M: O que eu mais gostei de fazer assim dentro do trabalho, assim na área social, eu gosto muito da área social, gosto demais de mexer com o povo, com essas pessoas assim, eu me sinto muito melhor, mexer com gente, trabalhar com gente assim. Eu gosto muito do papel sabe, mas assim, porque ele se você largar não faz diferença nenhuma, e mexer com gente se você largar você pensa no convívio, mesmo você sendo remunerado, tendo um salário, o salário não compensa. Eu não trabalho por conta do salário por que não compensa, não compensa mesmo. Não pergunta se o que eu ganho aqui é bom, porque não é, mas é o que eles podem pagar, porque o trabalho que a gente tem aqui, não tem dinheiro que pague não, ainda mais depois que você pega assim uma certa rotina, eu sinto muito, você não tanto trabalho mais, você já passa a pegar tudo, eu não eu já lido aqui normal, como se tivesse dentro da minha casa, já sei como é que é, já sei o que é que eu faço, sabe. Graças a Deus o pessoal aqui é todo mundo bom, são ótimas pra trabalhar, as pessoas que trabalham aqui, respeitam muito a gente, a gente procura assim ter um nível para trabalhar, de gente né, lidar com gente tudo. Porque se você não lidar com seus colegas de trabalho, então você não serve com poucas pessoas.

P: Mas às vezes é difícil né, porque tem lugar que não é fácil.

M: É, mas você sabe que às vezes você tem que fingir de surdo e cego muitas vezes pra você viver, em todo o lugar que você vai né. Porque se você for levar tudo ao pé da letra você se desentende com todo mundo, você briga com todo mundo e eu acho que não é por aí não sabe. Eu acho que a gente tem que deixar para lá de vez em quando, tá legal, tá bom, não é assim não, eu concordo e melhor tática se um dia você vê que seu colega não tá legal, deixa para lá, deixa reclamar, tem dia que eu também não tô, eu tô lá com

os meus probleminhas né, mas eu, assim, por exemplo, a gente tem três pessoas que tem muito tempo aqui, nunca deu problema. Que sou eu, a Maria do Socorro a Michele no mesmo turno.

P: Agora a Maria do Socorro virou mãe social tem pouco tempo né?

M: tem acho que é 2 meses.

P: É tem 2 meses. E como é que foi isso para você assim?

M: Por ele ser mãe social também?

P: É.

M: A responsabilidade é a mesma, eu não acho que ela me atrapalhou em nada, pra mim foi legal porque a minha carga horária me ajudou muito, sabe o fato de estar folgando 36 horas da pra mim resolver minhas coisas, de resolver outras coisas, porque eu também tenho meus problemas, minhas dificuldades, meu dia a dia que eu precisava ficar em casa. E ela ser mãe social, porque na realidade aqui a gente não é mãe a gente é educadora, a gente tá aqui para cuidar deles, fazer tudo por eles, então o fato dela fazer também, eu já trabalhei com 10, 15 mãe social.

P: na aldeia né?

M: Na cidade dos meninos que vê quantas mães sociais, a minha casa era nº. 44, na época era umas 60, em cada casa tinha uma mãe social, quer dizer, lá na aldeia eram 10 mães sociais e 10 mães substitutas, cá uma substituía, então quer dizer eu já trabalhei com tantas, você tem que dividir seu trabalho, você tem que quer ser amiga da pessoa, se tem que ter uma afinidade, e procurar pensar melhor, assim respeitar o que ela quer. Por exemplo, se ela acha que isso tá bom aqui e eu acho que para mim não vai fazer diferença, então deixa aí que tem. Eu acho que ela tá certa deixo aí. É uma idéia legal, foi uma idéia boa, não prejudicou, então deixa, você tem que saber viver, seu dia a dia, até acho legal, porque com a gente não tem disso não, às vezes a Maria do Socorro faz o que você quiser, porque a gente tem amizade com o pessoal, a Maria do Socorro é muito amiga da gente, ela não tem dessas coisas não. Uma que ela não dá trégua pra ninguém ser implicante com ela e nem eu do trégua, porque a gente conhece uma a outra né, se torna uma coisa comum. Mas eu acho bom trabalhar com outra mãe social, eu acho que em todo lugar tinha que trabalhar de duas.

P: É você acha?

M: Eu acho que uma sobrecarrega demais.

P: Porque tem casa que tem duas ao mesmo tempo, tem casa que é igual a vocês de revezamento, tem casa que tem uma só?

M: Tem casa que tem uma mãe só, aqui era só uma, mas eu acho que sobrecarrega demais uma só, eu acho que você precisa de alguém pra dividir com você o trabalho, não é que você queira ela feito quando você chega não, pelo menos você sabe que fez aqueles, mas têm outros pra fazer, é muito importante você dividir com alguém. Com relação a 14 crianças, gente são 14 armários, são 14 meninos, são 14, então assim, se você dividir um pouquinho com ele e tem outra coisa quanto mais você relaxa, quanto mais você descansa, mais conselho você participa com eles, se você deixar todo dia no dia a dia todo dia sobrecarregar, você acaba atrapalhando o seu relacionamento com eles, o trabalho acontece, você não pode, você tem que evitar ficar nervosa, ficar xingando eles a toa, porque eles aprontam, tanto que tem hora que fala então tá bom deixa pra lá. Eu acho que a mãe social tem que ser duas, mas eu sempre fui dessa opinião aqui, mas eu acho que tá legal, tá bom, mas agora tem que trabalhar, você tem que viver com todo mundo. A Maria do Socorro não dá motivo, muito pelo contrário é a primeira vez que ela é mãe social parece que ela está gostando, parece que ela tá querendo né, empenhando, porque não é uma coisa difícil né, ela folgou ontem à noite, folga hoje e pega amanhã e eu já saio amanhã, folgo um dia e no outro dia à noite eu to aqui.

P: E, por exemplo, com os meninos? Você teve apego com a Carol ou você se apegou mais?

M: É mais é um apego assim, porque acho que ela me deu muito trabalho.

P: Você teve que investir muito nela né?

M: Nós investimos muito na Carolina, quando a Carolina veio para cá ela veio da FEBEN, na hora que ela saiu ninguém queria que ela saísse mais, mas eu acho que é o costume, mas assim todos aqueles que saem à gente senti falta. Tem umas situações interessantes, por exemplo, tá lá em cima da cama da Bruna, até que vem outro e ocupa a cama aí vai tá na cama da Janaína, vai. Mas aquilo ali vai ficando, o jeito da gente falar né, nossa tá ficando igual fulano, a gente sempre faz essas coisas por aqui, no você lembra como é que é, mas a gente sempre lembra muito deles.

P: E, por exemplo, e o contrário? Tem menino que o Santo não bate aquele menino que provoca demais?

M: Esse menino já teve aqui, mas ou menos difícil, mas sabe o quê que é eu acho que, é igual quando você brigar com seu filho, você briga com ele, mas no outro dia você não ta nem ai mais, você acha que ele é uma criança, se briga com ele como se fosse mãe dele, mas quando vai embora, você se preocupa do mesmo jeito, se ele ta bem ne. Porque aqui já aconteceu dos meninos serem levados, ir embora, mas quando vai embora você se preocupa né.

P: Mas tem menino que provoca né?

M: Não tem menino que provoca, te tira do sério mesmo, te ofendi moralmente, te ofendi com palavra, coisa que seu filho nunca iria fazer, mas ai você vai lá atrás vê a história dele, a gente vê um pouco o lado dele, porque ele deve ter no sangue muita coisa que a gente não conhece, a gente xinga ele sim, coloca de castigo sim, bate de frente com ele sim, ofendi com o que ele fala sim, sem dúvida eu me ofendo mesmo com o que fala comigo, mas que eu xingo bastante eu xingo também, xingo muito, mando calar a boca, você me respeita porque eu sou mais velha que você, e vou em cima, sabe ai eles me respeitam, quando eu fico brava, eles devem morrer de medo, eu digo que o respeito vem de um pouco de medo também. Quando um menino pega um pedaço de algo pra jogar em você, você não pode correr você tem que falar joga pra você vê, ai ele abaixa o negócio. Mas ou menos isso que acontece com esses meninos, homens, mais bravo acontece. Mas é aquela coisa no outro dia te manda uma cartinha, te pedi desculpa sabe, acaba que você perdoa todo dia, a gente tem que perdoar todo dia, para viver aqui a gente tem que perdoar todo dia.

P: Você tem alguma coisa com religião Maria da Penha?

M: Eu sou católica, mesmo, acredito em Deus, Nossa Senhora, sou uma pessoa que prático né, tenho minhas horas de ir na Igreja, de ir a missa, num só obcecada, tem vezes que eu to com preguiça eu não vou, mas se eu to com vontade eu vou, assumo mesmo que vou se estou com vontade. Mas assim você aprende a viver muito né, você perdoa eles todo dia, eles também tem que te perdoar que tem dia que você ta xingando ele a toa que você vai vê não foi ele que fez foi o outro, mas é assim mesmo. Tem menino que tira você do sério mesmo, se eu falar você não acredita, eu já tive experiência, experiência demais, teve uma que eu trabalhei uma vez, não foi aqui não, ela brigava comigo todo dia porque ela não gostava de arrumar a cama dela, lavar a roupa dela, tacava tudo debaixo da cama, debaixo da estante e ia pro videokê, isso foi

em outra instituição, ia pra quadra e eu ia e buscava ela lá, falava você vai voltar comigo arrumar a sua cama, não vou, eu falava vai.

P: Quantos anos Maria da Penha?

M: Ela já tinha 16 anos na época, eu falei vai que eu estou de mandando, se você não for eu vou te pegar, você não manda em mim, você não é minha mãe, eu sei que eu não sou a sua mãe, se eu fosse você não tava assim, mas agora eu mando em você, e o pior é que ela fazia assim pra me enfrentar e eu encarava ela, ai ela ia, ia e chegava lá fazia tudo me xingando, fazia tudo e bem feito a danada, tudo mesmo. Ai um dia eu tive que vir embora, eu falei que eu ia embora, ai ela foi me levar na rodoviária, falou assim comigo, depois você liga aqui pra gente, esqueci aquelas bobagem. Quer dizer são coisas que acontecem ne. Ela me fez muita raiva, foi uma das que passou pela minha vida e me fez muita raiva. Mas depois eu já tive muitos afilhados, que eu batizei que eu crismei pessoas que eu já representei em muitos lugares, então tem que ter o mal também né, né tudo bem né.

P: E a história deles deixam eles?

M: Nossa senhora, diz que essa menina saiu da aldeia com 18 anos, diz que ela não ta nada bem sabe, pensei to livre, eu tenho colega até hoje, eu ligo pra saber notícia, há pouco tempo veio um menino de lá que ficou na minha casa um mês tratando no hospital das clínicas, eles chega lá em casa, o tia eu posso ficar aqui, ficou lá em casa um mês fazendo. Alias a gente deixa muito rastro bom, acho que isso ajuda muito a viver, lá na frente você não sabe o que pode encontrar, de repente ameniza um pouco as coisas né, mas não é de religião não é a lei da vida mesmo, da natureza, tudo isso faz parte.

P: O Maria da Penha e você teve experiência em diversas instituições então né, você acha que tem um funcionamento melhor dessas que você passou o quê você acha que funcionou melhor em termos de instituição?

M: Eu acho o seguinte que a instituição que pra mim, que mais funciona melhor é aquela que a criança tem..., todos os dias a criança tem ocupação, sabe, uma criança que tem que levantar de manhã ir para o centro cultural, tem professor de reforço, da reforço pra elas em casa, o tempo dela tem que ser o dia todo ocupado, agora se você cria o filho dentro de casa, sem ter o que fazer, criando o grupo, aquela briguinta no, sem muita finalidade, sabe.

P: Você acha que essa coisa do trabalho serve para eles também né? Isso que te da o trabalho? Essa coisa de você ta produzindo alguma coisa, ta trabalhando, pra criança também né?

M: Produzindo, tem que produzir, eu acho que tinha que ter um centro cultural onde todos os dias a criança acordasse de manhã, tomasse café da manhã e ia pra lá pra para casa, pra brincar, às vezes até pra fazer algum trabalho manual, ter aquele compromisso, vir em casa almoçar, uns iam pra escola outros voltavam e de tarde sim ser reuniam em casa para jantar, assistir uma televisão, ficar por ai. Eu acho que eles precisam demais de lazer, lazer, eu não gosto que eles fiquem em casa no final de semana tinha que sair, acho que tinha que ter aquela programação pras crianças na sexta-feira a tarde, sábado de manhã, quantos tem aqui na casa, padrinho não veio buscar não, então nosso grupo vai levar pra sair, tem que ter esse trabalho.

P: E tem aqui ou não?

M: A não, voluntários que podem vem busca um dia de manhã e trazem à tarde, padrinhos sociais que podem pegam na sexta-feira, mas ficam muito dentro de casa sem sair, e aí os que ficam não ficam legal, ta faltando isso, ta faltando assim muita ocupação para eles no fim de semana. O por exemplo, hoje, eles foram pra academia 10:30 horas, voltam uma turma vai pra escola, a outra fica dentro de casa, faz o dever de casa e tudo. Não seria legal se tivesse uma academia que eles fossem a tarde todo, eu to falando.

P: Então tem academia para os que ficam de manhã, mas não tem academia pra os que ficam à tarde?

M: Não tem.

P: Por quê?

M: Só porque tem poucos dias que a Karen conseguiu essa academia, tenho até que conversar com ela, porque muitas vezes eles acham que é por idade sabe, por idade.

P: Os que estão estudando de manhã são os mais velhos?

M: Os que estão estudando de manhã são mais novos, eu não tenho muita certeza desse negócio da tarde, mas eu não sei se a tarde tem. Porque tem poucos dias que eles começaram né, que a Karen conseguiu uma ajuda voluntária né, porque ela é super legal ela vai, corre atrás, tenta uma ajuda voluntária, vai lá conversa. Mas eu acho que falta aqui mesmo uma oportunidade dos meninos não ficarem aqui final de semana.

P: Na aldeia, por exemplo, tinha essas coisas?

M: Tem, lá tem o centro cultural.

P: Uma estrutura maior, melhor? E na cidade dos meninos?

M: Na cidade dos meninos é assim, eles ficam de manhã cedo é oficina, porque lá tem..., em seis meses eles tiram o diploma, fica de manhã na oficina e uma turma na escola, de tarde uma turma na escola, agora depois de 11:00 horas da manhã até o 12:00 as que estavam na escola vão pra casa, e as que saem da escola às 17:00 horas, chegam em casa 18:00 horas, então eles sempre encontram a tarde. Eu acho que é porque o menino fica melhor, ele tira todo a energia, ele perde energia bastante, depois que ele perde bastante energia ele chega em casa ele janta, ele faz seu dever de escola.

P: Só pegar aqui, então você acha duas coisas?

M: A carga horária da mãe social que dura 24 horas ela precisa de ser mais assim, ela precisa ter uma carga horária mais leve, se ela trabalhar 24 horas e folgar só aos domingos, por exemplo, como é em algumas instituições eu acho que não é uma boa não. Eu acho que é assim uma forma de esgotar ela pra que ela possa fazer um trabalho melhor né. E da mais valor, valorizar mais a função dela pra ela ter um salário melhor, porque é muita responsabilidade, se pensa bem, você achar um pessoa com a responsabilidade de cuidar de tanta criança, empenhar o dia a dia para cuidar de tanta criança. Eu acho que a mãe social ela precisa de ter mais valor, e muito mais, porque na verdade ela não tem não, a gente faz mesmo por amor, porque eu acho que tem muito amor.

P: Pois é essa profissão é uma profissão complicada né Maria da Penha, porque é mãe, quer dizer que valor que a gente dá para uma mãe, e ao mesmo tempo é um emprego, é muito difícil, você separar as coisas é muito difícil...

M: Separar as coisas é muito difícil, é uma mãe social, eu acho que é uma mulher que cuida da vida social de uma criança, eu olho mais por esse lado, que é a escola, o trabalho, médico, o dia a dia, a educação, é uma educadora assim com nome de mãe né, mais ou menos isso, mas eu acho que no mais para quem esta empenhado em fazer é legal, esperar o tempo para as coisas.

P: É acho que deu né tá bom.

M: É tá bom, se você não tiver gostando de alguma coisa, você tira.

FIM.

ENTREVISTA - 6

Entidade: Lar Maria de Nazaré

Mãe Social: Maria da Luz

DATA : 16/09/05

P: Maria da Luz, me conta, como vc ficou sabendo desse emprego?

M: Bom, é...na verdade eu tenho esse trabalho, podemos colocar há vinte anos. Porque assim, quando eu comecei esse trabalho, é, eu morava com minha irmã, que eu comecei esse trabalho com os meninos adotivos né, e ela pegou, tinha 10 meninos e eu tinha 18 pra 19 anos então eu assumia a casa, né, olhava, cuidava dos meninos e tudo aí fiquei com ela até os 22 anos. Depois dos 22 anos eu fui pra casa André Luiz, e na casa André Luiz eu trabalhei 8 anos.

P: Quando vc foi pra casa André Luiz como mãe social, aí já era um emprego...

M: Já era emprego...

P: na sua irmã, não...

M: Não na minha irmã não.

P: vc era uma voluntária, vc morava lá...

M: Na minha irmã, morava na casa, eu participava da casa. Então assim, eu sempre gostei, sempre! e assim, já tentei várias vezes, dos 20 anos até os 25, fazer outro tipo de trabalho, sabe...

P: O que por exemplo?

M: Ah... não deu porque assim, fui pra um consultório, ser recepcionista, aí me senti frustrada, porque não era aquilo que eu queria fazer, faltava a aula...aí eles conseguiram pra mim um lugar onde tinha criança, mas era uma escolinha onde era particular, entendeu, então assim, a remuneração era melhor, mas também não era isso que eu gostava.

P: Não tinha nada a ver com um bem social...

M: Não, nada nada, porque não é em termos de só criança não. Aqui é além de só criança... tem uma outra, outra coisa, entendeu, então o que eu gosto no trabalho é isso,

é um verdadeiro desafio. Eu gosto de estar cuidando dessas crianças, crianças , vamos pôr assim: carentes mais do que carentes! É que são situações assim, bem delicadas mesmo ... e todos que eu trabalhei são nessa situação.

P: Então desde os 20 e poucos anos vc tem buscado isso, e como foi que vc chegou aqui?

M: Aqui, ... eu fui pra casa André Luiz, da casa André Luiz eu sai de lá do trabalho, porque desativou lá o trabalho era com menino de rua aí essa casa lar foi desativada, encaminharam os meninos e tudo, aí ficou naquele sistema de só escola, apoio escolar, falei, não, não é isso que eu quero. Aí a Eva tava com esse trabalho, os meninos tavam todos na casa dela, né, não era registrado ainda, era uma casa que apoiava os meninos, eram uma faixa de uns 35 crianças que estavam com ela, aí resolveram registrar. Registraram o Lar Maria de Nazaré, desativou a casa das meninas, aí fizeram uma proposta, falou oh Maria da Luz...e... –Nossa, é isso que eu to procurando, aí, nisso eu to aqui há seis anos, no Lar Maria de Nazaré. Então assim, de lá do bairro, eu só mudei de bairro, né....

P: Ce ta com quantos anos?

M: Vou fazer 35...

P: Ce ainda ta podendo falar, né?

M: (ri) Ah, idade num fala nada não...

P: E aqui Maria da Luz, esse tempo todo vc trabalhou com isso...

M: o tempo todo, oh, fiz é... o segundo grau completo, terminei de estudar, e assim... hoje, até hoje as pessoas falam comigo –“Maria da Luz vc tem que fazer psicologia, ce tem muita coisa e tal...” falei _ “Ah não, agora não quero mais não, não vou dar conta de prestar o vestibular...” “- Não, dá conta sim e tal...” aí recebi um apoio, até de uma moça da Suécia que vem aqui, ela falou, -“Maria da Luz vou pagar pra vc”

P: Que legal...

M: “Ce quer fazer, vou pagar”...aí falei com ela pra aguardar, que esse ano eu to num período assim integral, ficando à noite, mas ano que vem eu pretendo ficar só de dia como mãe social, e à noite deixar pra eu estudar, fazer alguma coisa, procê enriquecer, porque, só a bagagem que a gente tem... e eu quero enriquecer, porque ce vê aquele dia que a gente tava discutindo... eu tenho curiosidade, eu gosto, eu pego sempre é de Rubens Alves, é livro, se a pessoa fala –“isso aqui Maria da Luz, é tese sobre

psicologia”... “-ah, me empresta esse livro”... entendeu, porque eu gosto... e eu leio, tiro a minha conclusão e tal, então assim, acho que vai ser bom, se eu fizer, acho que vai ser uma coisa legal, porque aqui a gente já é um pouco curandeira Nádia, esses meninos nunca tiveram amor... e acho assim independente da idade da gente, porque...não é só uma questão de teoria, sabe...é a experiência, é a vida que te dá.

P: Claro, a pessoa que faz o curso com mais experiência pode aproveitar muito mais, vc com essa bagagem toda...

M: Pois é... aí pretendo isso, então assim... e num adianta também me falar, assim: – “Maria da Luz ce vai ser presidente do lar tal...” não quero! Eu não quero posição, entendeu? Eu quero fazer o meu trabalho.

P: Sei... e sua vida pessoal, Maria da Luz? Namorado...

M: Ah, eu já fui assim, já morei com uma pessoa, né , é assim, a gente separou, e tudo e eu não tava trabalhando assim à noite não, depois que eu comecei, aí, terminamos e tudo, e agora eu tenho um namorado, só que assim ele mora um pouco longe, ele fica em Brasília, então é isso, é distância e tudo, mas assim, se eu tiver planejamento pra ir pra lá, já fiz uma pesquisa lá das instituições que tem lá, assim, tem assim... 2 que eu fui lá em maio, conheci 2 instituições, lá, que fazem um trabalho, não assim como abrigo, sabe, acho que lá, assim, ainda não esta bem aberto igual aqui, mas a desvantagem de lá é que tá tudo misturado, não é separado por idade, assim, né? Mas eu fui lá, conheci, quer dizer, já to pesquisando, uma coisa, assim, da área. É o que eu gosto.

P: E o quê que te levou a escolher isso? A gostar disso? Você sabe?

M: Ó, eu não sei se você vai acreditar, mas eu creio que é um dom. Porque, assim, é... Não fiz curso, aí falei ah: “eu não concordo com isso”, porque eu acho que não existe curso pra ser mãe, esse trabalho aqui não dá pra você fazer um trabalho pelo dinheiro, pelo sustento, isso aí te frustra porque você não vai atingir o que você quer. É uma entrega total, entendeu? Você luta contra seus próprios limites, mesmo. É um desafio a cada dia, mexe com o emocional, mexe, né? Equilibra, porque eu me sinto equilibrada. Principalmente quando tá assim, muito agitada, adolescente, tá... Eu falo assim: “beleza, vou trabalhar isso aqui”, você entendeu? E por isso , assim que, então é igual eu passo pros meninos assim. O corpo, nosso corpo, ele é um todo. E você tem que trabalhar o todo.

Não adianta você mexer só com um braço, e a perna ficar parada. Então, se esse

trabalho eu abracei, eu abracei como um todo. Há uma pequena diferença aí. Quando fala assim: “Maria da Luz, você pretende pegar menino pra adotar?” Falei assim: “Pera aí! Não tem nada a ver uma coisa com a outra!” cê entendeu? Se eu chegar a fazer isso um dia...

P: Cê pensa em ter um filho próprio?

M: Eu quero ter. Mas assim até hoje, não optei em ter, por causa do trabalho mesmo. Eu não queria abrir mão. Porque eu sei que ia atrapalhar as coisas. Se eu tivesse com um filho hoje, eu não poderia estar da forma que eu estou entregando totalmente, entendeu? E também, questiono muito a questão de qualidade do trabalho...

P: E de onde vem esse dom?

M: Não sei, uai...

P: Sua infância foi como?

M: Ah, nós éramos uma família com 9 irmãos, né? Eu fui a última.

P: Caçulinha?

M: Fui. Então, assim, a minha infância foi um pouco complicada, eu acho. Hoje eu entendo isso. Porque assim, mamãe quando me teve, ela já tava, assim, com idade avançada. Com 55 anos.

P: Isso tudo?

M: É. Ela teve 16 filhos. Morreram 7. E uma antes de mim, é... Tem problema assim, excepcional. É especial. Então, quê que acontece, eu nasci normal. Então eu fui a única que foi pro hospital, então mamãe, assim, quando chegou em mim, ela já tava cansada, estressada, chegando na escola eu sofri muito com isso, porque, as vezes era festinha de criança e o pessoal falava: “Invém a vó da Maria da Luz.”. Então eu não admitia que ela era minha mãe, num falava, tinha vergonha, na apresentação do dia das mães eu escondia, isso tudo, assim, com 8, 9 anos. Então, eu via a mãe, na Eva. Eva é minha irmã mais velha. Ela era minha mãe. Entendeu? Então sempre vi isso mãe. Então, fui morar com ela, com 12 anos, assim que começou.

P: A Eva já tinha casado?

M: Já.

P: Então quando ela casou você foi morar com ela?

M: Fui. Aí sai, né? Porque também, mamãe não me agüentava. Ela mesmo falou: “Leva essa menina, essa flagela...” Ela me xingava assim, né?

P: Flagela?

M: Flagela! Nossa menina! Porque eu era uma menina muito inteligente, esperta, fazia umas perguntas... E colocava ela em situação difícil. “oh mãe, mas não... Mas porque? Como que é? Quê que é isso aí, menstruação? O que? Quê que a senhora falou? Como é que é?” “Ah que papo bobo, menina! Para com esse papo bobo, menina!” Pela idade dela, esse trem.... Aí chamava meu pai... olha essa menina com esse papo bobo aqui.... E na verdade, não era nada bobo, era normal, só que pela idade, né?... Por isso eu acho que a gente tem que acompanhar a evolução dos filhos, todos. Entendeu, porque senão, fica complicado, porque a mente, né... Vai passando as coisas você tem que acompanhar. Então não sei, eu vejo isso como um dom mesmo. Então muitas pessoas que eu encontro assim, que já trabalhei, mesmo na casa André Luis há uns 8, 10 anos atrás... “Nó, Maria da Luz ce ta mexendo com isso ainda?” Ce entendeu? “Nó mas ce ta nesse trabalho ainda?” Então, assim, é uma coisa, assim, que pra eles era cansativa. Pra todo mundo que foi comigo ficou cansativa. E eu continuei. Então assim, sempre nessa área. E pretendo continuar ainda sempre assim, nessa área.

P: E porque? Você acha que tem alguma coisa, assim, com o social?

M: Eu conheci como formação. Porque assim, é... criança quando esta em situação de ta abrigo, é... Vê o mundo diferente. Queira ou não, pra ela é um mundo diferente, né? Se sente dentro da delimitação, se sente, né, incomodada, vários aspectos, aí vem da vida, como que foi, relacionamento familiar, né? Vem com aquela auto-estima baixa, aquelas coisa toda. Então, assim, eu gosto de trabalhar nessa área pra mim colocar, ce entendeu? E os meninos que hoje que eu acompanhei eles lá na Eva, que foram criados por mim, que tão com 20 anos, eles falam comigo: “Ah, a Maria da Luz é da nossa!” Tipo assim, né? Porque eles todos hoje... Então a minha linguagem com eles quando eram pequenos, hoje da mesma forma. Então a gente tem um equilíbrio daquilo ali. Entendeu?

P: Cê encontra com eles até hoje?

M: Até hoje! Porque eles foram adotados pela Eva, então são meus sobrinhos. A única pessoa da família que eles vão é lá em casa. Vão, dormem, ficam final de semana. Eu tô com as maiores da Eva que fizeram mais de 20 anos. Tem 3 delas que moram comigo lá. Eu morava sozinha então fiz uma república. Elas tão lá. E tão assim..., aprendendo muito porque sabe ... é limite mesmo. Ah minha filha, não mexe não. Cada um lava seu copo... vai como é que é aí a água, ta gastando muito? Então assim, elas falaram comigo

na reunião que a gente fez, não Maria da Luz eu gosto que cê fala com a gente.. a gente vai pegando. Eu tô falando porque eu passei por isso. Entendeu? Essa necessidade mesmo de sair da casa da mãe e do pai e tem de juntar um dinheiro e comprar uma lata de óleo, mesmo. Ta precisando de óleo? Vai lá e compra! Não fica esperando a mãe dá não, porque na casa é cômodo fora dela é outra história e aí eu faço com elas o que eu passei. Por que quando eu saí da Eva, eu sofri com isso. Porque eu fui morar com u'a amiga e ela fez comida e eu falei cadê a minha? Ah, cê se vira aí. Eu vou ter que fazer para você? A realidade me fez entender, entendeu, porque eu cresci, eu tinha que sair daquele, daquele nível. É o que aconteceu com elas. E é o que vai acontecer com essas hoje em dia, igual eu coloco pra elas, elas vão tê a delas só quando... mas lá fora né, eu até usei um termo quando eu coloquei naquele dia lá foi a questão do portão, tá vendo, ali cê não vê lá fora né?, acho que foi até procê né Loraine, que eu falei do mar (se dirigindo a uma adolescente que estava ao lado). Ali atrás pode ter uma coisa maravilhosa mas vai ter desafio, cê tem que estar preparada pra enfrentar, porque aqui tá muito cômodo né, ta quentinho, tem a comidinha, né, tem carinho, tem tudo. E lá fora? Pode ter isso mas cê tem que conquistar, porque aqui cê chama a pessoa, chama, a palavra abrigo, creche, orfanato chama as pessoas, comove. Então já vivi cena assim que uma vez eu até repreendi uma senhora, que ela vinha aqui, não aqui nessa casa, numa outra casa, que as crianças eram menores. O filho dela foi atropelado com oito anos de idade. Ela não aceitou a morte do menino, não aceitou a morte. Aí no aniversário dele, ela trazia o retrato, colocava o retrato, o bolo, era aniversário dele, quer dizer, chamava os meninos pequenos, eu falei olha deixa eu te falar uma coisa, se ocê tirar o retrato e fizer uma festa e lembrar dele só no pensamento, que ocê tem direito, vai ser muito melhor procê. Mas sabe o quê que acontecia? Ela cantava parabéns, chorava... Os menino pequeno chorava, e eu, - “gente, que cês tão chorando?” - “Ah ele morreu”... eles nem conheciam, entendeu, então era isso, então assim, eu ajudei ela ali, ce acredita que ela falou pra mim assim, “Maria da Luz, passei atirar a foto e lembrar da data...” eu falei –“faz fora da data também, faz fora, esquece a data, a data pode mexer ainda com o seu emocional, e ela começou a fazer isso... e pra ela foi bom, ninguém nunca acho que tinha coragem de dar esse toque, acho que é uma coisa muito dura, mas eu costumo ir na raiz, não gosto de ficar dando muita volta não. Igual as meninas falam comigo, Maria da Luz aqui ce faz terapia de choque, mas num é, é porque eu vou na

realidade, se eu for no superficial, vai chegar até num entendimento, mas vai sofrer mais, pra que? Vai direto... Já vai direto... Aí eu fico vendo, alguma coisa que me incomoda na família, por exemplo, eu moro num lote, meus irmão moram lá. Aí fica lá minha sobrinha chutando, batendo chutando a geladeira e são cenas, que assim eu ensino, eu falo com minha irmã, gente aja só, ela tá te testando, e tá te caindo na dela, ela tá te manipulando. Eu falo “que foi, porque que a Cristina tá chutando a geladeira?” Aí minha irmã - “Ah é porque ela tá querendo dois danoninhos, e eu já falei com ela que eu vou dar um só, eu não vou dar dois”. Falei “Maria, tá vai dar dois” . Ela falou – “porque?” – “Daqui a 5 minutos tá vai dar dois pra ela...” Não deu outra, porque ela não agüentou a menina chutar a geladeira, ela não agüentou o grito, então ela cedeu.

P: Aí na próxima vez...

M: Entendeu? Aí eu falei com ela que seria muito mais fácil, pegar o danoninho, sentar com ela e falar, “é seu; só que você vai comer dois hoje, dois amanhã, sei lá a hora... só que vc não vai chutar a geladeira pq não vai adiantar vc chutar, se vc chutar a geladeira, eu vou pegar vc e vc vai sentar aqui”... mas não tem esse... tá entendeu? Ela prefere deixar a menina bater na porta e tal.

P: Educar dá trabalho demais, né Maria da Luz?

M: Dá. Não é fácil não. Educar, tá tem que educar com amor, o carinho tem que andar junto, a determinação junto, que tá tem que ter, e a hora de puxar a rédea, tá tem que ter.. tem que ter mesmo... quando eu saio de férias que eu não tô aqui, o comportamento é outro. E é isso que eu não gostaria que fosse, tá entendeu? Uma coisa que eu tô querendo chegar assim, que comigo ou fosse com você, fosse com outra, que fosse por elas, não por mim. Fazer por mim, entendeu? Então assim, quando tem reunião aqui, que eu coloco pra mãe social, oh, vão trabalhar na mesma linha, não cede!

P: Porque aqui, como que é o funcionamento?

M: eu fico a semana toda, né, 24 hs, acompanho tudo, escola, tudo... e vou embora final de semana, sexta-feira à noite. Igual hoje. E ela entra, na sexta-feira à noite, mas assim... a capacitação é totalmente diferente, então, segunda eu tenho que chegar e consertar uma coisa, é pra semana toda. Então assim que eu queria, eu já falei muito isso sabe Nádia, trabalhar nessa linha... só que igual assim, eu tive... o pessoal tinha me chamado pra trabalhar, que o ideal seria a Maria da Luz aqui, a Maria da Luz ali, mas não é isso. Poderia se formar várias... claro... que ninguém vai ser igual a mim, não é isso, mas se

você seguir uma linha dentro da educação, falando sempre a verdade, ce consegue, porque a dificuldade é essa, olha, eu harmonizo tudo até sexta. Final de semana, xui...(faz um gesto com a mão). Uma coisa simples, vira...ce entendeu...igual aquela mãe social que teve aqui, ela não dá conta.O nível dela é igual dos meninos, por exemplo,-“ah vai tomar no seu...” e ela:-“vai ocê que já ta acostumado”, entendeu? Então assim, nunca ia conseguir e eu tava, num foi falta de dar o toque, porque assim, eu to aqui Nádia, não é só pra cuidar da casa não. A gente tem que observar que ta formando adultos lá oh! Ce entendeu? E adultos que pelo menos sejam menos frustrados de tanta coisa que já traz. Porque o que eles já presenciaram, não é brincadeira não, é barra mesmo, entendeu, já pegamos menino de dois anos que... falava coisa assim... falava mesmo, é porque já viveu aquilo, entendeu, coisa que a gente nunca passou... e outra coisa quando chega com aquele pacote de coitadinho... nó... detesto esse negócio desse rótulo. Aqui não tem coitado. Aqui não tem coitado! Aqui tem pessoas que estão nessa situação mas vão sair dela... tranqüilamente...vai conseguir vencer isso, sabe, então assim, não tem essa questão de... de coitadinho. Então eu gosto passar sempre isso e acho pra mim, que me incomoda, principalmente voluntário... “ah vou lá te ajudar a dar banho nos meninos, escovar dente, cuidar do cabelo delas...” essas coisa assim,sabe? Vem. Mas numa fala, que ela fala ali, ela destorce a coisa completamente. Aí...-“Nossa ah não... nós vamos trazer um xampu pra ela, tadinha, ela não gosta de usar aquele xampu.Ela gosta de usar aquele” Eu falo “a realidade dela é esse xampu aqui.Ela vai poder usar outro quando ela tiver se sustentando. Ela ta com 14 anos, ela vai entender isso” Não só isso. A caneta é bic. Ela quer uma colorida, não quer? Quando ela trabalhar e tiver condições ela vai poder comprar. Conquistar é bem melhor que ganhar.Entendeu? Então essas coisas assim, as vezes atrapalha um pouco, atrapalha.É igual visita no final de semana, é uma coisa que eu pedi pra cortar. Se fosse pra família, que fosse assim, já preparada pra ficar, pq a criança ia, Nádia, tomava iogurte, danoninho ... fazia a festa lá. Quando chegava aqui que eu colocava o copo com leite com café, o bolo, né..-“Não gosto disso não Maria da Luz” Aí eu -“Uai pq?”.-..Eu quero aquele outro.” -“Qual outro?” -“Aquele iogurte que vem com moranguinho em baixo do copinho...” É... ai eu já pensei... é... aquele de dois e tanto que ela ta querendo , aí eu falei -“oh, não tem. O que a gente tem é esse daqui”. - “Mas na casa da tia tem...” Aí eu falei -“Na casa da tia tem, mas se isso ta te atrapalhando a conviver aqui, e é aqui

que vc tem de ficar, nós vamos chamar a tia e vamos conversar com a tia.” E chamava! Chamava e falava com ela, olha, ce ta agindo dessa forma, nossa realidade aqui é essa. Colocava pra criança, mostrava, entendeu? Pq nessa idade é muito fácil fantasiar, é viver ...querer viver na fantasia é fácil, ce entendeu? Mas nossa realidade aqui é outra...

P: Maria da Luz vc tem religião?

M: Tenho. Evangélica. Mas eu creio que assim... agora... pq...assim...é... a religião serve pra justamente te equilibrar, na verdade, porque, qualquer tipo de religião, se vc não souber lidar com ela, ela te domina também, ce não faz é nada. Ce não faz é nada. É sério! Então assim, uma moça falou comigo “Nossa Maria da Luz, conversa com espírito...vão lá” Eu falo:-“ gente, de misericórdia, pelo amor de Deus, presta atenção! Nós tamos convivendo é com ser humano, presta atenção nisso daí primeiro. Entendeu? Por isso que eu to te falando, se ocê for ver religião, aí ce não vai fazer, ce vai deixar ela te dominar. E ce tem que ter equilíbrio pra tudo.Entendeu? é nessa visão, eu acho que a religião, pra mim, é um ponto assim, de meditar mesmo, uma busca, eu gosto eu sinto bem, ce entendeu, gosto de aplicar as coisas boas no meu trabalho, como né, amor ao próximo, né? Essas coisas todas. Trago isso... harmonia, isso é bom.Entendeu? Independente de ser religião, isso é bom. Acho que ce vive num ambiente melhor. O Ambiente limpo, o ambiente agradável vai ser melhor pra você; quer dizer, eu não vou arrumar a casa só pq vai vir fulano.Não. Nós vamos arrumar pq vai ser bom pra gente aqui, entendeu? Então assim, por essa experiência de ter convivido com menino de rua, que não tinha nem banheiro em casa, muitas vezes, usava o quintal, falei –“pq, ce ta fazendo coco aí, a gente tem banheiro!” –“Que que é banheiro? Quê que é vaso?” Essa realidade, ela é dura, mas existe! Por isso que eu to te falando Nádia, principalmente os pequeninhos. Medo do vaso engolir eles, a mãe falava “ah vai cair aí dentro!” isso tudo a gente tem que trabalhar. E eu gostava principalmente dos menores, eu to com essa experiência com adolescente agora, mas os menores são a faixa que eu mais gosto, pq ce já coloca eles ali, por exemplo, 2,3, 4anos, ce entendeu, fica todo mundo nhem nhem nhem, eu não gosto. Eu gosto de colocar ele ali... não tirar o formato dele de criança, mas colocar ele na realidade. Pq se ele derramou um todd, vai ficar olhando pra vc, esperando, sendo que ele pode pegar o pano e limpar? Entendeu? Menino de 4 anos comigo lá, fazia tudo assim, ele arrumava a caminha, do jeito deles, claro que eu ia lá depois e corrigia... mas hoje, ela a Lorraine, ficou comigo quando tinha um ano e meio.

Ela por ex. chegou na casa André Luiz tava com um ano e meio. Ai nós passamos, mudamos, essa coisa toda, aí reencontramos.... mas ela tem coisa que desde pequena que eu ensinei que ela hoje me mostra em prática, ce entendeu? É isso que... Eu queria ver isso! Então as crianças que foram adotadas, que estão bem hoje, eu tenho sempre notícia delas, eu pego o telefone da mãe que adotou, pra mim ver como é que ta.

P :Ce que liga, ou elas também ligam?

M :Não, eu ligo.Ela também liga.E teve um uma vez, que teve um menininho, que eu falei com ela assim,-“olha, vc vai ter que ter muito pulso com ele. Ele vai te testar de tudo quanto é forma.” –“Não, mas tadinho, coisa e tudo...” Aquela coisa, né? Eu falei “Oh, não vai começar birra não..” Ele tava tão quietinho que ele olhava pra mim no olhar dele ele me falava assim –“ oh Maria da Luz ce pode falar o que ocê quiser, eu sei dominar ela direitinho” Ai eu falava com ele assim, “Ô Ruan, vamos lavar a mãozinha, né, pra almoçar”, ele ia, lavava,né, tudo direitinho... O dia que ela tava lá: -“Ô Ruan, lavar a mão”.-“Não! Ela lava pra mim”! Tipo assim, entendeu? Então assim, depois que eu liguei, ela falou, -“realmente,viu Maria da Luz, vc tem razão, tive de colocar no psicólogo, ele ta me dando um trabalho!” Eu falei com ela –“Eu falei com você!” Tem que conhecer a criança, Nádia, procê saber onde ce vai lidar com ela ali. Deixa ela colocar pra vc quem é ela! Igual os adolescentes aqui, eu deixo ele me mostrar quem ele é. Igual ele chega aqui, eu não falo nada de norma da casa.eu deixo ele livre, aos poucos eu vou falando –“olha, aqui a gente não come na sala a gente tem uma mesa” –“ah mas é só rico que come na mesa!” Eu falei “Não! Não é só rico não!” Porque? Porque a refeição, ce vai comer melhor. Se ocê ligar a televisão ce não vai ver nada, ce vai comer muito, ce vai acabar engordando, ce nem vai ver o que ce ta comendo, entendeu? Então essa regra aqui, eu já coloquei regimento nela, a gente não faz alimentação lá dentro. Cê viu aqui a Lorraine, veio aqui, lanchou, e já saiu, então, se a gente deixar, vai comer no quarto, vai comer em cima da cama, é bom fazer isso? É. Agora já me fizeram uma pergunta dessa e eu soube responder: -“Na sua casa, vc também não come na sala?” Ai eu respondi pra elas –“olha, a alimentação na hora do almoço e da janta, eu não como. Mas uma pipoca, igual eu faço aqui, aí eu como! Isso é bom, isso é gostoso! Mas o principal do almoço, eu não acho legal. Entendeu? Já teve gente aqui que –“ Ah isso não tem nada a ver...” Pra mim tem a ver! É importante observar o quê que tá comendo,mastigar, com calma, acho que é um momento assim, né.

P: Maria da Luz, o quê que vc acha que é inconveniente nessa profissão?

M: ... Às vezes só quando ce depara com pessoas que não tem entendimento. Eu acho assim, entendeu, umas coisas assim, que, é inconveniente, por ex. é...vem aqui, sabe, claro, a gente ta sempre aberto, pro diálogo, pra aprender... Amo, adoro conversar, porque eu acho que eu converso com pessoas que te passam muita coisa legal, passa muita coisa, ce vê que, tem uma fala sua que eu não esqueci, que é aquilo de ser mãe. Não tem essa coisa de adotivo, que a criança que vem da barriga na verdade cê adota ela também. Já passei isso pra outras pessoas, são coisas que eu acho fantástico. Agora, e quando vem pessoas aqui que não são abertas? Que colocam o ponto de vista delas. Entendeu? As vezes discorda do seu ou então só coloca o dela ali, as vezes ta na autoridade maior, vamos supor, o abrigo convidou uma um psicólogo pra estar aqui e se eu vou argumentar, com ela...-“Não, mas eu não acho correto...” “ Não é dessa forma” “. Aí eu falo: -“É sim! E tá errado no dela, porque ela quer aplicar só a teoria dela. Ce entendeu? Eu não, eu falo: -“ não vou agir assim como vc não! Não funciona... Funciona sabe o quê que é? Deixa ela. Ela é que vai chegar no consenso dela. Ela tem que entender o quê que é o errado”. Não é só vc colocar pra ela e cobrar não, entendeu? Então assim, igual a questão do estudo. Eu sempre falo com as meninas – “Olha, Ce quer aprender, você ta interessada? Ce quer recuperar?” –“Não, Maria, eu to” e tudo. Duas recuperaram. Uma não quis! Ela vai ter que tomar bomba pra ela aprender! E a psicóloga não concorda comigo, ela acha que eu tenho –“Não...” Ela acha que eu tenho que passar as meninas... mas não é o passar... ce entendeu como que é? É isso aí. Eu acho que é só isso aí.

P: Maria da Luz qual é o seu ganho com esse trabalho? Salário ce já falou que não é.

M: Salário não tem que paga isso não. Eu ganho crescimento. Crescimento. Nossa Eu amo nó! Todas pessoas que passam por aqui, eu aprendo um troço diferente. Nos tivemos um professor de música aqui, ele era deficiente visual. Gostava de filosofia. Amo filosofia. Ele gostava de conversar comigo. Às vezes, Nádia, atrasava o serviço todo. De tanto de coisa que ele falava. Mas tudo que ele falou, eu peguei o livro. Amor exigente foi ele que me deu pra eu ler. Ele falou assim –“Maria da Luz quê que ocê achou do livro?” –“Quê que eu achei? Olha aqui ó. Minhas críticas” ... ce entendeu pq era tudo sobre como lidar com adolescente. Tinha as críticas, coloquei, debati com ele, frases que ele falou, que eu guardei.... Igual ele falou que é a ... “palavras alertam,

atitudes é que convencem” eu aplico isso no dia a dia, porque não adianta mesmo falar...é no agir, porque se ocê é espelho, cuidado com sua conduta.Porque a outra ta te olhando, ce entendeu? Todo mundo que passa pra mim tem um valor, assim.então assim, to preparando pra sair de férias, agora dia 3, eu nunca saio 30 dias. Eu sinto falta, sabe?

P: Ce vai viajar?

M: Vou sair 20 dias. Vou viajar, mas assim, também vou fazer trabalho lá. Eu conheci um abrigo lá, lá em Varginha, e a menina quer que eu passe pros educadores sociais de lá alguma coisa que eu já fiz. Já separei minhas apostilas, curso que eu já fiz ... uma troca. E vou pegar lá também. Então é isso.

P: Ta bem Maria da Luz. Acho que já deu.

M: Eu acho que deviam investir no profissional, pq assim, eu sou muito correta nas coisas que eu faço.Sou disciplinada, sou responsável, agora, essa cobrança aí, eu vou em cima. Sempre falo: - “quantidade pra mim não mostra trabalho não. Eu quero é qualidade. Não adianta ter 50 menino e ocê ficar perdido no meio da situação, Nádia. A gente perde. Cê entendeu? Então assim, eu sou o braço direito pra Eva. A Eva ainda, assim, não absorve, ela não consegue ainda captar o que eu quero passar. Mas assim, ela fala que eu ajudo ela muito, pq ela gosta da...lida dessa forma...

P: A Eva é a responsável pela instituição?

M: É ela é a presidente daqui, mas ela tem o trabalho a tarde, ela tem 16 adotivos. Na casa dela atualmente, hoje são 2. Agora, a Eva age com o coração, eu com a razão. Tenho coração, sim. Mas a razão tem de andar junto. Pq o coração, ele sofre, ele abala, e ele não agüenta, Nádia, ele não agüenta. Ce vê, o menino chega pra vc e fala, ce chora , ce não agüenta. Agora, ce age com a razão, ce já agüenta. Ce já pensa no futuro dela, ce já coloca pra ela a verdade, entendeu? Então assim, nós tamos na expectativa, tamos esperando aí pra ver o quê que o juizado vai resolver, né, porque que não ta vindo mais criança, eu gosto assim, que venham mesmo...

P: Porque? O que ta acontecendo?

M: Eu não sei, acho que eles tavam esperando essas daí que tavam com um vínculo muito antigo aqui, 8,9 anos... na verdade, elas foram esquecidas. Erro mesmo do Juizado. Erro mesmo do abrigo. Entendeu? Nós erramos. E agora não adianta, você

pegar de qualquer forma, e falar, ce tem uma avo em tal lugar, -“vai”! Eu não concordo com isso. Eu não concordo. Pq o vínculo, ele... ele é muito forte. Entendeu? Não adianta ce pegar uma criança que já ta aqui comigo, que nem Alexandra, ela já ta com 10, nós pegamos com 5 anos. Cinco anos ta aqui. A referencia dela de mãe sou eu. Não tem como. Não adianta ce pegar ela e falar, vai conhecer sua mãe.

P: E essas aí pra sair, como é que fica?

M: Pra ir embora? Aí a Eva entrou com recurso. Porque elas estão na Eva. Na verdade quando eu falo eu, é a Eva. Elas estão com a Eva há 8 anos. Aí o Juiz falou com ela: -“entra com recurso, Eva, cê quer?” Ela falou, eu não vejo outra saída.

P: A Eva quer ficar com elas?

M: Quer, já ta com processo de guarda e tudo. Se forem, ótimo. Ainda vão me pegar ainda, pq os que tão indo embora, eu chamo, eu converso, eu mostro a realidade, e todos, Nádia, todos lá da Eva e essas daqui, gostam de mim.

P: Então a rotatividade aqui não é grande, pq os meninos chegam, mas não saem.

M: Não, agora... foram essas, né? As outras já estão saindo.

P: E essas que estão saindo? Como que é procê?

M: Pra mim é o seguinte, é ... eu não apego...né? ou seja, eu não agarro, é meu! Né? Está comigo. Ta convivendo comigo neste momento. Hoje ocê ta aqui, amanhã, ce pode não estar aqui. Sempre trabalho assim. Desde o primeiro dia que chega aqui. Ainda falo -“Aproveita, o que eu to te passando aqui, porque onde ce for, ce vai levar isso aqui.” Então, muitas brigam comigo, depois de separar, me ligam-“ô Maria da Luz, eu to bem! Ce acredita, meu crochê ta uma maravilha!”. 14 anos, ce entendeu? Ta bem com a família. Então é isso. Eu acho que o principal é ta bem com a família.

P: Ce acha que a Eva se apega demais?

M: Ah! A Eva é Mãe, Nádia! Se apega como mãe! Eu sou mãe, mas... aspas aí, né? Entendeu? eu passo carinho de mãe, consolo de mãe, aquela coisa de mãe, mas não sou A MÃE. Entendeu, então assim, as vezes, pra eles, eles até pegam isso daí, né, a mãe, coisa e tudo, né, e eu trabalho sempre essa relação. Teve um aí, né, 3 anos, -“pode te chamar de mãe, de tia, ou de Maria da Luz?” eu falei: -“do que vc quiser, vai dar o mesmo sentido”. -“ah mas vc vai ser a minha mãe.” Eu falei -“Ta. Mãe emprestada, né, nesse período que ce ta aqui”. Porque a linguagem de uma criança de 2 anos é uma linguagem diferente do de 14, é lógico! Não tem nem como. Igual eu já te falei, que eu

tenho esse hábito de abaixar pra conversar, eu acho isso um respeito à criança...Pq se ela te vê só como autoridade, só vê como ruim ruim ruim ...né, e as vezes ce tem que ser igual eu era com os pequeninhos: enérgica, carinhosa...Por isso que eu gosto de trabalhar com quem não tem limite.Principalmente com quem não tem limite. Eu amo pegar quem não tem limite, Nádia! Eu gosto! De ensinar o limite. Falei –Oh, do portão pra lá não vale não. Aí chegava a psicóloga pra conversar com ele, ele corria lá na rua, - “ei tia!” Aí Quando me via, ele: -“só to fazendo hora com ela, viu?” Sabe que não pode! Ce entendeu? Aí eu falei – “oh, fala com ele, que o limite é do portão pra dentro...” Aí ela falou com ele, ele falou assim.-“Ce nem me mostrou a linha que é...” Essa técnica que eu faço também, assim, -“Oh riscou o chão! A linha do limite é essa!” Minha linguagem com eles é essa. Se vc ensinar com amor, com carinho, ce vai, entendeu? Eu acho que é por aí...

FIM

ENTREVISTA - 7

Lar Efata

Mãe Social: Maria da Consolação

Data :16/09/ 2005

M: ela ta numa série ela conta e o marido dela também, e a princípio a gente achava que a situação era mais era comida, agora que a gente vê que não é só comida, não é só comida é muito pior, porque a gente fica pensando na consequência dessas crianças sendo criadas lá desse jeito, com os pais alcoólicos. Então eles ficam na rua, às vezes vai pra casa, sabe.

P: E aqui tem vaga?

M: Tem que arranjar né tem que arranjar, porque a gente já atende as meninas dela num projeto que a gente tem, então as meninas já vem, algumas vem na parte da manhã outras vem na parte da tarde, mas só isso não ta sendo suficiente ainda, ai vai te que fazer isso.

P: Vai ter que obrigar?

M: Vai ter que obrigar.

P: Consolação, eu quero saber o seguinte, você como você ficou sabendo desse emprego, porque é um emprego não é?

M: Pra mim não é porque começou comigo, eu criei o lar, eu abri, sabe, eu conheci uma família que era de Aidéticos, ta lá surgiu assim. Eu conheci essa família ne, então eles tinham um menino que freqüentava a mesma igreja que eu.

P: Que igreja que é?

M: Igreja Batista. Só que o preconceito era muito grande, ninguém nem chegava perto, nem a família, não pegava na mão, não fazia nada, não abraçava, nem nada, ai eu fiquei assim né, meu coração ficou pulsando. Ai eu falei gente tem que fazer alguma coisa, e eu falei assim então eu vou ter uma atitude, ai eu tive essa atitude fui ajudar essa família, levei pro médico sabe, e dei o remédio, ia todo dia para dar o remédio, só que tinha um bebezinho, o bebezinho passava muito mal. Então eu falei vamos trazer esse bebezinho pra casa, falei com a mãe.

P: Aqui é a sua casa?

M: Aqui é a minha casa.

P: Aqui é a sua casa, sua e do seu marido?

M: Eu e meu marido.

P: E aí virou Instituição?

M: Virou Instituição?

P: Você tem filhos?

M: Tenho, 2 biológicos e 4 adotivos.

P: Nossa, que coisa menina.

M: Aí peguei esse menino, ele ficou comigo um tempo, depois voltei com ele pra casa da família, levava todo dia pra mãe vê, entendeu aquela coisa assim. Aí foi e começou e cada dia aparecia um, parecia que os meninos apareciam do nada.

P: Cada dia chegava um da mesma família?

M: Não, de outras famílias, de outros lugares.

P: ficou sabendo que você tava acolhendo?

M: E veio trazendo, aí quando eu assustei Nádia eu estava com 23 crianças dentro de casa.

P: Nossa, me conta uma coisa Consolação, isso era conveniado com alguma coisa?

M: Não.

P: Qual era o custo disso?

M: Não, mas pois é eu não me dei conta, entende, quando eu vi eu tava com aquele tanto de criança, meus dois filhos, mais aquelas 23 crianças.

P: Qual é a idade dos seus filhos?

M: Um tem 16 anos, o outro tem 17 anos.

P: Isso os biológicos né? Que idade eles tinham naquela época?

M: 5 e 6 anos.

P: Eles eram pequenos, você tinha os outros quatro?

M: Não, os outros 4 vieram depois. Então foi assim, quando eu vi tava daquele tamanho, aí eu falei gente o que eu vou fazer agora, aquele tanto de menino, não tinha pra onde ir, não tinha o que fazer, aí meu marido falou assim, aí um dia nós sentamos e falamos gente nós somos co-responsáveis Com esse monte de menino, aqueles meninos tudo junto e queria ficar, queria ficar, e agarrava de cá, aí nós então agora é hora da gente pensar em alguma coisa, foi quando nós, é... falamos temos que encontrar uma pessoa que nos explica alguma coisa sobre uma instituição. Porque todo mundo

começou a falar, isso é errado, só que nós, eu não tinha essa consciência, parecia assim que para todos era uma irresponsabilidade tão grande e que a gente não tinha consciência menina, que era muito perigoso. Aí nós encontramos uma pessoa muito bacana, que falou não vocês tem que ir por este caminho, aí foi que nos fomos entrando naquele caminho pra transformar nossa casa numa instituição.

P: Pra registrar, pra ter auxílio né?

M: Pra registrar, pra ter auxílio da Prefeitura né, mas mesmo assim quando nós fizemos essa parceria, tinha que ter dois anos de registro né, aí desse tempo, deixa eu só pensar. Então assim foi que nós registramos aí nossa casa virou um abrigo, teve que virar um abrigo né.

P: Me conta uma coisa e virando um abrigo tem uma parceria com uma instituição religiosa, por exemplo, e tem o auxílio da prefeitura?

M: Isso.

P: E tem mesmo?

M: Nós temos assim uma parceria assim com a Igreja, mas a Igreja não nos ajuda, nós temos uma parceria, porque nós freqüentamos a Igreja.

P: Então verba não tem nenhuma não?

M: Não, da Igreja não.

P: Em geral ... O que eu to vendo é que tem uma verba que vem dessa Igreja, em geral tem uma Igreja por trás e tem a Prefeitura junto.

M: Não, não é porque a nossa Igreja tem muitas ações, então ela faz, ela trabalha em outras áreas também sociais, então a nossa casa acaba que nós ficamos assim mais, vamos deixar eles trabalharem nas outras áreas lá e acaba que a nossa não tem, mais aí tem a parceria com a Prefeitura.

P: Então é por isso que você falou sempre cabe mais um, porque nos abrigos tem um número máximo?

M: É aqui em casa também tem, porque por causa do estatuto você tem que ter esse limite, mas assim acaba que você abre um espaçozinho né igual casa de família grande quando chega um parente você coloca, porque a questão toda é a criança. Eu assim, eu vejo muito, eu gosto muito de dá um atendimento bacana pros meninos né, mas assim eu não consigo ver uma criança lá fora precisando de alguma coisa e você falando meu

Deus no, com tão pouco lá, se eu posso dar pelo menos um teto, dar uma comida, uma cama quente né.

P: De onde que vem isso?

M: Olha ontem eu até brinquei com a C. assim, Ô C. dizem que, eu não acredito em reencarnação Por que dizem que você reencarna e que você vem pra ser uma coisa melhor, ou para pagar alguma coisa que você fez lá atrás, então o que eu fiz lá atrás que eu to pagando, eu não sei.Porque eu fico indignada com a situação, eu não posso ver nenhuma situação assim, sabe de desconforto para ninguém que, sabe assim, então, que eu vou lá, olha assim eu não planejo, quando eu vejo eu já to lá dentro, eu já to lá dentro do problema, sabe.

P: Sempre foi assim?

M: Eu só família, meu pai era alcoólatra e meu pai era muito mau dentro de casa com meus irmãos, mas comigo ele era ótimo.

P: Cê era qual filha?

M: Eu era última, a caçula, a última. Então muito agarrada, meu pai ficou doente ele era alcoólatra teve um problema na mão, nem me lembro direito o que era né, a mão dele inchava e depois estourava aquelas bolhas e tinha um mau cheiro. E minha irmã eu não vou colocar comida na boca dele não, aí sobrava pra quem, pra mim, aí lá eu chegava e colocava comida na boca do meu pai, aí eu falava assim ele não fez nada para mim, pra mim ele era maravilhoso, eu nunca apanhei, eu nunca fui xingada, então pra mim ele era maravilhoso então eu achava, eu gostava dele então eu ia e fazia. Aí eu fazia cigarro punha na boca dele, punha comida na boca dele.

P: E sua mãe?

M: Minha mãe eu não vou fazer não, porque quando ele tava bom ele fazia isso, ele me traía, então vai buscar as mulheres dele agora pra fazer isso. Não mãe não é por aí... vem cá, eu era nova tinha oito, nove anos. Aí meu pai morre, aí minha avó fica dentro de casa, fica esclerosada, doida de tudo.

P: Mãe da mãe ou do pai?

M: Mãe da mãe, minha mãe trabalhava pra sustentar a gente, aí minha irmã: - eu não vou cuidar da minha vó mesmo minha irmã com o coração esquisito dela sabe, não vou cuidar da minha vó não porque como se diz antes puxava as orelhas, xingava a gente,

agora tá aí precisando né, eu não vou fazer não. Ta bom, então eu dava banho, limpava coco, limpava xixi.

P: Você tinha quantos anos?

M: eu tinha uns 9, 10 anos e fazia tudo isso, e cuidava dá vó, e ficava com a vó e minha mãe saia pra trabalhar então eu ficava com a vó, aquela coisa, então eu assumi isso.

P: Sua família era religiosa? Pai?

M: Minha mãe sempre é que ia muito pra Igreja, mas não era nenhuma coisa assim.

P: De onde você acha que você tirou isso?

M: Não sei, você acredita. Eu não sei, lá em casa o pessoal fala que eu sou doida né, porque assim ninguém lá em casa faz isso, um dia eu toda assim né, encontrei dois meninos negrinho na rua, trouxe para casa, cuidei deles, eles ficou bonitinho, eu falei com meu irmão: _ Ô Adilson, cê pode cuidar dos meninos, cê tem uma padaria, você ganha bem... Porque eu não tinha dinheiro, o fato assim de não ter dinheiro sempre atrapalha a gente. –“ Cê acha que eu sou doido colocar dois moleques marginal dentro de casa? Ô meu filho pra que, não, não posso! –“ ô A. pelo amor de Deus são duas crianças você pode cuidar, amar, entendeu, dar um serviço, uma profissão pros meninos! Ele não quis, fiquei abismada, fiquei indignada com isso, fiquei ofendida demais, briguei com ele sabe, - sai, você é muito ridículo. –“ Ô Consolação, não é assim, você é muito doida, colocar esse tanto de gente dentro de casa... depois, como que cê tem essa coragem?”. Mas eu não tenho medo, eu entro na favela, eu entro em qualquer lugar.

P:

M: Não a Isabelle eu recebi um telefonema a moça falou que a mãe tinha abandonado ela com ela e ela não sabia o que ia fazer. Aí eu falei... ah, eu era doida para adotar uma menina a

P:

M: Não tinha uma menina e um menino. E eu queria adotar uma criança, ai ele falou é mesmo, então liga pra essa moça e fala pra ela trazer pra nós, ai a moça falou ela é muito feinha, ela não é bonita não, ai eu falei: - “pode trazer então, aqui ninguém é bonito mesmo, então pode trazer”. Aí trouxeram a Isabelle pra mim, ai veio a Isabelle, adotei a Isabelle.

P: Isso foi antes de criar a Instituição? Já tinha alguns meninos?

M: Antes, já tinha alguns meninos, mas não era assim uma instituição não. Aí veio a Isabelle, a Isabelle eu adotei mesmo no papel tudo direitinho. Aí depois a Talita e Tália, a Talita e Tália é um caso! A Talita e Tália chegou em 1998, pequenininhas vieram pro abrigo né, e ficaram doente e veio uma pessoa e falava: - “ah eu não quero” e ia embora, veio outra, -“ah não quero” e foi passando o tempo.

P: São gêmeas?

M: São gêmeas, foi passando os anos, foi passando os anos e as meninas foi só grudando, porque assim, o meu problema sabe, é que eu não consigo, não é igual, se eu falar pra você que do jeito que é com meus filhos, com meus seis filhos, o amor é igual né, o amor pode até ser igual dos meus filhos e das crianças que são abrigadas, eu vejomas é diferente entendeu? Mas eu tenho um negócio pra mim, o amor não é diferente, se for filho ou se não é, entendeu?

P: Você vai cuidar do mesmo jeito?

M: é eu vou cuidar do mesmo jeito, vou cobrar do mesmo jeito, eu vou dar as coisas do mesmo jeito, então o que precisar comigo vai ser sempre as mesmas atitudes que eu vou ter com o meu filho eu vou ter com aquela criança, então pra mim não tem essa diferença, não, eu olho não vão ligar porque, então comigo não é assim, então os meninos acabam se apegando demais.

P: E para ir embora como é que faz?

M: Até ir embora fica essa confusão, e a Talita e Tália ficou tempo demais, porque antes alguns não queriam, porque a menina estava muito doente né, só vomitava e evacuava, comia aqui, saía lá e recuperava muito devagar, agora eles tão lindinhas elas tão até aí, meninas fortes, a elas ali ó, são essas duas aqui. (mostra um mural de retratos)

P: É, são bonitinhas

M: Ta vendo, aí elas já estavam com 5 anos, até você pegar uma criança de quase 1 ano, e elas ficarem bonitinhas com 5 anos, você já pensou, só que aí nós arrumamos alguém, muito bacana né, muito legal, e falou não Consolação, eu quero adotar as duas, eu falei :-“ eu não posso ser egoísta”. Porque uma, que sem dinheiro sabe, como vai ser a vida dessas meninas... você quer saber, já fizemos uma amizade bacana, então vamos lá. Beleza as meninas foram e não quiseram ficar, -“não quero ficar, quero mamãe, quero ir embora.” 5 anos,, -“quero embora, quero minha mãe, não quero”... Pronto, aí voltaram. Ai eu falei então vou entrar na adoção, fazer as coisas no papel, tudo certinho

né, pressionar, então eu vou adotar. Chego lá na hora, eu fui tão sem sorte, que eu não consegui,, eu não consigo ficar com nada aqui não sabe, aquela coisa, coisa assim, de conversar com você e ter uma coisinha pra esconder, eu não gosto disso não. Eu falei, olha existe uma coisa, tanto que hoje nós somos amiguíssimas, somos muito amigas, tanto que as meninas gostam tanto de mim, quanto dela. Pra mim, então entramos num acordo, vamos levar essas meninas, vamos lá tentar, ela quer adotar as meninas, ela é a mãe, ela quer adotar as meninas, ela gosta das meninas mesmo. Ai eu falei, olha gente mais uma vez, o coração, assim, ficou acabado né, não... mas é uma oportunidade pras meninas ne, então tem que ir, vamos atrás dessa oportunidade, não posso ser egoísta não, não vou pensar em mim, não vamos pensar em nós não. Aí deram a guarda pra Luciene, ela chama Luciene. Luciene leva as duas meninas, ai chegou lá ai no primeiro dia, uma delas entrou para dentro do quarto chorando, saíram daqui felizes, na hora que chegou lá em cima, falou com a Paula minha filha, -“agora eu vou mesmo né Paula?” -“vai. Você vai ficar lá, vai ficar bem.” Ai entraram no carro chorando. Ficaram lá chorando na 1ª noite, na 2ª, ficaram 33 dias, 33 dias de choro: -“ eu quero minha mãe, eu quero minha mãe”. Um dia a Luciene veio sozinha estava aqui, não sei o que, não sei o que, aí ...Talita e Tália né, três! O quarto foi o João, o João chegou praticamente assim muito doente, tanto que o Conselho da Infância me ama, tudo quanto é coisa assim perigosa, eles mandam pra mim, todo menino que ta assim doentinho: -“ manda pra Consolação”. Aí mandaram pra mim o João Lucas, e o João Lucas deu um trabalho sabe, ele nasceu de 6 meses, tinha problema no pulmão, tinha problema.

P: De quanto tempo?

M: Seis meses, nasceu e ficou internado esses dois meses, já saiu de lá e veio pra mim, tinha problema no pulmão, tinha problema de respiração, tudo que era problema ele tinha, de respiração ele tinha tudo. Aí fiquei no hospital com ele dois dias, fiquei com ele internado no hospital, e lá no hospital eu comecei a olhar pra ele, foi dando uma paixão, nós dois fomos namorando ali, aí começou, ele assim me conquistou de uma maneira menina, daquele jeito dele assim, ai eu disse:- ah, não tem jeito não. Ai sai do hospital, passou assim na parte da tarde, ai tinha que entrar na fila, então ta bom dava pra arrumar outra pessoa, só que eu fiquei assim quatro, a não vai, ai ela foi lá conversou com o Dr. Lúcio, ai o Dr. Lúcio falou com ele que o menino tava aqui,

com todos nós: - pode ser que ele não sobreviveria, a, mas se ele fosse morrer amanhã, então que seja eterno enquanto dure, até brinquei com ele né, então eu falei com ele, ele vai ter o melhor, se ele durar 1 ano ele vai ter o melhor por um ano. Ai o médico me chamou e falou ele pode não ouvir porque ele teve duas paradas respiratórias e teve uma lesão no cérebro, então ele pode não falar e nem andar, foi o que o médico falou comigo. Aí eu tava ciente que eu ia ter uma criança que não era uma criança... sempre... tá bom, se viver dois anos tá bom, se viver um ano tá bom, aí o médico falou ainda assim, você não espera que ele viva nem um ano, então não tem problema eu não ligo para isso não, eu quero dar o melhor, não sei sabe, não sei se ele vai encontrar alguém que vai amar ele, porque e eu já amo ele demais, tanto que eu quero dar tudo de mim por ele, aí eu peguei aquele menino, entendeu e cuidei dele e não é que o menino sobreviveu.

P: Tá aí até hoje?

M: O menino ta levado demais, três anos fez.

P: Tem algum problema? De audição?

M: Nada, o menino não tem nada, com nove meses o menino tava correndo pra tudo conte lado.

P: Pré-maturo heim.

M: Pré-maturo, e ele é inteligentíssimo, se você ver o menino tocando bateria com três anos, você fica boba de ver. Ai o médico falou comigo o quê que você fez, eu falei eu não fiz nada. Eu não fiz nada entendeu, não fiz nada, nada, nada, eu falei eu vou amar tanto esse menino, falei mesmo. Acho que é um dom que a gente tem...

P: E o seu marido nessa história?

M: É o N., o N. ama tudo que eu amo, entendeu, sabe aquela história de alma gêmea, nós dois é assim, eu amo tudo que ele ama, e ele ama tudo que eu amo é uma coisa.

P: O quê que ele ama?

M: Ele ama a mim, ele me ama, por isso que ele ama tudo o que eu amo.

P: Por que parece que essa coisa dos meninos é uma causa sua é dele também?

M: Sabe quando você pega, vamos supor assim, eu pego isso aqui e amo demais e dou pra você e você começa a amar aquilo ali demais, e aquilo ali vira sua causa, comigo mais o N. é mais ou menos assim entendeu. A causa dele acaba virando as minhas e as minhas acabam virando as dele, entendeu.

P: Ele é da Igreja também?

M: Ele é, ele é pastor da Igreja.

P: Ah ele é pastor?

M: Ele é o pastor da Igreja, e ele faz isso com uma tranquilidade tanto é que assim, a gente tava com um bebê agora, ela foi adotada terça-feira, aí à noite a gente revezava para olhar o bebê né. Eu passava uma noite, porque ele trabalha uma noite sim, uma noite não né.

P: Ele trabalha em que?

M: Ele é militar, ele é policial militar, trabalha uma noite sim, uma noite não, então na noite que ele estava ele olhava, na noite que ele não estava eu olhava o bebê, porque ela tava trocando o dia pela noite, então ela ficava quase a noite toda acordada. Então assim, na maior naturalidade, eu falava assim, eu durmo hoje, você dormi amanhã, então assim acaba a gente ia fazendo isso, e ele faz com uma generosidade, que eu não sei assim, como um homem pode ser tão generoso desse jeito.

P: Como você conheceu ele?

M: Conheci um dia no meio da rua.

P: Ah não, mentira!

M: É, de verdade, na feira assim, encontrei. E é assim sabe, sem sombra de dúvidas ele é assim, se eu falar com ele assim, como eu falei com ele eu vou receber fora esses meninos aqui, a vara da infância vai mandar cinco crianças ou chega hoje à tarde, ou chega segunda-feira, porque o lar tá fechando e essas crianças estão lá e precisam sair, então vão chegar hoje à tarde, ou segunda-feira, eu preciso de duas camas, porque eu já tenho duas camas aqui, e uma vai dormir junto com a outra, então eu vou precisar de duas camas, ele falou tá bom eu vou dar um jeito de arrumar essas duas camas pra você, aí eu sei que daqui a pouco ele sai, arruma essas camas, trás, monta as camas e coloca no lugar, então é assim.

P: É... tudo bem... Consolação, cê acha que tem algum inconveniente nessa profissão, nessas coisas, nem é profissão né? Nem recebe por isso, não?

M: Não, não.

P: É voluntário?

M: É voluntário.

P: Só que é registrada na Prefeitura como mãe social? Como é que é?

M: Na Prefeitura tá né, porque aquela listagem de profissionais né.

P: A guarda também fica com você?

M: Comigo, mas não tem salário, não, eu acho que eu não saberia fazer se tivesse um salário, não sei.

P: Porque em geral é assim, é Profissão?

M: É uma profissão, por isso que eu to falando pra você, eu não sei se eu saberia se fosse uma profissão.

P: É a sua vida né?

M: É, é a minha vida, a minha casa, é a minha vida, são as meninas, né são as pessoas, é assim.

P: Tem inconveniente?

M: O inconveniente às vezes eu fico pensando assim que o quê que pode tocar no coração, porque tem algumas crianças assim tão, como que eu falo, não sei se eu posso dizer assim um coração ingrato sabe, assim que tudo que você faz, tudo o que você pensa, ainda não consegue acalantar o coração. A gente sabe que tem um buraco ali, por falta da mãe, da família, que foi abandonado por tudo. Mas assim todas as coisas que vem elas não conseguem olhar assim com uma gratidão ou receber aquilo assim. Igual tem voluntários aqui nove anos, vem ajudar, aí os meninos vai xingar os voluntários tudo, como você tava falando lá, eu e a C. rimos demais, aí os meninos estão desacatando os outros pra dizer que, aí o pessoal diz Consolação, quê isso, os meninos xingam, não recebem as coisas, aí a gente fica pensando porque que é assim. Então nós temos um Projeto que chama Ler, Digitar e Criar; Ler envolve leitura, interpretação, tudo; Digitar é computação; e Criar é artesanato que elas fazem. Tem uns voluntários da igreja que ajudam. Ajuda até eles também, assim, se sentir útil, né? Aí hoje nós fomos chamados lá na escola, professora mandou o bilhete, eu falei ah N. vai lá você que eu não to com vontade de ir lá na escola não. Aí o N. foi lá e a professora falou: - a Nayara tá péssima em português, péssima em matemática, eu falei, gente denegrindo meu Projeto, porque eu atendo 40 crianças da comunidade, mais o pessoal que trabalha, que tá precisando.

P: Além dessa coisa você tem um Projeto com as crianças da comunidade?

M: Tenho, tenho porque as crianças estavam na rua, para eu tirar essas crianças da rua eu fiz o Projeto Ler, Digitar e Criar, porque eu resgato de lá, trago pra aqui, para eles

evitarem essa coisa do abrigamento, entendeu. Ai assim foi uma técnica que eu tive, porque eu falei assim gente daqui a pouco esses meninos ta tudo abrigado, ai eu vou lá na casa da família, faço a visita, mostro o Projeto, explico pra mãe o quê que é, ai a mãe acha lindo, manda os meninos né. E o pessoal da igreja também, que as vezes ta ali sem uma atividade, isso faz bem pra eles também, é os dois lados. Ai eu falei gente, e os meninos, as mães vem tudo, meu filho melhorou nessa área, meu filho ta assim, nossa menina! olha o bilhete que a professora mandou, as mães vem tudo falando. E a minha, dentro de casa, passando vergonha, falei:- Jesus que vergonha! Nei falou assim, ce não falou nada do Projeto não, né? Num falei não né amor porque, na hora que ela falou Português, mas logo nessa matéria, com toda a ajuda que ela tá tendo, ela tem interpretação de texto quase todo dia com a professora.

P: E ela não vai bem?

M: Aqui vai, e lá é que não.

P:

M: Dois, ah você fica pensando o quê né, sabe o que ela falou comigo, porque eu chamei ela pra conversar porque ela quer ser adotada, aí todo dia ela manda carta pras pessoas que conversaram com ela. Ô Consolação o negócio é o seguinte, você gosta de arrumar uns pobres pra adotar a gente, ela falou comigo.

P: gosta de arrumar o quê?

M: Uns pobres pra adotar a gente, conversa dela! e eu Porque que é pobre Nayara? O quê que é pobre pra você? Pobre é quem não tem dinheiro, não, pobre é quem não tem cultura, não tem nada, falei com ela, não tem educação, não em amor isso é que é pobre, entendeu. Porque eu não quero não, porque eu quero minha professora, porque minha professora é chique e eu quero ser chique como ela.

P: Ah então ela tá indo mal na escola, porque queria que a professora adotasse ela?!

M: adotasse ela. Aí eu falei com ela, mas Nayara a sua professora é tão chique e você não quer ser adotada por ela, você já perguntou a professora se ela quer te adotar? Já. E qual foi à resposta dela? Que ela não quer. Ta vendo é aquela história, eu quero quem não me quer e quem me quer eu mando embora. E o quê que você vai fazer agora? Não sei. Pois é, você vai entrar no caminho da obediência então, ai ela não é, ela não quer ser adotada. Ai a outra chegou para mim eu quero ser adotada, quero voltar pra minha família, quero conhecer minha mãe, ai lá vou eu né. E visito a avó, e visito o tio, e

chamo o tio converso com ele mando o relatório pro juiz, o juiz manda chamar nós duas a menina e eu. Na hora que nós estamos lá sentada né, pra mim nenhuma delas falou nada né, nem fiquei também você fala assim, assim claro que eu não ia fazer isso, besteira, ai cheguei lá sabe o que ela fez na frente do juiz. O juiz então ta você quer voltar para sua mãe, ai ficou calada, então pode falar porque eu sou a única pessoa que pode resolver sua situação agora né, e o que a gente quer fazer é o melhor para você, não é porque eu não quero voltar para minha mãe, eu quero ser adotada, ai eu falei ai meu Deus que eu não to entendendo, não quero voltar para minha família não, você sabe o que você ta falando, você tem 13 anos, você entendeu o que você ta falando, sei eu quero ser adotada, por quem? Por qualquer pessoa, tanto brasileiro quanto estrangeiro, tanto por estrangeiro quanto brasileiro, a então ta bom Clara nos vamos edital externo e daqui a 5 dias sai da instituição então ele explicou pra ela tudo direitinho. Aí chegou aqui ela falou pras meninas assim, viu só bem feito, hoje eu fiz uma coisa, fiz a Consolação passar por mentirosa, a Consolação não diz que não mente? Hoje o Juiz vai achar que ela mentiu. Olha só pra você ver, porque eu sempre falo com elas: - gente é feio mentir, gente não mente, fala a verdade. -Hoje eu fiz ela passar por mentirosa. Aí Nayara falou: - ô Clara que coisa feia, então você falou contra a Consolação então? - Eu falei pro juiz pensar que ela mente.

P: É difícil né?.

M: Aí eu falei ô Clara, eu chamei ela ô Clara que bobagem é essa, porque você fez isso, por nada. Aí eu falei: -Clara que feio, você acabou com meu nome, então né Clara?

P: Mas é nessa mentirosa que ela confia né?

M: É! Aí eu falei com ela assim, pois é Clara você fez isso, agora o Juiz vai achar que eu sou uma mentirosa, quando eu falar com ele que eu achei uma família bacana pra te adotar, o juiz vai falar assim comigo, mentira da Consolação, não dá pra acreditar na Consolação ela é uma mentirosa. Ela começou a chorar, e foi chorando, chorando, chorando, -“então é assim... é uai, por que o mentiroso ninguém acredita mais nele, agora então eu tô sem palavra. Pois é Clara você se danou agora. E saí, sabe? E ela ficou, aí eu falo isso com ela e ela fica irada, porque a novela é mais melhor né, porque ela vai brigar comigo, pra gritar, ai às vezes a gente passa cada coisa. Outro dia ela deu um chute no... na porta do guarda-roupa que ela mandou longe. -Ah você chutou, para mim tudo bem, não é no meu quarto mesmo, meu quarto ta intacto lá, fica

com o guarda roupa quebrado aí, melhor você quebrar o resto das portas aí pra ficar tudo igual. Aí elas ficaram tão sem graça que foram lá e pregaram a porta do guarda roupa todinho, entendeu, porque assim, se você entrar na delas, entendeu? As meninas que vem trabalhar comigo entra na delas, -ah, não vou ficar mais não... num dão conta não! Aí ontem a menina que trabalha comigo, cozinha pra mim não veio, aí eu falei: - ah não, C., pelo amor de Deus! Quê será que aconteceu com dona Lourdes, dona Lourdes é tão boa, dona Lourdes é uma pessoa especial mesmo, ela faz tudo direitinho, aí meu Deus, será que as meninas aprontaram, será que a dona Lourdes não vem, passei a manhã -aí meu Deus se a Dona Lourdes não vier vou ter que procurar outra pessoa amanhã. Já são quatro pessoas que vão embora, porque não estão agüentando esses meninos. E aí quando a Dona Lourdes chegou, que alívio! Aí dona Lourdes: - eu tava com dor de cabeça,, _ não dona Lourdes tudo bem não tem problema nenhum não.

P: E aí quando os meninos vão embora? Porque os meninos dão muito trabalho...

M: Ah tem menino que dá trabalho e vai embora e você sente uma falta danada, sabe, tem uma que chama Caroline que assim, nossa, ela era terrível, eu esquecia dela, a gente faz artesanato em madeira, ela corria lá e pegava o tinner e cheirava, só enquanto esquecia dela! Mas dava um trabalho... mas quando ela foi embora ficou um vazio tão grande. Mas tem uns que você fala assim, aí, vou dormir em paz essa noite! Tens uns que você fala mesmo, não tô com saudades não, aí, tem uns que não dá pra sentir saudade, sabe assim, você sente falta dentro de casa, aquela falta física, mas saudade, coisa assim, tem menino que você não sente não.

P: E quando é um menino muito apegado e vai? Eles mandam carta, ligam?

M: A geralmente os pais trazem pra mim ver, porque assim, eu acabo criando um relacionamento muito grande com os pais então eles acabam trazendo pra mim ver, entendeu, muitos voltam, muitos ligam, eu tenho um que tá com 18 anos ele liga todo fim de semana, aonde ele vai ele liga, tia to no lugar assim, assim, a mãe dele morreu ne, então hoje ele vive sozinho, então ele liga, o eu to em tal lugar, o Consolação eu vou pra tal lugar, então ele liga dando notícias assim, mas tem uns que não voltam mais não.

P: É Consolação acho que dá, né, muito obrigado.

M: Sabe eu vejo que não teria muito sentido se não fosse assim, por que o quê que eu ia fazer, por exemplo, se não fosse isso?

P: É boa pergunta, o quê que você faria?

M: Faria o que eu faço, seria mãe de novo, eu nasci aprendendo a cuidar dos outros, entendeu, parece assim que eu nasci, desde que eu me lembro assim sabe, menina assim, eu já fazia o que eu faço, entendeu, eu não saberia ser, eu não sei ser outra coisa. Às vezes eu penso assim eu gostaria de ser psicóloga, mais aí eu penso ai! ai! eu ia abrir uma clínica enorme, pra atender todas as crianças, aí eu penso não, podia ser pediatra, aí eu já penso em atender todos os meninos pobres, pra tirar eles da fila do SUS, aí já vira aquele sonho enorme, aí tudo que eu penso que eu poderia ser, aí eu já penso.

P: Você estudou Consolação?

M: Estudei até a 8ª série, que eu tive que sair pra olhar os meninos da minha irmã, um nasceu com síndrome de Daw e outro era muito pequeno, a minha irmã não queria que o menino nascesse, tadinho maior bonitinho.

P: então você com 14 anos começou a cuidar dos meninos dela?

M: Isso, porque a minha irmã não queria o menino, porque ele nasceu com síndrome de daw.

P: E esse menino onde está ele?

M: Hoje ele tá grande, tá com 19 anos, sabe estuda em escola bacana, pra meninos assim, hoje ele consegue ter uma vida boa, sabe, consegue ter uma vida legal. Mas ela até hoje trata ele como diferente, ela gosta do mais velho e trata, a gente ver sabe assim, ela trata o mais velho de, e ele é o Fernando. Como se diz, eu morro de rir, ai fico olhando coitada da minha irmã precisa de uma coisa mais pra dar um sentido pra vida dela. Mas tudo que eu penso em fazer, ainda penso que se eu fizesse isso, seria acrescido disso, de pessoas, de crianças assim, de gente.

P: Ah então tá bom...